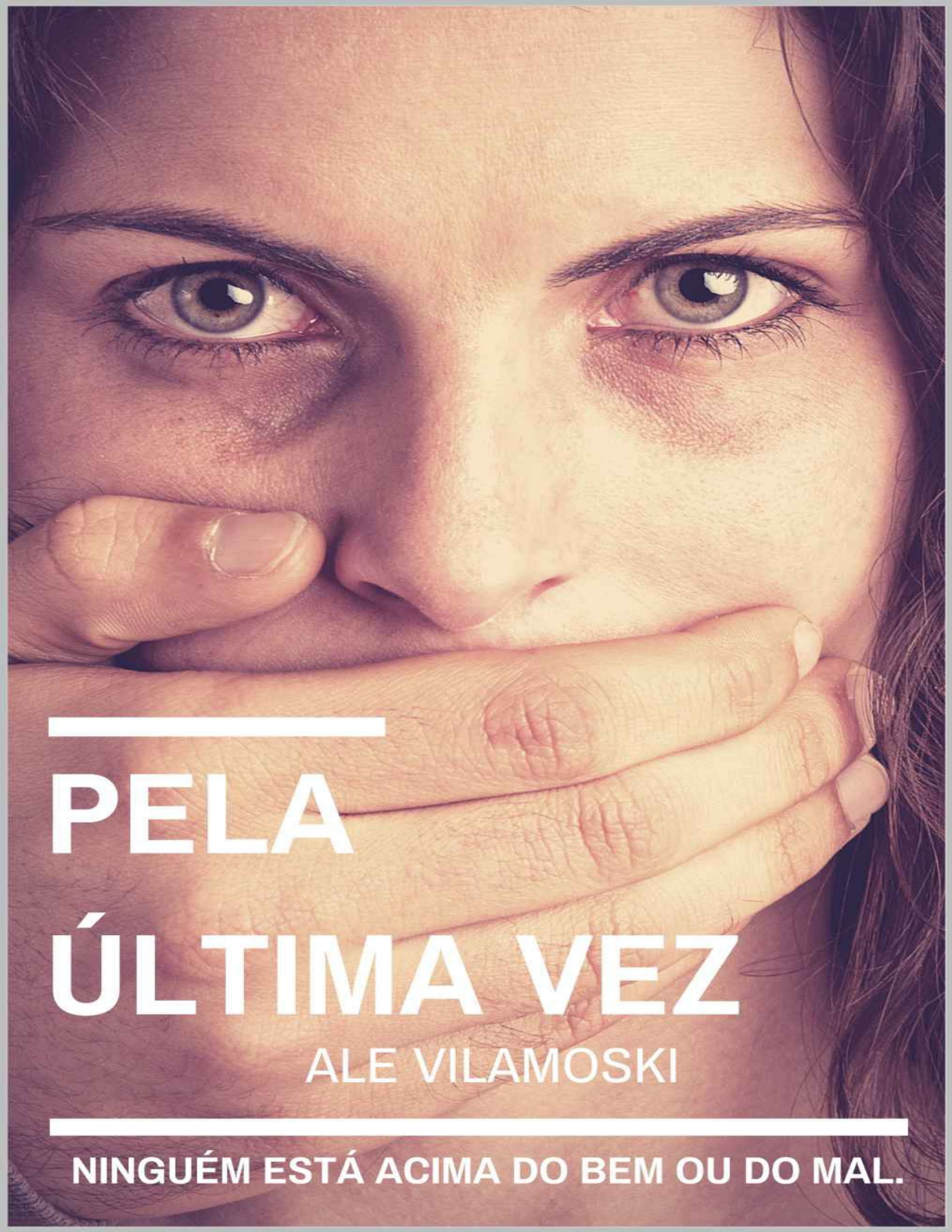


A close-up, high-contrast photograph of a woman's face. She has light-colored eyes and is looking directly at the camera. Her mouth is completely covered by her hands, which are pressed against her lips. The lighting is warm and dramatic, highlighting the texture of her skin and the intensity of her gaze.

PELA

ÚLTIMA VEZ

ALE VILAMOSKI

NINGUÉM ESTÁ ACIMA DO BEM OU DO MAL.



PERIGOSAS NACIONAIS

PELA
ÚLTIMA
VEZ

Ale Vilamoski

PERIGOSAS ACHERON

Copyright©2019 Ale Vilamoski
Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da autora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos é produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Copidesque: Ashlei Rivera
Revisão: Francisca Silva
Capa e diagramação: Ashlei Rivera
Imagem da capa: Depositphotos

Este livro segue as regras da nova ortografia da
língua portuguesa.

Ale Vilamoski
Pela Última Vez
Santa Catarina – SC
1ª Edição 2019

Ficção Brasileira. Romance



“Com todo meu amor, dedico esta obra ao meu
marido Diogo,
que teve muita paciência e sempre me apoiou.
Dedico aos meus filhos Letícia e Maikon por todo
apoio, silêncio e paciência.
Amo vocês.”

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

[Prólogo](#)

[Quando tudo começou](#)

[A vaidade e o tempo](#)

[A realidade do dia a dia](#)

[Detetive exemplar](#)

[Cabeça nas nuvens](#)

[Tomada pela fantasia](#)

[Visita inesperada](#)

[Hora marcada](#)

[Café dos deuses](#)

[Atenção em cada detalhe](#)

[Meu próprio conto de fadas](#)

[Doce ilusão](#)

[A melhor roupa](#)

[A noite perfeita](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De volta a vida real

Apoio incondicional

Inaceitável

Amizade sincera

Happy Hour

Ciúme ou zelo?

O tempo voa

Marcando território

Melhor aniversário da vida

Voando alto

Casa de família

Luxo e bom gosto

Sexo dá fome

Cidade dos sonhos

A grande surpresa

Inacreditável

Pistas

Olhos fechados

Diferentes pontos de vista

Distrações

Sexto sentido

Excessos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tempo para pensar

Lar doce lar

Agora eu dirijo

Noiva do ano

Ladrão de almas

Incompreensão

Mais pista

Perseguição

Hora da caça

Preocupação em excesso

Foragido

Trabalho de risco

Um bom trabalho ocupa tempo

Medo da verdade

A torre mais alta do castelo

Sorte ou loucura?

Sem palavras

Início do fim

O primeiro perdão

As mesmas desculpas

Tudo se torna motivo

Negação e orgulho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Insegurança](#)

[O fundo do poço](#)

[Pela última vez](#)

[Coragem](#)

[Epílogo](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a autora](#)

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Eu cresci muito protegida em uma bela casa com pais amorosos e um irmão mais velho super protetor. Escrevi um plano para minha vida quando tinha apenas dez anos de idade. Era uma fórmula para a vida perfeita, baseada em todas as histórias que eu ouvia. Nos meus planos eu fiz tópicos e estipulei a sequência com que as fases na minha vida deveriam acontecer. Primeiro eu terminaria o colegial, seria rainha do baile, é claro. Depois eu entraria para faculdade de direito, colaria grau como primeira aluna da classe e seria a melhor detetive de todos os tempos, enfrentando todos os vilões que eu encontrasse, principalmente aqueles que quisessem prejudicar as princesas. Eu cresci e alguns pensamentos mudaram, é óbvio, mas a essência permaneceu a mesma. Quando criança, eu lia e ouvia todos os contos de fadas existentes, com todas as lindas princesas da Disney. Sempre sonhei com um casamento perfeito, um marido lindo e dedicado, que me amasse acima de tudo, escalasse uma torre altíssima, enfrentasse monstros e dragões para me salvar, se fosse necessário. Essa parte, por

PERIGOSAS NACIONAIS

exemplo, continuou intacta e aguardando o momento certo para se transformar em verdade. Um belo dia, eu conheci o príncipe com o qual tanto sonhei e o próximo tópico da minha lista de planos, parecia estar muito próximo de se tornar realidade. Aconteceu em um dia comum, na cafeteria que frequentava todas as manhãs antes de ir para o trabalho. Meu Deus ele era lindo, muito mais do que nos meus sonhos e era um tanto misterioso. E naquela manhã, minha vida começaria a tomar um rumo completamente diferente. Todas as minhas certezas, julgamentos e padrões seriam modificados para sempre, inclusive o planejamento de toda minha vida. Em nenhum momento me passou pela cabeça, que por trás daquele rosto maravilhoso, ao invés de um príncipe, vivia na verdade, um monstro muito pior do que qualquer dragão que assombrava meus contos de fadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Quando tudo começou

Era um dia comum e o meu despertador tocou às 7:00 horas da manhã. Levantei da cama, me vesti e sai naquela manhã fria de inverno. Estamos em julho e costuma fazer muito frio nessa época do ano aqui em Gramado. Escolhi esta cidade pra viver e trabalhar, porque simplesmente me apaixonei desde a primeira vez que vim aqui. Pra mim, esse pedacinho do céu na Serra Gaúcha, é a Europa do Brasil. As pessoas aqui são muito acolhedoras, a gastronomia é ótima, a arquitetura parece saída de um filme e as flores... Ah, as flores! Os imensos jardins de hortênsias, no verão e as azaléias no inverno, que deixam a cidade ainda mais linda e encantam os turistas, foi um dos motivos pelos quais me mudei para Gramado quando finalizei minha faculdade de direito aos 24 anos. Eu estudei muito para conseguir uma vaga na Delegacia de polícia da cidade.

— Bom dia Marian! O café de sempre?

— Sim, por favor Charlote! — Eu ia todas as manhãs ao Café das Flores, que ficava a uma quadra de distância do apartamento onde eu

morava. Charlotte era proprietária do café, uma senhora de feições meigas e jeito amável, de quem me tornei amiga desde quando me mudei pra cá, a dois anos atrás.

— Muito trabalho querida? Não sei como você consegue manter esse bom humor e essa sua beleza, trabalhando o dia inteiro em um ambiente tão masculino e com tantos problemas de outras pessoas pra resolver.

— Já conversamos sobre isso Challi – Assim eu a chamava, depois de mais de quinhentos dias frequentando seu estabelecimento diariamente - Eu amo meu trabalho, respeito e sou respeitada por todos os meus colegas de profissão. E além do mais, escolhi essa profissão para poder ajudar as mulheres que não tem a mesma sorte que nós duas. Aquelas que sofrem abusos e são agredidas, na maioria das vezes tem medo ou vergonha de denunciar seus parceiros a polícia. E quando esses casos chegam até mim, é uma questão de honra poder ajudá-las.

Eu escolhi a Delegacia de Polícia de Proteção à Mulher, à Criança e ao Adolescente porque eu sempre me senti muito sortuda por ter sido criada em uma família que apoiava todas as

minhas decisões, me ensinando a ter voz e nunca admitir qualquer situação de abuso. E apesar de agora conviver diariamente com diferentes casos, mas que envolvem o mesmo problema – Violência contra a mulher - eu ainda não consigo imaginar como uma pessoa pode se submeter a um relacionamento abusivo e não fazer nada ou até mesmo se culpar pelos acontecimentos. Olhei por cima do ombro e vi que a fila atrás de mim estava crescendo.

— Challi preciso mesmo ir! Muito obrigada pelo café e tenha um ótimo dia.

Paguei meu café e o segurei apressada. Geralmente tomava meu café ali mesmo, mas me atrasei um pouco ao sair hoje e minha conversa com Challi tomou um pouco mais de tempo que o esperado. Quando estava quase na porta, abri minha bolsa em busca das chaves do meu carro, não vi quando a porta se abriu e bateu com força em mim e no meu café, que acabou entornando todo na minha roupa.

— O que é isso? Você está maluco? Como entra assim... Sem... Sem... — Não consegui terminar minha frase. Olhei pra frente e meus olhos cruzaram com um par de olhos azuis, cabelos negros, pele clara e quase 1,90 centímetros de

altura. Era ele, o príncipe dos contos de fadas que eu tanto idealizava. Apesar de ser muito durona em meu trabalho, ser praticamente a única mulher em uma delegacia com uma equipe formada quase 100% por homens, longe de lá eu me mantinha uma romântica incurável.

— Me desculpe. Por favor, me desculpe! Deixe-me ajudar você. — Ele segurou meu braço de maneira firme, juntou minha bolsa do chão e pediu gentilmente para um dos atendentes do café trazer uma toalha para que eu me limpasse.

— Não precisa se preocupar. Você não fez por querer. — Eu disse tentando remediar minha explosão anterior. — E, além disso, não foi nada demais. Eu moro aqui perto, posso me trocar em cinco minutos.

— Pelo menos me deixe pagar um café novo pra você. Desculpe-me mesmo pelas suas roupas. E por todo esse transtorno.

— Não tem problema mesmo, acontece. Afinal eu também estava distraída, caso contrário não ficaria parada atrás da porta. Preciso ir, até mais.

— Deixe eu me apresentar pra você, muito prazer, Henrique. — Ele apertou minha mão, de maneira firme, mas ao mesmo tempo delicada. Apesar de eu

PERIGOSAS NACIONAIS

ser uma mulher de 1,70 metros, minha mão ficou pequena encaixada na dele. Perfeitamente encaixada, eu não deixei de notar.

— Hum, me chamo Marian, prazer. — Não consegui dizer mais nada. Ele era tão lindo.

— Com certeza gostaria de ter conhecido você de outra forma, mas talvez a gente possa tentar outro dia, o que acha?

E foi então que eu perdi o fôlego. CLARO QUE EU QUERO TENTAR OUTRO DIA. Mas me contive e respondi de maneira desinteressada:

— Sim, podemos Henrique. Eu venho todos os dias aqui, nesse mesmo horário. Agora preciso me trocar, até mais.

— Até amanhã Marian. - Ele olhou no fundo dos meus olhos quando se despediu. Eu tive uma sensação estranha, um arrepio correu por todo meu corpo. Eu sempre tive um sexto sentido muito forte, na minha profissão, inclusive, isso sempre me ajudou muito. E naquela fração de segundo, aquele alerta soou dentro de mim, mas minha atração por aqueles olhos azuis acabaram me distraindo.

Saí porta a fora, apressada porque estava atrasada para chegar à delegacia e ainda tinha que trocar de roupas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A vaidade e o tempo

Eu sempre fui muito vaidosa e no auge dos meus quase vinte e oito anos, minha preocupação com minha aparência só aumentava. Mesmo sendo policial civil, promovida a detetive a quase um ano e trabalhando com muitos homens, me mantive muito segura de mim. Eu adoro me produzir para o trabalho. Amo minha profissão, sou muito competente e isso me dá uma sensação de poder. No dia de hoje, eu havia escolhido um conjunto tailleur preto, com uma camisa branca. Tradicional, mas eu amo. E ao contrário do que muitos pensam, eu posso sim trabalhar de saia e isso não diminuí nem um pouco o respeito que meus colegas tem por mim. Meu conjunto agora estava em estado lastimável, ensopado com meu próprio café e mesmo assim eu não conseguia ficar brava. Aliás, eu estava muito feliz em ter escolhido aquele conjunto hoje, tenho perfeita ciência que sou uma mulher bonita e aquela roupa me valorizava ainda mais. Estava ainda abalada com o acontecimento que me obrigou a trocar de roupas e a emoção que aquele olhar provocou em mim, diferente de tudo

que eu já havia sentido. Voltei ao meu apartamento, abri a porta e entrei correndo, arranquei minhas roupas sujas, peguei uma calça jeans escura, um scarpin preto e muito alto – apesar de me considerar uma mulher alta, amo salto alto e gosto de ficar na mesma altura dos meus colegas de trabalho – e uma camisa azul marinho de botões.

Cheguei à delegacia com vinte minutos de atraso e em três anos de serviço, isso nunca aconteceu.

— Bom dia Judy, pode colocar os novos relatórios na minha mesa, por favor? O que temos pra hoje?

— Bom dia senhora. Já estão todos lá, junto com todos os boletins de ocorrência que fizemos ontem, revisados e encaminhei os papéis. Está tudo bem?

— Ótimo! Está tudo bem sim, obrigada. Ah me arrume um café, por favor.

A realidade do dia a dia

Entrei na minha sala e deixei minha assistente sem muitas explicações. Judy será uma ótima policial, chegou à nossa comarca há seis meses e logo veio trabalhar comigo. Faltam alguns meses para ela concluir sua formação. É a melhor assistente que já tive desde que cheguei aqui. Muito ativa e inteligente, tem me ajudado muito nos casos que estamos atendendo. Além de ser rápida com a parte burocrática – que eu odeio fazer - Judy sabe como tratar as pessoas. Preciso admitir que apesar de ser muito descontraída, levei um tempo a me “acostumar” com a realidade da delegacia e das pessoas que vem nos procurar. Eu lido com situações de violência contra mulheres e crianças todos os dias. São inúmeros casos, cada uma com sua história. Apesar de na maioria das vezes a história se repetir, eu tento tratar cada um de forma única. Porque é tão difícil para essas pessoas pedirem ajuda, que quando chegam aqui, não posso deixar que se sintam desamparadas. Muitas vezes fico frustrada em não conseguir punir o criminoso de forma rápida, mas o que me deixa ainda mais

PERIGOSAS NACIONAIS

frustrada, é quando recebo casos – e isso acontece diariamente – de mulheres que são agredidas por seus parceiros e ficam anos sofrendo abuso físico e psicológico antes de denunciar. Todas as vezes eu tento entender, mas não consigo. Sempre às interrogo com o máximo de cautela e compreensão possível. Toda ela tem o mesmo sentimento: se culpam pelos acontecimentos, sentem medo, mas principalmente vergonha de denunciar e pedir ajuda. Mas o que torna a maioria dos casos mais inacreditável ainda é o fato de 90% das vítimas acreditarem que um dia o agressor vai mudar que elas devem dar quantas chances forem necessárias, até que isso aconteça. Mas na realidade, nunca acontece e isso pra mim é inacreditável. Mesmo sendo uma romântica assumida, me revolta essa esperança inútil em alguém que apenas quer te ferir, de todas as maneiras possíveis. Agora consigo ser mais fria em relação as situação que atendo aqui, mas quando cheguei ficava muito sensibilizada, revoltada e triste. Os piores casos, são quando a vítima finalmente vem até nós, faz a denúncia e dias depois retifica a acusação, justificando que conversou com o agressor e resolveu dar uma nova chance, que eles tentarão

PERIGOSAS ACHERON

novamente. Na maioria dos casos, a violência se torna ainda pior, levando até mesmo a morte da vítima.

— Trouxe seu café senhora. Demorou um pouco, porque tinha uma fila gigantesca na cafeteria. Charlotte falou que você passou por lá de manhã, mas não conseguiu sair com o café. Não entendi muito bem o que ela quis dizer. — Judy sempre me tratou de maneira formal e eu gostava. Apesar de termos nos tornado amigas e chego a dizer cúmplices, por sermos as únicas mulheres da equipe, sempre optei por preservar a minha intimidade. Quando pedi que ela me arrumasse um café, esqueci que provavelmente ela iria até o Café das Flores, que não era tão próximo assim da delegacia, mas minha assistente muito competente sabia que era o meu café preferido.

— Muito obrigada Judy! Sim, fui lá hoje cedo, mas tive um contra tempo. - E o culpado por aquele contra tempo, não me saia da cabeça. - Enfim, nossos oficiais foram checar o chamado de ontem a noite?

— Sim senhora. Pobre coitada, ela mesmo atendeu a porta. Estava com o rosto inchado, mas insiste em não denunciar aquele bandido. Os rapazes me

contaram que mesmo após muita insistência, ela mantém as mesmas desculpas de sempre. — Judy ainda não estava tão durona quanto eu. Ainda se martirizava e sofria junto com cada vítima que atendíamos. Essa mulher em específico, uma senhora de 64 anos, chamada Rita de Cássia, já estamos investigando à algum tempo, após várias denúncias de vizinhos e familiares, sobre as agressões que ela sofre do marido. Eu mesma já conversei com ela diversas vezes, ela se recusa a denunciá-lo. Tem até um discurso pronto, aonde ela fala que ele é o pai dos filhos dela, é um bom homem, que a culpa é dela por deixar ele nervoso, que não quer que ninguém se meta na vida dos dois, enfim. Até os próprios filhos já quiseram registrar queixa, mas ela não permite. E como dona Rita, existem várias no mundo e infelizmente, não podemos ajudar quem não quer ser ajudado.

— Roberto já chegou? — Ele é o outro detetive que atua aqui na delegacia comigo. Raramente atuamos nos mesmos casos. Eu me dedico mais á casos de combate a violência contra mulheres, crianças e adolescentes, já ele trabalha todos os dias para combater o tráfico de drogas. Ele é um homem lindo, diga-se de passagem. Têm trinta e cinco

anos, alto, moreno, uma boca carnuda que me tirou o fôlego algumas noites, olhos grandes, negros e um corpo atlético, do qual ele tem o maior orgulho. Nós dois ensaiamos um romance, mas o Beto – como o chamamos – não é homem de uma única mulher, se é que vocês me entendem. Resolvi tirar meu time de campo antes de me apaixonar e nos tornamos bons amigos, além de sermos uma ótima dupla no trabalho, quando necessário.

— Ainda não, mas ele deixou um recado pra senhora. Disse que não vai estar hoje na delegacia na parte da manhã, mas chega na hora do almoço. Está colhendo algumas informações na rua, algo sobre o caso em que eles estão trabalhando.

— Está bem Judy, obrigada. Assim que ele chegar me avise, por favor, preciso tirar umas dúvidas sobre um caso que ele me pediu para revisar. — Suspirei profundamente e tomei um gole de café. Precisaria muito de café para enfrentar aquele dia. Aquele safado do Beto, imagino as informações que ele deve estar buscando, falei em voz alta pra mim mesma. Mas eu preciso me concentrar, apesar de ter uma assistente muito eficiente, tem relatórios que dependem somente de mim e eu preciso finalizá-los. Meu único problema naquele dia, que

PERIGOSAS NACIONAIS

começou bagunçado, era que minha concentração pendia para aquele par de olhos azuis que encontrei de manhã. Ou melhor, que me encontrou de manhã. Eu não fazia ideia se os veria novamente, mas que eu queria muito vê-los, ah isso eu queria. – Se concentra Marian! – Chamei minha própria atenção mentalmente e voltei aos papéis.

PERIGOSAS ACHERON

Detetive exemplar

Repassei as folhas dos relatórios, uma a uma. Eu era muito perfeccionista e gostava de saber todos os detalhes, de todos os casos em que eu estava envolvida. Afinal, nunca se sabe quando seremos questionados. Tenho um caso em especial, no qual trabalhei durante meses e me orgulho muito em ter chego ao criminoso antes que ele fizesse mais alguma vítima. Eu redigi o relatório final e seria chamada para testemunhar ao Ministério Público, já que o indivíduo foi morto durante uma troca de tiros com a polícia, quando estava prestes a ser capturado. Não poderia deixar nenhuma dúvida de que ele era culpado e que nossos agentes tinham feito o que era certo e livrado nossa sociedade de um monstro. Comecei a ler meu relatório:

“... Homem branco, trinta anos, com 1,90 centímetros de altura, pesando aproximadamente cem quilos. Acusado de torturar, estuprar e matar cinco mulheres, na cidade de Gramado, no estado do Rio Grande do Sul. Todas foram atacadas e mortas dentro de suas próprias casas. Com

exceção da sexta vítima e única sobrevivente. Ela foi atacada quando voltava para casa, após o trabalho. O que fugiu do padrão, mas as pistas, investigações – Os quais tem todos os detalhes redigidos neste inquérito, com nove mil folhas, divididos em quarenta volumes – junto com um longo trabalho de toda equipe envolvida e reconhecimento da sobrevivente, nos levaram até o suspeito. O modo de ação foi o mesmo em todos os casos. As vítimas eram pequenas, todas com no máximo 1,60 centímetros de altura, foram cruelmente agredidas, estupradas e mortas. Encontramos todas elas com os braços amarrados as costas, pés atados e uma marca feita a ferro quente no braço esquerdo.

Descobrimos depois, que estas marcas, eram as iniciais do acusado. As residências não tinham sinais de arrombamento, o que nos fez concluir que ele estudava as vítimas antes dos ataques.

Observando suas rotinas, descobrindo seus horários de chegada e saída e esperando uma brecha para entrar em suas casas sem precisar usar a força. Força essa, que ele guardava para usar contra as vítimas no momento em que as tinha sob seu controle total. Mas seu último ataque, não

foi estudado o suficiente, concluímos então que ele agiu impulsivamente. Atacando a última mulher à noite na rua, desferindo contra ela toda sua crueldade e deixando-a jogada no local, concluindo erroneamente que ela estava morta. A vítima de vinte anos foi socorrida a tempo, por populares que a viram no matagal ao amanhecer do dia. Chegamos ao acusado após o testemunho da mesma, que reconheceu o assassino como sendo um funcionário do mercado que ela frequentava todos os dias, com quem inclusive, já havia trocado algumas palavras. Nossa equipe foi até o local e quando o acusado notou a chegada dos policiais, sacou uma arma e fez um colega de refém, sendo alvejado por um dos nossos franco atiradores...”

Li e reli o relatório várias vezes e reescrevi algumas partes. Esse foi o caso mais difícil e que mais me chocou desde que cheguei aqui. Lido com violência doméstica diariamente, o que pra mim já é uma covardia sem tamanho. Mas esse caso, tamanha violência, premeditada friamente, com vítimas escolhidas ao acaso, com apenas uma característica em comum: preferia que elas fossem pequenas, dificultando assim, ainda mais a defesa,

já que ele era um homem enorme. Era muita maldade e frieza. E a obrigação de encontra-lo foi jogada em minhas mãos. Roberto trabalhou comigo arduamente neste caso. Mas ambos sabemos, que se aquele crápula não tivesse cometido um erro, se tornado ainda mais audacioso ao cometer um crime na rua e nossa pequena guerreira não tivesse sobrevivido, demoraríamos ainda mais para encontrá-lo. E isso me assombrou noites e noites. Senti-me incompetente e incapaz, porque eu não sabia com quem estava lidando e as vítimas não tinham possibilidades de defesa. Quando lido com casos de violência doméstica, eu sei quem é o monstro, sei aonde encontra-los e na maioria das vezes as vítimas tem a oportunidade de pedir ajuda. Não conseguia deixar de me achar um tanto machista ao pensar dessa forma, mas sempre acreditei que é uma escolha nossa se permitir ou não passar por tamanho abuso. Se nós pudéssemos ver o futuro, haveria uma versão de mim mesma, neste exato momento, rindo da minha inocência, falta de conhecimento e poder de julgamento. Se ao menos eu soubesse...

— Senhora são quase 17:00 horas e não a vi saindo para almoçar. — Judy me falou pelo interfone da

sala. Fiquei tão concentrada em finalizar aquele relatório, que não vi o tempo passar. Entre reviver aqueles dias de investigação intensa, meus próprios julgamentos e reflexões, esqueci até de comer e não notei que estava quase na hora de ir embora. Beto também não veio a delegacia naquele dia, não que eu me importasse, mas gostava quando ele estava por perto. E ficaria muito brava se tivesse tido tempo de pegar os relatórios que estou revisando pra ele e não tivesse com quem esclarecer minhas dúvidas.

— Nossa Judy, eu não vi o tempo passar. Obrigada de qualquer forma por não me interromper. Já estou saindo, um momento.

Organizei minhas pastas, dei uma olhadinha no meu celular, com uma pontinha de esperança, inútil e boba, afinal de contas eu não passei meu número para aquele lindo desconhecido esta manhã. Mas no fundo, a minha imaginação fértil e romântica, queria acreditar que ele pudesse ter conseguido com alguém. Mas não foi o caso. Terminei de arrumar minha bolsa e saí da minha sala. A mesa da Judy, ficava em frente a minha porta em uma antessala.

— Há tempos não tínhamos uma sexta-feira tão

PERIGOSAS NACIONAIS

tranquila por aqui, não é mesmo? – Falei pra minha assistente.

— Melhor assim, não é senhora? – Ela me respondeu sorridente.

— Com certeza! – Lhe devolvi o sorriso. – Judy muito obrigada por não ter me interrompido. Eu sei que você fica preocupada por eu comer pouco, mas eu já me acostumei. E hoje, graças a esse dia calmo, consegui finalizar meu relatório sobre os assassinatos. Você sabe o quanto esse caso é importante e o quanto eu preciso estar preparada para o dia em que for depor sobre o dia da abordagem quando nossa equipe atirou nesse infeliz.

— Eu sei sim senhora. Aos poucos aprendi a lidar com seu jeito de trabalhar. Apesar de que, você passar o dia inteiro ali dentro dessa sala, sem nem me pedir mais um café, me deixa angustiada. – Ela sorriu novamente. – Mas sei da importância deste caso e tenho certeza que tudo vai dar certo. Vocês nos livraram de um monstro.

— Sim, eu sei disso. Mas temos que nos explicar minuciosamente. E ainda me deixa furiosa o fato de ele ter morrido sem pagar pelo que fez. A morte é um caminho muito fácil para pessoas como ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gostaria que ele tivesse apodrecido na prisão.

— Com certeza eu também. Mas de qualquer forma, estamos a salvo. Você já vai sair?

— Vou sim. Afinal de contas, preciso realmente comer. — Olhei para ela e sorri. — Esse final de semana não estou de plantão, então nos vemos na segunda-feira. Ótimo final de semana Judy.

— Ótimo final de semana senhora.

PERIGOSAS ACHERON

Cabeça nas nuvens

Eu costumava sair sempre às 17:00 horas da delegacia. Claro, se não houvesse nenhum caso que demandasse atenção extra. Cheguei a virar noites trabalhando. Mas pra mim também não era nenhum problema, já que eu morava sozinha e minha prioridade era o trabalho. A Judy ficava até às 18:00 horas, exceto em dias que ela ficava de plantão.

Eu realmente precisava comer algo, estava zonha de fome. O trabalho me ocupou tanto que não tive tempo para pensar em mais nada. Resolvi ir até a Challi, talvez além de comida, eu encontrasse mais alguma surpresa na cafeteria.

— Olá Challi!! Estou literalmente morta de fome! Quero dois pedaços daquela torta de frango maravilhosa e um suco de laranja, por favor.

— Olá meu bem! Passou o dia inteiro sem comer novamente? Eu já lhe disse pra não fazer isso Marian! Não faz bem a sua saúde!

— Eu sei mãe! — Falei pra ela rindo. Como meus pais moravam longe, eu tinha a Challi o mais próximo de uma figura materna e ela me tratava

como uma filha realmente. Naquele momento, fiz uma anotação mental, que quando chegasse em casa eu precisa ligar pra minha casa e saber como estavam meus pais e meu irmão. Esses anos aqui passaram muito rápido e como minha família mora ainda aonde nasci, no interior do Paraná, que fica bem longe de Gramado, só estávamos nos vendo nos finais de ano e em algum feriado prolongado.

— Não estou brincando Marian. Mas preciso admitir, mesmo assim agitada e comendo pouco, esse brilho nos seus olhos é único minha menina. Como você consegue?

— Eu sou feliz Challi! Amo meu trabalho, tenho amigos maravilhosos e tenho você pra cuidar de mim! Agora por favor, me dê comida!

Ela se afastou rindo e eu refleti o quanto eu realmente tinha sorte por ter encontrado as pessoas certas, na hora certa e fazer o que eu amo. Pra completar o meu castelo, faltava apenas o meu príncipe.

— Prontinho Marian! Coma tudinho, porque saco vazio não para em pé, não é mesmo?

— Pode deixar que eu vou comer tudinho! Challi, como foi o seu dia? Nem tive tempo de lhe pedir desculpas pelo ocorrido hoje de manhã.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah Marian, você tem quase trinta anos, é uma detetive exemplar e as vezes age como uma menina adolescente. Pergunte o que quer saber! Não sou uma desconhecida que você precise buscar pistas e fazer rodeios para descobrir o que quer.

Fiquei chocada! Aquela mulher realmente me conhecia. Eu era tão decifrável assim? Fiquei corada.

— Ok senhora sabichona! Ponto pra você!! Vamos lá, aquele moço em quem eu esbarrei hoje de manhã, você o conhece?

— Na verdade, foi ele quem esbarrou em você. E não, não o conheço. Muito bonito e inegavelmente charmoso, mas tem algo no olhar dele que eu não consegui decifrar.

— Lindo demais não é? Sim, foi ele quem esbarrou em mim. Não sei por que disse o contrário. Mas enfim, achei que você já o tinha visto por aqui. — Não prestei muito atenção ao que Challi disse, mas ela concordava comigo, ele era lindo!

— Vai com calma menina. Essa sua cabecinha romântica, não deixa você pensar direito quando o assunto é com você.

— Ah Challi, por favor! Não seja dramática! Eu vi o cara uma única vez. Nem sei se vou ver de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espero que sim. Pensei comigo e ri internamente.
— Além do mais, lido com homens perigosos e mulheres iludidas todos os dias. Eu acho que sei lidar com o assunto.

— Marian, às vezes a sua profissão faz você ver as coisas de uma forma muito fria, com um poder de julgamento muito forte, sem de fato, conseguir se colocar no lugar da vítima com as quais você lida todos os dias. Você sabia minha querida, que é muito mais fácil julgar qualquer situação, quando se é apenas um expectador e se encontra em uma posição segura? É muito mais fácil julgar a situação do outro. Talvez por isso você afirme com tanta veemência que não entende como aquelas mulheres passam por todo tipo de abuso e não se defendem. Apenas tenha cuidado.

— Obrigada Challi! De coração por todo cuidado. Você sabe que lhe tenho como uma mãe. Não se preocupe, pode deixar que eu sei me cuidar sim. E afinal de contas, estamos falando de alguém que, muito provavelmente, nenhuma de nós duas vai voltar a ver.

PERIGOSAS ACHERON

Tomada pela fantasia

Terminei meu “almoço”, tomei mais um café, me despedi de Challi e fui pra minha casa. Fiquei pensando na nossa conversa durante o caminho. Será que eu julgava demais? Eu tinha uma pistola calibre 38 dentro da minha bolsa, que me fazia sentir segura e empoderada. Várias vezes pensei que poderia ter feito diferença se as vítimas dos meus casos soubessem manusear uma arma. Não, eu não julgava demais. Apenas tive a oportunidade de crescer em um bom lar, que me deu caráter, força e coragem. Jamais permitiria que alguém me ferisse ou ofendesse como eu via acontecer todos os dias com aquelas pobres mulheres.

Cheguei ao meu apartamento e me senti muito feliz. Já havia tirado da cabeça minha conversa anterior e todo aquele dia cansativo. Eu aprendi a fazer isso, depois de algum tempo, separar o trabalho da minha vida pessoal. A porta do meu apartamento era como se fosse um portal, pelo menos eu imaginava dessa forma. Quando eu abria a fechadura e entrava, todo o restante ficava para fora. Preparei um bom banho, um dos motivos

de eu ter alugado aquele apartamento, era a banheira. Eu conseguia relaxar e me livrar de toda carga pesada do dia com um bom banho.

Entrei na banheira e senti aquela água quente tocar todo meu corpo e me renovar. Pensei em ler um pouco, ver um bom filme ou estudar, eu sempre gosto de estar atualizada. Mas no momento em que fechei meus olhos, uma imagem me veio à cabeça e um nome: Henrique! Algo que aprendi também com minha profissão, foi nunca esquecer um nome e um rosto. E com certeza, aquele nome e aquele rosto estavam muito vivos na minha memória. Fiquei relembrando cada minuto daquele doce acidente da manhã. A maneira com que nos olhamos, o jeito dele de segurar meu braço e falar comigo. Ah Marian, deixe de ser boba! Falei para mim mesma! Nem voltarei a ver esse rapaz e estou aqui ocupando a minha sexta-feira à noite pensando nele.

Peguei minha toalha, me sequei e fui para minha cama. Disquei o número da casa da minha mãe e ela atendeu no segundo toque.

— Boa noite mãe, que saudades de você!!

— Ah minha filha, você esta muito ocupada ultimamente. Sabe o que acho dessa história toda

de whatsapp não é? – Minha mãe não era a favor da tecnologia, segundo ela, o celular afasta as pessoas. E em certo ponto ela tem razão, mas senão fossem todas as tecnologias, não sei como faria para morar tão longe da minha família.

— Eu sei mãe, prometo ligar mais vezes e tentar atender todas as suas chamadas! Gostou da foto que lhe mandei das azaléias? Você iria amar vir passar uns dias aqui mãe, está tudo muito florido. – Minha mãe ama flores, entre outras coisas, herdei dela também o gosto por plantas. Nossa conversa durou aproximadamente uma hora e fiquei sabendo de todas as novidades. Meu irmão continuava noivo, trabalhando com meu pai, que também estava muito bem, enfim, minha família continuava a mesma. Me senti muito grata ao pensar nisso quando desliguei o telefone.

Dentre todas as opções que eu havia imaginado para entreter a minha noite, depois de ter conversado com minha mãe, meu cansaço foi maior do que todas elas. Apenas consegui fazer uma busca no Google antes de cair no sono:

“Henrique: senhor do lar, príncipe do lar ou governante da casa”.

PERIGOSAS NACIONAIS

É, gostei do significado. Parece até um sinal. Só faltou estar escrito príncipe do castelo. Do castelo da Marian. Gargalhei bem alto e adormeci profundamente.

PERIGOSAS ACHERON

Visita inesperada

Acordei com um barulho alto, vindo da porta de entrada do meu apartamento. Sentei na cama um pouco assustada, devia ser de madrugada. Não sei porque eu não olhei as horas no relógio. Ouvi o barulho novamente. Estavam batendo na porta. Levantei-me um pouco confusa, não peguei minha arma. Fui direto para porta. A pessoa do outro lado continuava batendo freneticamente. Estou sentindo muito frio. Sem hesitar ou perguntar quem era eu girei a maçaneta e abri a porta. Lá estava ele: alto, lindo e imponente. Quase não consegui respirar.

— Henrique! — Falei em sussurro quase inaudível. Ele veio em minha direção, colocando seus braços ao redor da minha cintura e apertando bem forte. Consigo sentir o perfume dele e a pele macia do seu rosto roçando no meu. Ele me manteve agarrada nele com um dos braços e com a outra mão abriu meu hobby, apalpando meus seios da maneira mais deliciosa que eu já senti. De repente segurou minha mão e olhando bem dentro dos meus olhos, começou a beijar um por um dos meus

PERIGOSAS NACIONAIS

dedos. Minha pele estava fervendo, eu não conseguia entender o que estava acontecendo, como ele poderia estar ali. De repente, estávamos no meu quarto, ele me jogou em cima da minha cama e veio para cima de mim. Foi quando eu acordei num sobre salto gigantesco. Eu sentia meu coração pulsar de maneira frenética. Estava com o corpo completamente encharcado de suor. Um sonho. Tudo tinha sido um sonho! Eu acabara de ter um sonho erótico com um completo desconhecido. Eu só podia estar ficando maluca. Ou precisava urgente de uma boa transa. Talvez ligar para o Beto fosse uma solução. Pensando bem, era melhor eu me levantar e afastar todas essas ideias da minha cabeça. Olhei o meu celular e eram sete da manhã. Eu não conseguia acordar muito mais tarde nem aos finais de semana. Aos domingos, às vezes eu conseguia dormir um pouco mais, mas nem sempre. Como não havia nenhuma mensagem no meu celular, exceto as da minha mãe, presumi que a única agitação da última madrugada aconteceu nos meus sonhos. Que pena! Gostaria muito que tivesse sido real.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Hora marcada

Saí da cama, me espreguicei e resolvi sair para caminhar e tomar um café. Vesti um conjunto de moletom cinza super confortável, mas não largo o suficiente para apagar as curvas do meu corpo. Na verdade me sentia muito sensual com ele. Calcei meus tênis de corrida e saí sentindo o ar gelado do inverno de Gramado no meu rosto. Fiz o caminho mais longo até o café de Challi. Caminhei apreciando as paisagens, os infinitos canteiros de azaléias que dominavam as paisagens de todo este lugar no inverno e enfeitavam ainda mais essa cidade que eu tanto amo. Entrei no café e fui para minha mesa de sempre. Desde que me mudei, eu venho aqui todos os dias da semana, mas somente os sábados eu posso sentar e apreciar o café com calma.

— Bom dia Marian! Vai querer o mesmo de sempre? – Horácio veio me atender. Ele é marido de Challi, tão bondoso e amável quanto ela.

— Bom dia Horácio! Isso mesmo! Quero um café preto passado e uma torrada com ovos mexidos, por favor. Challi não está?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela vem apenas depois do almoço hoje. Estamos com visitas em casa, você sabe como é. Mas ela não vê a hora de vir, você a conhece não é mesmo? — Ele me olhou com um olhar de cumplicidade e um sorriso travesso.

— Sei sim, Challi ama este lugar e não consegue passar muito tempo longe.

— Isso mesmo. Vou buscar o seu pedido, fique a vontade.

— Muito obrigada Horácio. Vou ler um pouco do jornal.

A minha mesa preferida e quase vitalícia, ficava bem ao lado de uma grande janela de vidro, com um imenso jardim de hortênsias e azaléias que Challi cultivava muito bem e com muito carinho. E que eram o motivo e faziam jus ao nome do estabelecimento: Café das Flores. Apreciar aqueles momentos ali e olhar para aquele jardim, era como uma terapia pra aliviar minha alma do caos que eu presenciava todos os dias. Abri o jornal por costume. Gostava mesmo das páginas de esportes e curiosidades, afinal de contas, as notícias das páginas policiais eu conhecia quase todas. Lia também um pouco da página de fofocas. Não que eu levasse algo em consideração ou me sentisse

PERIGOSAS ACHERON

realmente curiosa, mas quando se lida com uma realidade brutal todos os dias, um pouco de futilidade faz bem. Eu gosto também de ler meu horóscopo quase todos os dias, como toda romântica. Sou leonina, o que diz muito sobre mim, exceto esse meu romantismo exagerado. Mas deve ter algo haver com ascendentes ou algo do tipo. Nunca me aprofundei no assunto, mas sempre gostei de ler sobre isso. Faço aniversário daqui uma semana, dia 30 de julho. Hoje no meu horóscopo, dizia que seria um dia de grandes surpresas. Senti-me feliz, com meus quase 28 anos completos, eu precisava dar mais um passo em relação ao meu plano de vida. Eu o havia escrito na adolescência e estava indo muito bem até aqui. Meus próximos passos seriam casamento e filhos, como as personagens dos meus livros, em meio a toda dura realidade com a qual eu convivia, eu sonhava com o meu feliz para sempre.

— Bom dia Marian.

Aquela voz. Aquele perfume. Um arrepio percorreu todo meu corpo. Será que eu estava sonhando novamente? Não, não pode ser. A previsão do meu horóscopo não falhou naquele dia, apesar de eu não estar usando uma única peça da

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cor da sorte.

PERIGOSAS ACHERON

Café dos deuses

Senti que fiquei muito quente repentinamente, deveria estar muito corada. Agora com aquela voz no meu ouvido, cada minuto do sonho da noite que passou estava vivo em minha mente.

— Mesma hora todos os dias, não foi o que você me disse ontem? — Henrique falou com uma naturalidade e charme, que parecia que nos conhecíamos a muito tempo.

— Claro, claro. Não imaginei que você ainda estivesse por aqui. Ah, me desculpe, bom dia. — Falei um pouco embaraçada e demonstrando mais vergonha do que eu gostaria. Parecia que aqueles olhos azuis podiam ler a minha mente.

— Posso me sentar com você? Espero não estar sendo inconveniente. Se você estiver esperando alguém, tudo bem.

— Não, imagina. Claro que você pode se sentar. Henrique não é mesmo? — Falei em tom casual, como se não estivesse certa do nome dele. Mal sabia ele que eu sabia até o significado. — Dessa vez você não vai jogar café em mim, não é mesmo?

— Só se você quiser. — Ele me respondeu com malícia no olhar. Quem é esse homem meu Deus?

— O que disse? — Me fiz de desentendida e inocente. Mas depois do meu sonho e essa pergunta, suspeito que a realidade possa ser ainda melhor do que a minha fantasia.

— Apenas uma brincadeira, me desculpe. Hoje faço questão de pagar o seu café. Aceite como um pedido de desculpas pelo transtorno que te causei ontem.

— Esta bem. Tome café comigo então. Na verdade eu já fiz o meu pedido, mas você pode me acompanhar se quiser.

— Com certeza. Vou fazer meu pedido no balcão e volto já.

Ele se afastou rapidamente, demonstrando pressa para voltar. Eu continuava embasbacada e empolgada com tudo aquilo. Meu próprio conto de fadas estava realmente acontecendo e parecia ser muito melhor do que meus livros. Não posso acreditar em tamanha sorte.

— Pedido feito! — Henrique já estava de volta à mesa. — Pedi para que trouxessem junto com o seu tudo bem?

— Claro, sem problemas. Mas vamos deixar de

rodeios. Você não está aqui em pleno sábado as 7:30 da manhã, por acaso, está?

— Você é ansiosa Marian e gosto disso. Não, não estou aqui por acaso. Estou aqui por você.

Cada vez que ele pronunciava o meu nome, um formigamento acontecia nas minhas entranhas. Ele disse isso com tanta convicção, sustentando o meu olhar. Novamente senti um arrepio percorrer o meu corpo e lá dentro de mim, o meu sexto sentido me dava um sinal, eu só não entendia qual era. Eu deveria ter prestado mais atenção, mas continuava perdida e hipnotizada na profundidade daquele olhar. Como eu não consegui falar nada, ele continuou.

— Sabe que a melhor coisa que me aconteceu ontem, foi ter encontrado você? Mesmo que de um jeito um pouco torto, foi uma ótima surpresa. E você me disse que vem aqui todos os dias, no mesmo horário.

— Mas hoje é sábado! — Respondi esbaforida e encantada ao mesmo tempo.

— Eu resolvi arriscar. — Ele falou de forma simpática e charmosa. — Pelo que pude absorver no dia de ontem, você não é do tipo de mulher que fica na cama até tarde, mesmo aos finais de semana.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nossos pedidos para o café da manhã chegaram. Eu tinha que admitir, que por mais que eu amasse aquele lugar, tomar café nunca foi tão gostoso e continuava tentando compreender tudo aquilo. Era o segundo dia em que eu tinha contato com o Henrique, na verdade primeiro dia se analisarmos bem e eu sentia uma atração tão forte, que tinha a sensação que o conhecia há muito mais tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Atenção em cada detalhe

Reparei no seu café da manhã. Ele havia pedido um café preto igual ao meu, ovos mexidos com bacon, coisa que eu também amava e uma deliciosa fatia de torta de prestígio, que era a minha favorita em todo mundo - e a sobremesa mais famosa do Café das Flores - mas eu não levei isso em consideração no momento, preferi pensar que era mais um gosto que tínhamos em comum, estava muito absorta no conto de fadas que eu estava tecendo na minha mente. Isso era surreal demais para estar acontecendo.

— Então Marian, me fale um pouco mais sobre você. Você estava tão linda ontem, fiquei curioso para saber aonde você ia com tanta pressa e tão elegante.

Senti meu rosto corar novamente. Isso era ridículo! Eu lido com homens todos os dias e quem os intimida sou eu. Porque Henrique causava um efeito totalmente ao contrário me mim? Era como se ele estivesse no controle e eu fosse um dos suspeitos que costumava interrogar.

— Você não precisa ficar corada todas as vezes

que eu falar com você. – Ele disse de forma brincalhona, me fazendo ficar com o rosto ainda mais quente.

— Não seja tão convencido Henrique, não tem nada a ver com você. – Resolvi que aquilo já foi longe demais e eu precisava mostrar que tinha o controle. - Eu apenas estou um pouco gripada e isso altera minha temperatura. – Eu me arrependi do que falei no momento em que acabei a frase. É isso mesmo Marian? Pós-graduada em direito penal e uma gripe foi a melhor coisa em que você pensou? Tantos anos de estudo e você não aprendeu nada.

— Me desculpe, não quis parecer arrogante. Você fica ainda mais linda quando enrubesce. Mas vamos acabar com esse mistério, quero saber mais sobre você.

Eu misteriosa? Pensei comigo, você aparece do nada, ninguém nunca o viu e eu que sou a misteriosa? Deixei escapar um risinho que o deixou intrigado. Reparei que ele franzia a testa quando ficava curioso e naquele momento, me encarava como se estivesse tentando ler meus pensamentos.

— Eu trabalho na Delegacia aqui de Gramado, sou detetive. Lido especialmente com casos que

envolvem violência contra mulheres crianças e adolescentes.

— Uau! Uma mulher da lei. — Ele exclamou surpreso. — E o que levou você a escolher essa carreira?

— Não senhor, uma pergunta de cada vez. Agora quem pergunta sou eu. O que você faz? Porque está em Gramado?

— Estou sob interrogatório senhora? — Ele me deu um sorriso lindo e charmoso.

— Ainda não senhor. Mas sugiro que me responda espontaneamente ou tenho meios de conseguir sua ficha completa, incluindo histórico escolar. — Olhei pra ele e sorri de forma sedutora. Afinal de contas eu também sabia fazer esse joguinho e estava achando muito divertido.

— Eu trabalho com investimentos. Sou filho único e meus pais faleceram a alguns meses, então estou administrando a empresa sozinho agora. Venho de São Paulo e acho que Gramado pode ser um ótimo local para a corporação investir e participei de algumas reuniões durante a semana com investidores aqui da região.

Um homem de negócios, lindo, charmoso e inteligente. Será que eu mereço tanto? Claro que

mereço! E muito!

— Na verdade ontem eu estava voltando á São Paulo, mas vi essa cafeteria no caminho e tinha lido sobre ela como sendo um dos melhores cafés de Gramado. Ainda bem que eu resolvi parar e esbarrei em você.

Novamente aquele sorriso, aquele charme e todo aquele frio na minha barriga. Não posso jogar fora essa chance do destino.

— Então não podemos desperdiçar essa oportunidade, não é mesmo? – Olhei para ele bem séria, já tinha terminado meu café e ele também. – Quais são os seus planos para o final de semana Henrique?

— Como eu encontrei um ótimo motivo para ficar por aqui, pensei que você pudesse me mostrar um pouco dessa cidade linda. Não tive tempo para passear nesses dias em que estive trabalhando aqui.

— Então você encontrou a sua guia! Desconheço pessoa mais apaixonada por Gramado do que eu, então vou amar te mostrar tudo por aqui – Olhei para ele sorrindo. Ele pagou a nossa conta e saímos do Café das Flores.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Meu próprio conto de fadas

Eram 9:00 horas da manhã, o sol estava saindo e o ar gelado brindava nossos rostos. O sentimento que tomava conta de mim naquele momento era de infinita gratidão. Por ser quem eu sou, pela coragem de lutar pelos meus sonhos e nunca deixar que ninguém me impedisse. Gratidão por esse encontro da vida. Eu senti ali, que Henrique tinha chego pra ficar e me ensinar muito sobre tudo. A única coisa que eu não conseguia perceber naquele momento, é que algumas lições precisam ser aprendidas, mas nem sempre a maneira com que a vida nos mostra é fácil.

— Eu moro aqui em Gramado á três anos. Visitei a cidade quando ainda estudava advocacia e soube que era aqui que eu queria viver. — Estávamos caminhando lado a lado, bem próximos um do outro. Eu consegui sentir aquele perfume maravilhoso que vinha dele. — O que eu mais amo aqui são as flores, são maravilhosas durante todo o ano, cada uma predominando em uma estação. Você já viu jardins mais lindos?

— Eu já viajei o mundo todo Marian. Meu trabalho

exige muito de mim, sempre a procura de novos lugares, para novos investimentos. Depois que meus pais se foram, eu decidi que preciso de um descanso. Tenho 34 anos e praticamente nenhuma família e sinto falta disso. Mas voltando a sua pergunta, mesmo com tantas viagens, foi aqui em Gramado que vi a flor que mais me chamou atenção em todo esse tempo.

Ele me olhou tão seriamente, de uma maneira tão verdadeira que a corrente elétrica entre nós dois era palpável. Eu tive certeza que ele sentia o mesmo que eu e éramos incapazes de descrever esse sentimento. Com o rosto corado mais uma vez e o coração saltitando, resolvi que o levaria para conhecer o Lago Negro. Tem cenário melhor para brindar aquilo que estávamos vivendo?

— Existem vários pontos turísticos aqui, mas um dos meus favoritos é o Lago Negro. Tenho certeza que você vai se apaixonar. Você está de carro? Eu vim a pé, como moro aqui perto, resolvi fazer uma caminhada.

— Confio no seu bom gosto. Vim de carro sim, está aqui.- Atravessamos a rua e andamos alguns metros. Ele abriu a porta do passageiro pra que eu pudesse entrar. Mais um ponto pra ele. Nesses

tempos modernos, essas atitudes de cavalheirismo eram raras. Eu e o Beto saímos vários meses e a única coisa que ele abria para mim, era o meu sutiã. Mas Henrique era completamente diferente de todos os homens que já conheci e me causava um sentimento completamente desconhecido também. Ele dirigia um Porsche Cayanne preto, com películas negras e rodas prateadas. Era lindo e misterioso, como o seu dono. Nunca fui uma grande admiradora de carros, mas conhecia alguns. E se eu fosse julgar pela minha experiência, devido a minha profissão, poderia dizer que Henrique era um playboy mimado, apenas de olhar para o carro dele. Mas como eu o conheci primeiro, tive certeza que o meu Henrique não era assim e que eu tinha que ser menos preconceituosa.

— Então minha guia turística, por qual caminho eu vou?- Ele falou desafiador. E nesse momento, eu pensei rapidamente que estava entrando no carro de um completo desconhecido, armada apenas com meu celular. Que diabos estava acontecendo comigo?

Descemos a rua em direção ao Lago Negro, o clima estava perfeito para um passeio ao ar livre. Chegamos lá em apenas 20 minutos. Apesar de ser

um dos pontos turísticos mais procurados da cidade, hoje estava pouco tumultuado. Até isso estava á nosso favor.

— Nossa Marian, você tem razão! Este lugar é realmente incrível.

— É mesmo! Parece o cenário de um filme. – O Lago Negro de Gramado possui uma natureza belíssima e exuberante, um lago com fundo verde escuro onde é refletido os pinheiros que se misturam com os coloridos das hortênsias azuis no verão, e as azaleias no inverno. Outra vez, as flores que me encantam. O clima daqui e a paisagem, fazem com que você se sinta na Europa e tenha a nítida sensação de paz. Sem dúvida, esse lugar me ajudou a relaxar em muitos momentos de estresse extremo, vividos na delegacia.

— Não me espanta o fato de você vir aqui muitas vezes. Com a profissão que escolheu somente um lugar como este para acalmar a alma.

— Exatamente Henrique. Mas apesar de todos os pontos negativos, eu amo a profissão que escolhi. Sinto que faço a diferença na vida dessas mulheres que não tiveram a mesma sorte que eu. Digo, em relação a minha família, educação, enfim.

— Minha mãe nunca trabalhou fora. Fui criado a

moda antiga, pode se dizer. — Olhei para ele de forma curiosa, o que ele percebeu. — Não parece, não é mesmo? Pareço um cara moderno, mas não sou tanto assim.

Estávamos caminhando por uma das trilhas que o parque abriga, caminhando entre pinheiros e flores, sentindo a suave brisa do vento contra o rosto e o doce perfume das flores. O clima de romance era inegável. Ele continuou contando a sua história.

— Minha mãe viveu para cuidar de mim, do meu pai e da nossa casa. Tenho que admitir, que mulheres tão independentes como você, são um território desconhecido pra mim.

— Nossa Henrique, você falando assim, parece um dos personagens dos livros que eu costumo ler, que viveram no século passado. — Nós dois rimos do meu comentário e ele segurou minha mão. Fizemos todo o restante do caminho de mãos dadas.

— Então você gosta de ler ficção também? Achei que detetives só liam livros sobre direito, crimes, julgamentos, investigação, etc.

— Não seja bobo. Eu tenho uma vida fora da delegacia e uma vida muito boa, aliás. Mas gosto de ler sim. Sempre gostei, desde pequena. Um dos

PERIGOSAS NACIONAIS

motivos que me tornei policial civil e logo depois detetive foram os contos de fadas. Eu queria poder ajudar as mulheres a terem seus finais felizes. Ninguém é obrigado a viver uma vida de agressões, sejam físicas ou psicológicas.

PERIGOSAS ACHERON

Doce ilusão

Continuamos nossa caminhada, conversando sobre tudo ou não dizendo nada. Nossas mãos continuavam entrelaçadas e só me dei conta do horário, porque meu estômago me avisou.

— Meu Deus, o tempo passou muito rápido, já são quase 13:30 da tarde. Estou com fome! – Eu disse em voz alta, muito assustada por não ter visto o tempo passar. Nossa conversa estava tão boa, o momento tão gostoso, que eu poderia ficar ali para sempre.

— Não seja por isso, vamos resolver esse problema. Você não é daquelas que comem apenas salada, não é?

— Pode apostar que não! – Olhei pra ele rindo e faminta. Preciso admitir que minha fome, estava muito além do almoço. Mas eu teria que segurar minha ansiedade, afinal de contas eu precisava manter o mistério, ser uma mulher difícil e todas aquelas regras que aprendemos desde cedo.

Almoçamos em um restaurante que fica no Lago Negro, muito aconchegante, com grandes janelas de vidro, pelas quais podemos continuar

admirando a paisagem e tem uma comida excelente. Quando terminamos de almoçar, eu me sentia cansada, mas não queria sair de perto dele.

— Marian, você quer jantar comigo hoje? Como vou ficar na cidade por mais uma noite, você poderia me levar para conhecer um bom restaurante.

Fiquei maravilhada com a ideia. E ao mesmo tempo aterrorizada, porque eu definitivamente não tinha roupa! Precisava arrumar uma roupa para jantar com o Henrique.

— Claro, eu adoraria! Você poderia me deixar no meu apartamento agora e me buscar as 19:30, o que você acha? — Apesar de eu não querer perder a companhia dele eu precisava me organizar para aquele jantar. Meus planos para esse final de semana e para quase todos eles, eram apenas descansar, ficar em casa vestindo o pijama favorito, lendo ou assistindo um bom filme. Eu tinha muitas coisas a fazer.

— Acho perfeito! Você mora perto do Café das Flores?

— Sim, é uma quadra de distância. O Café das Flores foi um ponto positivo quando eu estava escolhendo meu apartamento. — Disse sorridente e

PERIGOSAS NACIONAIS

lembrando o quanto eu gosto do meu cantinho.

PERIGOSAS ACHERON

A melhor roupa

Henrique me deixou em frente ao meu apartamento as 15:00 horas. Entrei apressada e sem acreditar no rumo que meu final de semana havia tomado. Pela primeira vez na vida, desde que eu leio o horóscopo, hoje a previsão se cumpriu. Ainda bem que meu apartamento estava bem organizado, dona Trude, a mulher que me ajuda a mantê-lo limpo e vem na minha casa uma vez por semana, esteve aqui ontem. Ela foi a melhor coisa que a Challi fez por mim, nos meus primeiros meses em Gramado, as duas eram muito importantes para mim e fortes pilares na construção da minha vida aqui. Eu gostava muito da Trude, mas nesse momento em especial eu gostava muito mais. Não que eu estive pensando em convidar o Henrique pra entrar, nada disso. Afinal era o nosso primeiro encontro, mas eu gostava de ter tudo arrumado. Então vamos lá, o que vestir? Eu abri meu armário, que tinha pilhas gigantescas de roupas, mas nada parecia apropriado para aquela noite. Meu celular vibrou, era uma mensagem de Henrique.

“Eu gostei muito do nosso sábado Marian, você é uma mulher surpreendente. Estou ansioso pelo jantar. Beijos, até depois.”

Também estou ansiosa para o jantar, ainda mais pela sobremesa. Marian! Não pense isso! Claro que foi um pensamento rápido, logo tirei isso da cabeça. Por Deus, conheci o homem hoje!! Contenha-se Marian! Chamei minha atenção mentalmente.

“Obrigada Henrique, eu também gostei muito. Esse dia inteiro, com certeza foi surpreendente. Até depois.”

Resolvi não colocar beijos nem falar muito, afinal de contas eu sou um oficial da justiça, uma mulher, com quase trinta anos e não uma adolescente de quinze. Larguei o celular e resolvi que o primeiro passo seria tomar um bom banho. Coloquei minha banheira para encher, abri um frasco do melhor óleo de banho que eu tinha em casa e enquanto a banheira enchia, voltei ao meu armário. Eu tinha comprado um vestido vermelho

de linho no mês passado e ainda não tinha usado. Ele tinha mangas longas, deixava meus ombros à mostra, estilo um tomara que caia e o comprimento era meia coxa. Tudo isso, bem colado ao corpo. Resolvi que o usaria hoje, junto com o conjunto de lingerie vermelha que comprei para usar com ele. Não que eu estivesse pensando em mostra-lo, afinal de contas conheci o homem hoje! Eu apenas queria me sentir irresistível. Com o problema da roupa resolvido, entrei no meu banho e relaxei. Repassei cada momento do dia, cada conversa e cada frase que dissemos. Eu estava literalmente no céu, fazia muito tempo não me sentia assim, com o espírito leve e a cabeça nas nuvens. Apliquei uma máscara hidratante nos cabelos, depilei as pernas, pra mim mesma é claro, porque queria me sentir completamente bonita, nada demais não é mesmo? Saí do banho, sequei e escovei meus cabelos. Tenho cabelos escuros ondulados que chegam até a minha cintura. Amo usa-los soltos e com volume. Fiz uma maquiagem leve, passei meu óleo corporal favorito, vesti a lingerie, o vestido vermelho e calcei meus scarpins também vermelhos, me olhei no espelho e gostei muito do que vi, espero que Henrique também goste.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A noite perfeita

As 19:30 em ponto, minha campainha tocou. Dei uma última olhada no espelho, borrifei mais um pouco de perfume e abri a porta. Ele estava com o braço encostado em um das laterais da porta, vestindo calça jeans azul escura, uma camisa gola polo branca com um suéter preto por cima. Não poderia estar mais lindo. O perfume dele me inebria de tal forma, que eu não consigo explicar. Ele me olhou dos pés a cabeça, analisando cada detalhe, acho que gostou muito do que viu. Nossos olhos se encontraram e nenhum de nós dois disse uma palavra. Aqueles olhos azuis, tão claros, de repente se escureceram e avançaram em minha direção. Eu não falei nada, não pensei em nada, apenas senti. O gosto dos lábios dele tocando os meus, as mãos dele pelo meu corpo, aquela corrente elétrica entre nós dois. Ele tirou o suéter e depois a camisa. Puxou o meu vestido pra baixo, tirando-o de mim completamente. Fiquei apenas de lingerie e sapatos. Mas não me senti envergonhada. Eu tenho um corpo bonito e tenho consciência disso. A expressão no rosto do Henrique só

reforçava o que eu já sabia.

— Meu Deus do céu Marian. Você é perfeita! Perfeita! Eu te quero pra sempre, só pra mim!

Ele me beijou novamente, com mais força e mais desejo. Eu nunca me senti tão excitada. Fomos nos beijando e eu nos conduzi até o meu quarto, ele pressionava o corpo dele contra o meu. Dessa vez não era sonho, era muito real! E a realidade acaba de me surpreender mais uma vez, sendo melhor do que as minhas expectativas. Quando entramos, ele me jogou na cama e ficamos ali até de manhã, fizemos amor a noite inteira de forma intensa. Eu não queria que ele fosse embora nunca mais. Adormecemos juntos, abraçados um no outro, quando eu acordei eram 7:00 da manhã. Estava frio, mas eu conseguia ver pela minha janela que tinha um sol lindo lá fora. Henrique continuava dormindo abraçado em mim. Olhei meu vestido vermelho jogado no chão e pensei comigo: não foi dessa vez que ele saiu pra passear. Rindo sozinha, pensei no motivo que me fez ficar em casa e não faria nada diferente. E daí se nos conhecemos ontem? Em que século estamos vivendo? As mulheres podem e devem fazer tudo o que elas quiserem. Fugi do abraço dele e resolvi preparar

um café pra nós dois. Vesti apenas o meu hobby de cetim preto e fui para cozinha. Eu estava muito feliz! Coloquei a água ferver e comecei a preparar alguns ovos com bacon, que eu sabia que ele gostava. Comecei a cantar baixo e dançar em frente a pia.

— Uauu!! Você é cheia de surpresas mesmo. Poderia ter me mostrado essa dança ontem. — O senti me abraçando forte pelas costas e visualizei naquele momento, anos e anos felizes de nós dois acordando assim.

— Eu não tive tempo de dançar ontem. Você me agarrou na porta! — Olhei para ele com um olhar malicioso. — Está com fome? Estou preparando um café pra gente.

— Com certeza estou. Preciso repor as minhas energias, afinal de contas você não me levou para jantar ontem. — Ele falou isso com um sorriso brincalhão. Devia estar se achando um garanhão, o que ele realmente era. — Preciso voltar para São Paulo hoje ainda no final da tarde Marian, mas pretendo voltar logo. E se você quiser me ver de novo, voltarei o quanto antes.

Se eu quiser vê-lo de novo? Querido, eu vou me casar com você! Já programei toda a nossa vida,

PERIGOSAS NACIONAIS

inclusive já tenho os nomes dos nossos filhos. Você era a metade que faltava para eu me sentir inteira. Muito piegas? Na hora eu não achei, mas claro também não falei nada disso ou ele me acharia completamente louca.

— Eu vou amar ver você de novo. Inclusive, faço aniversário daqui uma semana, dia 30 de julho e ficaria muito feliz se você viesse jantar comigo. Talvez a gente consiga sair de casa. — Eu falei pra ele rindo.

— Ou não, porque eu vou estar com muita de saudades de você! — Ele me abraçou novamente.

Tomamos nosso café e não saímos de casa o dia inteiro. Ficamos na cama vendo filmes, conversando e fazendo amor. Quando entardeceu e ele precisou ir embora, eu fiquei com um imenso vazio no peito e meu apartamento, pela primeira vez pareceu grande demais pra mim.

PERIGOSAS ACHERON

De volta à vida real

A segunda-feira chegou e minha rotina também. Acordei às 7:00 horas em ponto, como de costume. Dormi muito bem e estava muito bem disposta. Coloquei meu conjunto tailleur, que voltou da lavanderia, o mesmo que eu usava quando Henrique esbarrou em mim. Me trouxe muita sorte na última sexta-feira e porque não começar bem a semana? Eu estava tão feliz que resolvi até fazer uma foto e postar nas minhas histórias, no perfil do Instagram. Em menos de cinco minutos, Henrique comentou minha postagem no aplicativo.

“Eu conheço esse conjunto.”

Ele respondeu por mensagem direta no próprio aplicativo. No domingo, depois que Henrique foi embora, eu como toda mulher curiosa e boa detetive, passei um “pente fino” no Instagram dele. Não tinha muita coisa, apenas fotos de viagens (ele já viajou praticamente o mundo inteiro) e com alguns amigos. Henrique era

reservado.

“Conhece sim. Ele me deu sorte na última vez que eu usei. Trouxe-me você.”

“Então você não deveria mais usa-lo. Já me ganhou ù E não sabia que você pode trabalhar de saia.”

“Eu posso o que eu quiser Henrique. Assim você parece um homem das cavernas falando. Estou indo para o trabalho, ótimo dia, beijos.”

Ele não me respondeu e eu não dei muita atenção ao comentário dele. Achei fofinho, na verdade. Ele estava com ciúmes. Passei na Challi, peguei meu café, ouvi ela falar que eu estava radiante e eu concordei, mas não contei o motivo, pelo menos por enquanto e fui para delegacia.

— Bom dia Judy! Como foi o seu final de semana?

— Bom dia senhora! Foi muito bom, mas pelo visto não tanto quando o seu, não é mesmo? — Minha assistente me conhecia, eu nunca chegava assim feliz em uma segunda-feira de manhã.

— Nossa senhora do tiro certo! Veio trabalhar ou destruir corações bebê? — Ouvi aquela voz firme

nas minhas costas e não pude deixar de sentir um leve arrepio.

— Bom dia Beto! Vou aceitar esse comentário como um elogio. Caiu da cama, foi? – Olhei pra ele sarcástica. Ele foi entrando comigo na minha sala, nós tínhamos essa liberdade um com o outro. Eu gostava muito dele, nos dávamos muito bem. Inclusive na cama, mas isso era passado, pelo menos pra mim. Mas eu sabia que se eu desse uma brecha, rolava um flashback. Independente disso, Beto sempre me respeitou e me respeita muito, eu sei que tenho um grande amigo, com quem eu posso contar a qualquer momento.

— Para sua informação, eu trabalho cedo. Na sexta-feira realmente não pude vir porque estávamos recolhendo algumas informações, sobre uma operação em que estou envolvido. E também na quinta-feira, fui até a casa daquela senhora, dona Rita de Cássia. Aquela que você já atendeu várias vezes.

— Sim, Judy me contou. Não sabia que você tinha ido junto com o pessoal. Não adiantou, não é mesmo?

— Infelizmente não, bebê. Ela insiste em negar que o marido é o responsável pela violência. E para

piorar a situação dela, os filhos foram morar no exterior e ela não quer envolve-los. Imagino que ela deva falar com eles apenas pelo telefone e fingir que esta tudo bem.

— Coitada Beto. Isso me deixa muito triste e me sinto extremamente impotente. Como alguém pode se preocupar tanto com a opinião do outros, mantendo um casamento de fachada, sofrendo todos os dias e não pensar no seu próprio bem?

— É muito mais complexo do que você imagina bebê. Essas mulheres não têm a sua coragem. Acho que consigo enxergar melhor do que você a realidade delas. Você vive em uma bolha Marian, em um mundo sem esses perigos. É linda e bem sucedida. Elas, na maioria das vezes só têm os cafajestes, não enxergam outra opção.

Judy bateu na porta e sem que eu pudesse responder, foi entrando com um lindo arranjo de flores em mãos. Meu coração deu pulos de alegria, ainda mais porque eu tinha plateia. Sempre bom mostrar o quanto estamos bem para os nossos antigos amores, não é mesmo?

— Uooouuu!!! Senhorita arrasa corações, fez o dever de casa no final de semana, não foi?

— Ah Beto, cala a boca! Deixa eu ver Judy. — Ela

me entregou o arranjo lindo, com várias azaléias, iguais às que Henrique e eu vimos no Lago sábado.

— Senhora que coisa mais linda! — Judy falou encantada com meu presente, mas sem fazer qualquer tipo de pergunta.

— Vocês mulheres, se iludem fácil. Vamos Marian, conta pra gente quem te enviou. Quem é o cara de sorte?

— Ainda esta aqui Beto? Não tem mais trabalho pra fazer, não? Vai cuidar dos seus papéis e nos deixe aqui iludidas no nosso mundinho, como você diz.

Ele saiu batendo a porta, mas eu sabia que não tinha ficado chateado. Na verdade, acredito que ele sentiu um pouco de ciúmes, afinal de contas sei que ele gosta de mim. Beto nunca foi do tipo romântico, ele era mais para lobo mau do que príncipe encantado. Às vezes nós até preferimos esse tipo de homem, mas para construir um lar, eu preferia o príncipe encantado dos meus sonhos. Claro que não foi só isso que não deu certo entre Beto e eu. A dificuldade dele em manter um relacionamento monogâmico também ajudou e muito para que as coisas não fossem em frente. Nós nunca chegamos a assumir um relacionamento e ele

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca me iludiu. O que tivemos foi uma amizade colorida, que nos uniu ainda mais, deixou um sentimento de carinho e uma grande amizade pra sempre.

Minhas flores vierem acompanhadas de um cartão, que eu nem precisava ler para saber de quem eram, mas é claro que eu queria ler. Li e reli várias vezes.

“Livros e flores
Teus olhos são meus livros.
Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia
A página do amor?
Flores me são teus lábios.
Onde há mais bela flor,
Em que melhor se beba
O bálsamo do amor?”
([*Machado de Assis*](#))

*Obrigado pelo final de semana delicioso. Com saudades,
Henrique.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Ele lembra, assim como eu, ele lembra cada detalhe. Lembra que eu amo flores, livros e sou romântica. O que mais eu posso querer? Eu amo fazer aniversário e sempre fico muito ansiosa, mas com certeza esse ano seria ainda mais especial. Peguei meu celular e digitei uma rápida mensagem pra ele:

“Encantada com as flores e muito mais com o cartão. Também já sinto saudades. Volte logo! Beijos, Marian.”

Desliguei meu telefone particular para conseguir me concentrar, eu tinha muito trabalho a fazer e com minha ansiedade a mil, imaginei que meu dia demoraria muito a passar. Claro que eu me enganei. Fiquei afundada em trabalho que não saí nem para almoçar, pedi a Judy que buscasse um sanduíche pra mim. No início da tarde, chegou o primeiro caso da semana. Judy bateu na porta e entrou em seguida.

— Com licença senhora, temos uma mulher aqui que quer fazer uma queixa, você poder colher o

depoimento?

— Claro Judy, leve-a até a sala de depoimentos, estou indo pra lá.

Apoio incondicional

A maioria das mulheres falava que não se sentia acolhida na Delegacia, que não se sentiam protegidas. Não somente na que eu trabalho, mas de um modo geral. Acredito que este é um dos motivos pelo qual a maioria das vítimas demora tanto para pedir ajuda. Em um universo dominado pelos homens, eu conheço muitos casos, em que as vítimas não são levadas a sério ou que é dada a devida importância aos seus problemas ou pior ainda, ao invés de serem tratadas como vítimas, são vistas como culpadas. Eu muito grata, por trabalhar em uma jurisdição aonde os profissionais são competentes e acima de tudo, humanos de verdade. Preocupam-se com todos os casos que chegam até nós e tratam as pessoas com igualdade, independente do gênero. De fato, ninguém quer vir até aqui, denunciar uma pessoa que você já amou ou é pai dos seus filhos. Um lugar frio, cheio de pessoas estranhas. E apesar de nossos esforços, nem sempre conseguimos proteger todas elas e isso me deixa muito triste. Tento fazer o meu máximo pra ser sensível e receptiva, acredito que o fato de

ser mulher também ajuda, mas na maioria das vezes não consigo admitir que elas nos julgassem como uma opção pior do que aonde vivem, sofrendo todo tipo de abuso todos os dias.

Quando entrei na sala me deparei com uma mulher jovem e bonita também. Parecia ter uns 23 anos de idade e estava com o rosto muito inchado.

— Olá, meu nome é Marian Foster, vou ajudar você. Preciso que você me diga seu nome e me conte exatamente o que aconteceu e quem fez isso com você.

— Oi... — Ela me respondeu trêmula e timidamente.

- Meu nome é Denise... Denise Cunha. Eu... eu —

Ela começou a chorar compulsivamente. Esperei que ela se acalmasse um pouco. Cada uma delas, cada vítima, todas pareciam parte de mim, mas na realidade eu não tinha ideia do que elas estavam passando ou sentindo. Estava em uma situação muito diferente na verdade. Eu tinha um enfeite de azaléias em cima da minha mesa, um homem incrível e me sentia muito grata por não ter conhecimento real da situação que essas mulheres vivenciavam.

— Você tem o tempo que quiser Denise, nós vamos te ajudar. A sua coragem de vir até aqui, já

mostra o quanto você é forte.

— Obrigada Doutora. — Ela me respondeu sem me olhar no olhos, como se eu fosse superior a ela de alguma forma, mas nesta situação nós somos apenas uma. Somos mulheres!

— Me chame de Marian, por favor. Estou aqui pra te ajudar. Você esta melhor agora? Consegue me contar o que aconteceu?

— Sim, eu preciso fazer isso parar! Essa não foi a primeira vez que isto aconteceu, mas eu preciso que seja a última. Eu preciso tomar uma atitude antes que ele me mate. — E com essa convicção, Denise me contou toda sua história até aqui e mais uma vez eu fiquei chocada.

“ Eu tinha 15 anos quando conheci o meu marido, ele sempre foi muito ciumento. No começo eu não me importava, me sentia até mais amada por ele sentir tantos ciúmes de mim, até algumas coisas começarem a acontecer. Pequenas coisas como vigiar meu celular, controlar aonde eu ia ou deixava de ir, mas eu era tão nova e tão apaixonada, não sabia me impor e só o que me importava era ficar junto com ele. Nos casamos quando eu completei 18 anos. Desde o início do

meu casamento, volta e meia os desentendimentos terminavam em violência física. Nunca pensei em separação. Passei muito tempo evitando enxergar, acreditando no amor e que nunca aconteceria de novo. Eu quis preservar a minha família, mas hoje consigo enxergar que isso foi um erro. Eu engravidei quando tinha 20 anos, eu estava tão feliz e ele também estava. Um dia, chegou em casa e achou minha roupa curta demais, disse que eu não valia nada. Ele tinha bebido. Apanhei tanto, que perdi meu bebê. Ele me pediu perdão, mais uma vez, me implorou para que não fosse embora, que tinha se arrependido e que não viveria sem mim. E eu perdoei. Acabei de completar 22 anos e apanho quase todos os dias da semana, sempre por algum motivo que ele inventa ou porque algo deu errado no trabalho. E cada vez que eu não denuncio ele, a cada vez que eu me iludo e o perdoo, ele sente que tem o direito e a liberdade de me agredir ainda mais, então as coisas estão ficando piores. Mas ontem foi a última vez. Eu não aguento mais. Nessa situação de violência, ele acabou com a minha autoestima, eu não conseguia enxergar uma vida diferente ou sem ele. Nunca pensei que ninguém além dele pudesse olhar pra

PERIGOSAS NACIONAIS

mim. Mas ontem eu tive uma revelação, eu enxerguei a realidade e perdi toda e qualquer fantasia de que isso tenha algum futuro. Tive a certeza de que se eu não me proteger, meu único futuro será a morte, mesmo que meu corpo viva, todos os dias, o homem por quem me apaixonei, mata um pouco mais o meu espírito.” Denise Cunha.

PERIGOSAS ACHERON

Inaceitável

Ela terminou seu depoimento em prantos, comigo me mantendo firme para não chorar junto com ela, mas por dentro meu coração sangrava. Por que tanta maldade e covardia? Eu não conseguia e não podia me acostumar com aquilo. Nenhuma mulher merece ser tratada de forma tão brutal. O depoimento de Denise levou cerca de duas horas.

— Muito obrigada por confiar em nosso trabalho Denise! Não vamos decepcioná-la. Você pode ficar na casa de algum parente hoje? Ou alguma amiga?

Ela saiu da delegacia acompanhada por um dos nosso agentes, com uma medida protetiva em mãos e a destino do local aonde se abrigaria até que pudéssemos revolver a situação. Eu farei o meu melhor para ajuda-la. Entrei na minha sala exausta, com os pensamentos acelerados e tentando encontrar uma forma de ajudar mais essas mulheres. Eu sempre acompanho os jornais, as estatísticas e de alguns meses pra cá, apesar de toda mídia a favor da causa feminina, de tantas artistas erguerem a bandeira contra a violência às mulheres, do crescente aumento do empoderamento feminino

e movimentos em prol da causa, o índice de violência contra a mulher tem crescido rapidamente. E não apenas a violência doméstica, mas todos os tipos de violência, desde assédio no trabalho, estupro, violência verbal e física. São mulheres e meninas, apenas crianças, centenas todos os dias. O mais triste é saber que na maioria dos casos, o criminoso está dentro de casa ou é algum conhecido da vítima.

Estava finalizando meu relatório sobre o dia exaustivo que passou, formalizando as medidas necessárias para que o agressor de Denise pagasse pelo que tinha feito, quando a porta da minha sala se abriu.

— Ainda trabalhando bebê? Já são quase 19:00 horas. – Um Beto charmoso e sorridente, sentava em minha mesa e me fitava com um olhar sedutor. Mas eu já conhecia esse joguinho dele e pensei nas flores que recebi hoje de manhã e que com certeza, mexeram um pouquinho com ele.

— Sim Beto, eu tive um dia difícil. Cada caso diferente que chega até mim, eu me sinto... Não sei explicar, eu queria poder fazer mais, entende?

— Entendo sim bebê. Escolhemos uma profissão que torna a maioria dos nossos dias pesados.

PERIGOSAS NACIONAIS

Precisamos entender que não podemos salvar a todos, mas que cada um que salvamos é uma vitória extraordinária.

PERIGOSAS ACHERON

Amizade sincera

Ele me compreendia, sabia perfeitamente o que eu sentia. Gostava da sabedoria que ele adquiriu ao longo dos dez anos de carreira e a forma como conseguia compartilhar comigo e com os outros oficiais. Mas no fundo, o que continuava me perturbando era o fato de eu ser mulher e não conseguir me colocar na situação das vítimas que eu atendia. Eu evitava ao máximo fazer comparações ou julgamentos, mas a pergunta do por que elas aceitavam essas situações durante tanto tempo, por que simplesmente não revidavam e esmurravam o desgraçado, não me saiam da cabeça. Essas perguntas me atormentavam e me davam a sensação de ser indigna de ajuda-las, porque ao mesmo tempo em que eu oferecia o meu apoio e total compreensão, no meu subconsciente eu as julgava culpada por se permitirem viver tudo aquilo.

– Você tem razão. – Respondi pra ele finalmente, não queria me alongar no assunto e não sabia como externar meus sentimentos, talvez eu procurasse um psicólogo da corporação. – E outra coisa Beto, pare

de me chamar de bebê, por favor.

— Hum... Por que eu devo para de te chamar de bebê, bebê? E se eu não quiser? — Ele me olhou desafiador e debochado ao mesmo tempo.

— Para Beto! Eu conheci uma pessoa! Acho que encontrei a minha metade, a tampa da minha panela. — Falei pra ele rindo feito boba e olhando o meu arranjo. Já tinha colocado todos aqueles sentimentos duvidosos e perguntas sem respostas em uma gaveta bem fechada na minha mente. Na maioria das vezes eu conseguia fazer isso e em outras ocasiões ela se abria sem que eu pudesse controlar e dominava novamente meus pensamentos.

— Uma mulher tão durona, linda, racional e ao mesmo tempo tão romântica. Você é um mistério senhorita Marian. Tudo bem, eu paro de chamar você de bebê. Mas por favor, você sabe que é completa e não precisa de nenhuma outra metade pra ser feliz, não sabe?

— Olha só, senhor garanhão da madrugada, rei dos galinhas e ladrão de corações, você também é romântico, afinal. — Olhei pra ele mais uma vez rindo, mas admirada com suas palavras. - Eu sei sim Beto, é só modo de falar. — Na verdade eu não

sabia. Sempre imaginei que encontraria meu par, minha alma gêmea, minha metade. E acho que esse momento chegou. Henrique não sai dos meus pensamentos, parece que consigo sentir o perfume dele em mim.

— Não sabia que você me tinha em tão alta cota. — Ele falou fazendo beicinho. — Mas gostei dos elogios. E aí, vamos esfriar a cabeça e tomar um chopp?

— Acho ótimo! Estou realmente precisando. — Sair para um chopp depois do expediente era um costume comum e quase diário que tínhamos por aqui, exceto quando há muitas ocorrências ou plantões. Era só segunda-feira, mas não achei isso um problema, um chopp com meus amigos não faria mal algum.

Happy Hour

Fomos até a choperia que ficava quase ao lado da Delegacia, todos os funcionários já nos conheciam. Estávamos Beto, Judy, eu e mais um policial que tinha sido transferido a pouco tempo para nossa comarca. Pedimos uma torre de chopp e eu pedi um lanche com fritas, estava faminta. Minha sorte era ter nascido magra, porque sempre comi muito, embora ultimamente não tenha mais muito tempo para comer, porém quando eu como tiro o tempo perdido.

— Então galera, já sabem da boa nova? A chefe Marian encontrou o príncipe encantado e esta namorando. — Eu não podia acreditar que o Beto tinha dito aquilo, ele realmente tinha ficado com ciúmes das flores que eu recebi.

— Ahh Roberto, me poupe. Em primeiro lugar não sou chefe coisa nenhuma, em segundo lugar e não menos importante, minha vida particular não é da conta de ninguém aqui, muito menos da sua. — Todos na mesa riram com minha reação e meu rosto corado.

— Vamos fazer um brinde ao sucesso da vida

amorosa da minha chefe para que ela sempre chegue de bom humor e também para que cada um cuide da sua vida! Saúde – Judy sempre sabia como lidar com as pessoas e com a situação. Ela era incrível. Mais uma vez tive certeza que seria uma ótima detetive. Brindamos em meio a risos e piadas.

Quando me dei conta, já eram quase 22 horas. Eu estava exausta e precisava ir para casa tomar um banho e dormir. Queria mandar uma mensagem para o Henrique, mas como deixei meu celular no carro, não sei se ele me ligou e eu não vi a hora passar.

— Pessoal, valeu pela companhia, boa conversa e risadas de sempre, mas eu tenho que ir pra casa. Aliás, vocês também deviam, amanhã todo mundo cedo na Delegacia.

— Sim Chefa, mas antes vamos registrar o momento! – Beto me deu um abraço e tirou uma foto que logo em seguida ele publicou nas redes sociais. – Eu percebi o que ele estava fazendo, querendo marcar território, mas não ia adiantar de nada, a pessoa que ele queria atingir nem sabia que ele existia.

— Beto! – Falei séria. – Me deixa ver essa foto

agora! Fiquei bonita? – Comecei a rir e me despedi dos meus amigos.

Ciúme ou zelo?

Quando cheguei em casa estava com muito frio, louca para me jogar na cama, mas eu precisa de um banho quente antes. Estava muito frio lá fora e caia uma chuva fina. Sai do chuveiro, coloquei meu pijama mais confortável, preparei um chocolate quente para evitar a ressaca e me enfiei embaixo das cobertas. Agora sim, vou olhar meu celular com calma, ver a foto que o Beto fez de nós dois e enviar uma mensagem de boa noite para o Henrique. Quando olhei minhas notificações, levei um grande susto. Caramba!! Quanto tempo eu tinha ficado sem meu celular, apenas três horas mesmo? Pela quantidade de chamadas não atendidas e mensagens de texto, parecia que eu tinha passado duas semanas isoladas. Haviam vinte chamadas não atendidas e sessenta mensagens. Sessenta! Todas do Henrique. Isso me assustou no início, achei que algo grave tivesse acontecido. Mas não era nada disso, ele apenas queria saber onde eu estava. Uma luz apitou dentro de mim, meu sexto sentido queria me dizer algo, mas eu decidi que não era nada importante, pelo contrário, achei muito

bom ele se preocupar comigo. Ele realmente estava na minha. Nesse momento meu celular tocou novamente, era o Henrique.

— Oi Henrique, estou com saudades. – Falei manhosa.

— Imagina se não estivesse. Eu liguei pra você inúmeras vezes, mandei muitas mensagens. Aonde você se meteu Marian? – Ele parecia tão bravo, que fiquei assustada.

— Nossa Henrique! Calma! Eu saí pra tomar um chopp com meus colegas de trabalho, só isso. Tivemos um dia de cão na delegacia hoje e eu acabei deixando meu celular dentro da bolsa.

— Quem é aquele cara te abraçando na foto?

— Que foto? – Eu estava realmente confusa e surpresa com a atitude dele.

— Ah Marian, por favor! Eu não gosto desses joguinhos.- Quando ele terminou de falar, eu lembrei da foto que Beto tirou comigo. Mas como o Henrique já tinha visto? Nem eu tinha visto ainda.

— Ah sim, o Beto, quer dizer Roberto. Ele é outro detetive que trabalha comigo na delegacia, mas em outro setor. Por favor querido, estou assustada com sua reação. – Eu realmente estava atordoada. Nos conhecíamos apenas uma semana e nesse espaço

curto de tempo, já senti um amor intenso e agora um ataque profundo de ciúmes, não sei ao certo como lidar com tudo isso.

— Me desculpe meu amor. — Ele falou em tom suave, como se não fosse a mesma pessoa com quem eu falava a um minuto atrás. E me chamou de amor. O que derreteu meu coração e me fez esquecer esse episódio. No início de todo e qualquer relacionamento, insegurança é normal, pensei comigo, ainda mais quando se tem uma profissão como a minha. — Me conte, como foi seu dia?

Eu relatei o que tinha acontecido, falei sobre o caso de Denise e como essas situações me afetavam. Não queria parecer fraca, apenas fui muito sincera com ele, afinal de contas, se vamos construir um relacionamento juntos, ele tem que saber com o que eu lido diariamente.

— Enfim, foi um dia cansativo. Seria muito melhor se eu pudesse dormir abraçada como você agora.

— Logo vou poder realizar o seu desejo minha princesa. — Ele sabia como me seduzir. — Na verdade, como te expliquei no final de semana, estou negociando bons investimentos na região e conforme as coisas acontecerem, talvez eu me

mude pra Gramado. Agora tenho um motivo ainda mais forte.

— Ah amor, eu vou amar te ter perto de mim todos os dias! Posso te ajudar a procurar, se você quiser.

— E no auge dos meus quase trinta anos, eu me sentia uma adolescente apaixonada.

Conversamos mais um pouco e nos despedimos, ele tinha várias reuniões no outro dia e eu com certeza teria uma semana agitada também. Com tudo achei que o tempo demoraria mais passar, eu estava muito ansiosa pra ver o Henrique e faltavam poucos dias para eu fazer aniversário, a melhor data do ano em minha opinião, só perdia para o Natal.

O tempo voa

Ao contrário do que eu imaginei, os dias passaram voando, cada dia mais trabalho e mais casos absurdos chegavam até mim. Meu acalento eram as conversas diárias que Henrique e eu tínhamos, era como se nos conhecêssemos á anos. Não saí com meus amigos da delegacia em mais nenhuma noite daquela semana. Não sei ao certo porque agi dessa forma, mas queria evitar que Henrique se aborrecesse comigo, afinal de contas também não gostaria que ele saísse sem mim em São Paulo. Talvez eu só precise me acostumar com essa nova fase de relacionamento e não fazer as coisas apenas pensando em mim mesma. E então, quando dei por mim, meu aniversário enfim chegou.

Eu acordei e me levantei da cama muito feliz e disposta, afinal de contas hoje era um grande dia e a noite eu veria Henrique novamente, já havíamos planejado tudo durante a semana. Arrumei-me com mais cuidado e capricho do que qualquer outro dia. Escolhi um conjunto azul marinho, composto por uma saia justa midi e uma

PERIGOSAS NACIONAIS

camisa de linho fino, lindíssimo que mandei fazer sob medida a algum tempo atrás. Eu era dessas, nunca gostei de pagar valores astronômicos em roupas, então eu preferia pegar alguns modelos em revistas, comprar o tecido e levar para minha costureira fazer. Geralmente ficavam perfeitos, idênticos ao modelo original e eu economizava uma pequena fortuna. Com meu cabelo caindo em cachos perfeitos até minha cintura, uma maquiagem leve, meu scarpin preto com saltos bem altos e meu distintivo em mãos, estava pronta para começar o melhor dia do ano. Quando abri a porta do meu apartamento quase desmaiei.

— Surpresa! Feliz aniversário para mulher mais linda do mundo! – Henrique estava me esperando na porta, vestindo calças jeans escuras, uma camisa gola polo cinza e com um enorme buquê de rosas vermelhas nas mãos.

— Meu Deus, você ficou maluco! Quando você chegou? – Eu me atirei nos braços dele, o abraçando forte e beijando apaixonadamente.

— Cheguei agora de manhã! Resolvi vir antes pra fazer uma surpresa e te levar para o trabalho. Está pronta? Aliás, você está linda. Linda até demais para ir para o trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou muito feliz que você está aqui! Ainda não acredito que você fez isso!

— Você vale a pena Marian! Venha, vamos logo até a delegacia, na verdade, gostaria de ter você hoje só pra mim. Será que você não consegue uma dispensa? – Ele pediu com tanto carinho, eu não sabia como recusar. Na verdade eu não queira recusar. Meu trabalho sempre foi minha prioridade e em todo tempo de serviço eu nunca faltei. Um dia apenas não faria mal.

PERIGOSAS ACHERON

Marcando território

Seu carro estava estacionado em frente ao meu prédio, ele abriu a porta para que eu entrasse. Olhei pra o banco traseiro e vi algumas embalagens de presente, fiquei muito empolgada. Durante todo o caminho nossa conversa foi leve e gostosa, ele não soltou minha mão nenhum segundo. Apenas aquele simples toque fazia meu corpo inteiro arder em chamas, como ele conseguia fazer isso comigo? Estacionamos em frente a delegacia.

— Você quer me esperar no carro? Não vou demorar, apenas preciso avisar minha assistente e passar todas as orientações que ela precisa para deixar tudo sob controle enquanto estiver fora. — Eu falei, já saindo do carro.

— Não, prefiro entrar com você. Estou curioso para conhecer seus colegas de trabalho. — Ele falou de forma firme e aquele comentário me causou um arrepio. Quando percebi ele já estava ao meu lado.

— Não tem problema nenhum, vai ser um prazer apresenta-lo á eles. — Falei da forma mais segura que consegui. Eu com certeza queria apresenta-lo, na verdade me sinto muito orgulhosa por estar

saindo com um homem como o Henrique, mas havia algo na situação que me deixava incomodada. Me senti pressionada com a atitude dele e definitivamente preferia ter escolhido a hora certa para apresenta-lo aos meus colegas de profissão.

— Parabéns senhora! — Judy saltou por de trás da sua mesa, me abraçou sem nem me dar bom dia e me entregou um lindo presente.

— Muito obrigada Judy! Você é um amor, não deveria ter se incomodado. Quero te apresentar uma pessoa. — Olhei para trás e só então notei que ele ainda não havia soltado a minha mão, nem para que eu abraçasse minha assistente. — Esta é Judy, minha assistente e amiga. Judy este é Henrique.

— O namorado dela. — Ele disse sem rodeios, eu fiquei sem palavras e novamente aquele sentimento de coação me invadiu. — É um prazer te conhecer Judy, sempre ouço falar muito bem de você. — Judy também ficou boquiaberta, mas não deixou transparecer. Mas eu tinha certeza que ela tinha achado ele um gato, então me senti orgulhosa!

— Ora, ora a aniversariante do dia! Bom dia bebê! Feliz aniversário! — Ele me abraçou e fingiu não ver Henrique, que não soltou minha mão e o fuzilou com o olhar. Ah Beto, eu quero matar você.

Tentei sorrir o mais natural possível, mas tenho certeza que a última palavra dele não tinha passado despercebido ao meu então, autoproclamado namorado.

— Bom dia Roberto, eu sou Henrique namorado da bebê. — Gente é sério, eu queria sumir, que situação ridícula. Não sabia como agir, Henrique parecia realmente nervoso, o que eu achei um pouco de exagero, mas o Beto tinha passado dos limites nessa disputa por território, que aliás ele já havia perdido faz tempo. O que tem de errado com os homens? Só sabem valorizar depois que perdem!

— Bom dia, eu sou o melhor amigo da bebê. O prazer é todo seu. — ele respondeu de forma sarcástica.

— Beto, pelo amor de Deus, chega de brincadeiras. Muito obrigada pelos parabéns e que bom que você está aqui, porque eu vou tirar o dia de folga, só vim buscar uns papéis e falar com a Judy. — Eu falei tentando amenizar a situação, afinal de contas é o meu aniversário, não quero estragar nem um minuto.

— Muito bem, vai aproveitar com seu namorado. — Ele entonou a última palavra de forma debochada. — Mas antes preciso falar com você. — Olhando para

PERIGOSAS NACIONAIS

mão de Henrique, que ainda não tinha soltado a minha, ele completou – Informações confidenciais.

— Amor, eu prometo não demorar, são só alguns minutinhos. – Olhei para ele com olhar suplicante, ele não disse uma palavra, soltou minha mão e eu entrei na minha sala com o Beto logo atrás de mim.

— Não se preocupe amigo, em caso de emergências, a Marian tem sempre com ela e saber usar como ninguém um calibre 38. – Beto fez questão de falar antes de fechar a porta, referindo-se a minha pistola.

— Namorando? Você está namorando? – Ele me perguntou exasperado assim que a porta se fechou.

— Sim Beto, estou namorando. Mas isso não é da sua conta. O que você tem pra me falar?

— Você acabou de conhecer esse cara Marian, eu tenho certeza. E nessa sua cabecinha cheia de romances deve achar que ele é a tal da sua metade não é? – Eu revirei os olhos e nem dei atenção. Então ele continuou. – Eu não tive uma boa impressão desse sujeito. Nós lidamos com isso todos os dias bebê, não vá fazer besteira. O seu sexto sentido é tão aguçado quanto o meu, mas vocês mulheres tendem a se iludir e não enxergarem o óbvio.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah Beto, me poupe. Meu sexto sentido não falha, tanto que não levei nosso lance a sério não é? Eu sou bem crescida e sei me cuidar, obrigada.

Peguei todos os papéis que eu precisava, sai da sala sem nem me despedir ou olhar pra trás. Entreguei tudo a Judy e passei as últimas informações á ela.

— Tudo pronto. Vamos? – Henrique me esperava em pé, não quis se sentar. Ele não falou uma palavra até entrarmos no carro. Aquele silêncio e clima pesado me deixaram desconfortáveis. Cretino! Se o Beto conseguir estragar o meu melhor dia, eu não o perdoarei.

Melhor aniversário da vida

— Então Henrique, quais são os planos pra nós? Agora sou todinha sua. — Falei brincalhona e sedutora, pra tentar quebra o gelo.

— Eu quero que seja sempre assim, você só pra mim! Você é minha Marian, desde aquele dia na cafeteria. — Ele me olhou nos olhos e me beijou ardentemente. Eu não prestei atenção ao tom das suas palavras, só conseguia sentir a boca quente dele na minha e suas mãos apalpando meus seios. Como eu senti saudades. Senti que tudo estava bem novamente.

Conversamos animadamente durante todo o trajeto. Ele não me disse para onde íamos e eu estava ardendo de curiosidade e excitação. Estar com ele me fazia esquecer os problemas, o trabalho, todos os casos que representavam a maldade humana com os quais eu tinha contato todos os dias. Apesar de parecer distraída com a conversa, eu prestei atenção a cada detalhe do caminho e sabia para onde estávamos indo, o que só fez minha ansiedade aumentar. Era o melhor aniversário da minha vida e eu me senti novamente

como uma adolescente.

O caminho até o aeroporto de Porto Alegre, durou cerca de duas horas, não havia trânsito, por incrível que pareça, mas o local estava bem agitado, afinal de contas é sexta-feira. Estacionamos o carro, Henrique desceu do carro e quando percebi já estava ao lado da porta abrindo-a para mim.

— Pronta? — Disse ele segurando a minha mão e me ajudando a descer do carro.

— Apesar de eu não ter trazido nenhuma peça de roupa, com você estou pronta para qualquer coisa.

— Digo animada e o abraço com força. — Por favor, me diga para onde vamos Henrique.

— É surpresa meu amor, aliás apesar de eu gostar muito mais de você sem as roupas, - ele me olhou de um jeito provocante e eu senti meu corpo responder — já deixei tudo o que você precisa organizado.

Voando alto

Entramos no aeroporto diretamente para sala de embarque, Henrique já havia pedido que sua secretária fizesse nosso check-in online. Finalmente soube aonde íamos: São Paulo! Era cidade natal dele e onde ele residia e trabalhava na maior parte do tempo. Eu vou conhecer a casa do Henrique. Aquilo estava acontecendo tão rápido e de maneira tão louca, que eu não conseguia assimilar tudo, apenas me deliciava com o conto de fadas que eu estava vivendo na pele. Entramos no avião e eu me sento no lugar indicado por ele, nosso voo é de primeira classe e meu assento fica ao lado da janela. Eu sempre fico apreensiva quando viajo de avião, altura nunca foi a minha praia. Como se lesse meus pensamentos, Henrique segura a minha mão com firmeza e começa acariciar os nós dos meus dedos.

— Não precisa ficar nervosa Marian. Estou com você, sempre! E nosso voo não deve demorar mais do que uma hora e trinta minutos.

— Eu realmente não gosto de voar, tenho medo de altura desde criança, mas junto com você fica mais

fácil. Obrigada por ter vindo, por organizar esse dia incrível e estar junto comigo. Você me surpreende a cada dia.

— Não há o que agradecer amor. Estou aqui porque quero estar aqui. Quero estar com você a cada minuto, cuidar de você e ter você só pra mim. Você é minha agora. Nosso final de semana esta apenas começando.

Pousamos no aeroporto de Congonhas no tempo previsto. Para meu alívio o tempo estava muito bom e não sentimos nenhuma turbulência. Henrique tinha algumas malas pra pegar e os pacotes de presente que estavam no Porsche, que ficou em Porto Alegre. Eu viajei apenas com minha bolsa de mão e documentos. Nunca fui nem até a cidade vizinha sem minha escova de dente, mas sentir esse frio desconhecido na barriga era excitante demais para eu me preocupar. Aliás estamos em São Paulo, eu posso comprar roupas novas e quantas escovas de dentes eu quiser.

— Venha Marian, vamos pegar meu carro no estacionamento. — Com uma das mãos ele segura o carrinho com suas malas e sacolas e com a outra segura firmemente a minha mão. Ele me puxa mais perto e me beija levemente nos lábios. Meu corpo

reage instantaneamente a um simples toque da pele dele na minha.

Quando chegamos ao estacionamento, nos dirigimos a um carro preto, também grande, com o mesmo estilo daquele que ficou em Porto Alegre.

— Você tem uma coleção de carros Henrique? — Perguntei curiosa.

— Na verdade não. Gosto muito de carros grandes e preto é minha cor favorita. O Porsche que deixamos em Porto Alegre é alugado, este aqui é meu. — Ele falou se referindo a BMW modelo X6 a nossa frente. Colocou todas as bolsas e malas no porta malas do carro e abriu a porta do passageiro para que eu pudesse entrar. Aquele carro era realmente lindo! Não que fosse importante, mas não posso negar que fiquei impressionada.

— Com tanto espaço nesse carro, você vai amar andar de carona no meu carro. — Falei rindo e lembrei do meu Volkswagen Up estacionado na garagem do meu apartamento. A julgar pela minha altura, era um carro pequeno, mas eu o amava.

— Quando voltarmos pra casa você me leva pra dar uma volta então e me apresenta a sua máquina. — Ele falou brincalhão.

Pegamos a estrada em direção a casa dele.

Na verdade ele não tinha me falado para onde iríamos, mas eu presumi que fôssemos pra lá. Na verdade eu torcia para que sim, afinal eu estava vestida para um dia de trabalho, não estava produzida para nenhuma ocasião além disso e não tinha nenhuma roupa comigo, sequer um casaco.

— Então Henrique, me conta, para aonde vamos? Eu me vesti para ir trabalhar e você não me deu oportunidade de pegar nenhum casaco.

— Você esta maravilhosa amor. Inclusive, como eu já falei pra você, bonita demais para ir trabalhar. Não gosto que ninguém mais além de mim, observe toda essa beleza. Quero você só pra mim.

— Não seja bobo amor! Eu sou vaidosa sim e não me importo com quem me olha, os seus olhos em mim são os únicos que me interessam. Agora me conta para onde estamos indo, por favor! — Olhei pra ele fazendo beicinho com cara de cachorro sem dono.

— Não me olhe assim Marian, senão vou ser obrigada a parar o carro na metade do caminho. — Ele me olhou de uma forma tão intensa que fez meu corpo tremer. — Estamos indo pra mim casa, preciso pegar algumas coisas e entregar outras pra você. — Lembrei dos pacotes no porta malas e meu

coração saltou em euforia. Me senti uma criança inocente esperando o Natal.

Nosso trajeto até a casa de Henrique levou cerca de quarenta e cinco minutos. Ele mora na cidade de Barueri, no bairro de Alphaville. Claro que ele mora lá. Já ouvi falar muito deste lugar, inclusive estudei sobre ele, porém jamais vim até aqui. Estou encantada com a beleza da região, faz jus a tudo que li sobre esse lugar. Ao mesmo tempo em que está próximo de todo o agito de São Paulo, o bairro de Alphaville é muito tranquilo e conta com toda a segurança de seus condomínios privados e ruas arborizadas. As casas são incrivelmente bonitas e nós passamos em frente do famoso centro industrial de Alphaville, muito conhecido no país. Quando entramos no condomínio em que Henrique morava eu fiquei ainda mais impressionada. Que gente era aquela? Quem mora nessas mansões? Eu senti como se estivesse em um bairro dos Estados Unidos, com lindas casas sem muros e com imensos gramados verdes e jardins impecáveis na frente de cada uma.

Casa de família

Estacionamos em frente a uma mansão de dois andares. Pensei comigo que o meu querido apartamento poderia caber inteiro dentro do jardim daquela casa. E ao mesmo tempo, me lembrei o quanto era feliz lá e que não precisava de mais para me sentir realizada, aliás, nós nem entramos ainda e eu já me sinto perdida em tanto espaço.

— Caramba Henrique, quem mora aqui com você? Que lugar incrível. Já ouvi falar muito de Alphaville, mas é a primeira vez que venho aqui de fato.

— Eu cresci aqui, dentro dos muros desse condomínio. — Ele me falou enquanto tirava as malas do carro. Eu sai tão rápido que nem esperei que ele abrisse a porta pra mim, tamanha era minha empolgação. — Vamos entrar Marian, por favor.

Ele me guiou pelo jardim principal, até uma imensa porta de madeira, que deveria medir uns cinco metros de altura, uns dois de largura, era imponente como tudo mais ali e muito linda. Ele me deu passagem e eu entrei primeiro que ele, ficando ainda mais impressionada. A sala é ampla e

muito iluminada, quase todas as paredes que ficam do outro lado do cômodo são de vidro, de onde estou consigo ver um lindo jardim e uma imensa piscina nos fundos da casa. Os móveis são modernos e impecáveis escolhidos com muito bom gosto. As paredes são pintadas com a cor branca, com alguns detalhes em cinza escuro. O chão é um assoalho tão lustroso que se eu quisesse conseguir retocar minha maquiagem me espelhando nele.

— Você mora aqui sozinho? — Perguntei, sem conseguir disfarçar minha surpresa e admiração com aquele lugar. Apesar de todas as nossas conversas, os carros de luxo e o estilo do Henrique, eu não havia me preparado para tudo aquilo, uma realidade completamente diferente da minha, dois mundo muito distantes, uma constatação que me fez ficar insegura por um breve momento.

— Agora sim. Antes do acidente morávamos meus pais e eu. Faz um ano que eles se foram em um acidente de carro.

— Sinto muito meu amor. — Eu o abracei com doçura, querendo tirar toda dor dele naquele momento.

Nos sentamos no lindo e gigantesco sofá

branco que ficava incrivelmente perfeito naquela sala.

— Tudo bem, estou melhor agora. Mas você tem razão, esse lugar é enorme, não é? Minha mãe nunca trabalhou fora, então vivia para cuidar dessa casa, de mim e do meu pai, era o maior orgulho da vida dela. Eu admiro e amo ainda mais minha mãe por todo capricho, cuidado e resignação que teve conosco. Sonho com uma família assim. — Ele me olhou profundamente e me puxou ainda mais para perto. Fiquei extasiada com a revelação que ele acabou de fazer e com o fato de termos o mesmo objetivo de vida. Minha paixão naquele momento era tão avassaladora que não me dei conta que eu não tinha nada em comum com a sogra que não tive a oportunidade de conhecer, á quem Henrique idolatrava e desejava, mesmo que inconscientemente, uma esposa que fosse exatamente igual á ela.

— Eu senti tantas saudades de você. — Falei e não consegui mais me conter. Em um salto montei no colo dele. Tirei sua camisa rapidamente, acariciando seu rosto, beijando e mordendo levemente seus lábios. Ele desabotoou minha blusa, deixando meu sutiã e seios amostra. Passou sua

língua por entre meus seios, até o alto do meu pescoço, eu achei que não fosse aguentar de tanto desejo. Então ele colocou uma mão em cada joelho meu e subiu pelas minhas coxas, levantando o que faltava da minha saia, que subiu quase toda para meu quadril quando me encaixei no colo dele. Apertou forte minha bunda, o que me fez tremer de prazer, em um movimento rápido ele me empurrou no sofá e quando dei por mim estávamos fazendo amor de uma maneira ainda mais intensa que no último final de semana.

— Você me tira do eixo Marian, não quer mais ficar longe de você. — Aquelas palavras eram músicas aos meus ouvidos, ali naquele sofá, deitada nua abraçada ao Henrique, eu esqueci completamente que existia um mundo lá fora.

— Eu quero ficar com você assim pra sempre, mas nós temos que comemorar seu aniversário!

— Mais do que isso? Não sei se tenho forças! — Falei pra ele rindo, mas preguiçosa ao mesmo tempo.

— Estamos só começando meu bem. — Ele respondeu com ar travesso e malicioso ao mesmo tempo. — Venha, vamos tomar um banho, quero entregar seus presentes e te levar para conhecer um

PERIGOSAS NACIONAIS

lugar que sei que você vai amar.

PERIGOSAS ACHERON

Luxo e bom gosto

Saímos do sofá em direção á uma linda escada de madeira que levava ao andar de cima. Eu estava vestida apenas com a camisa do Henrique. Nas paredes haviam obras de arte, a escada formava um L e no final do primeiro lance de degraus havia mais uma enorme janela de vidro, que refletia a luz do sol. Ainda bem que eu vesti a camisa dele, porque com tanta claridade, daria pra ver até as celulites que ainda nem tinham nascido nas minhas coxas. Me senti aliviada e esperta por ter pego a camisa, que em mim ficava quase um vestido. Na parede do segundo lance de escadas, haviam enorme prateleiras com incontáveis exemplares de todos os tipos de livros. Tive vontade de olhar todos, um a um. Ao final da escada, estávamos em um corredor que dava acesso a todos os quartos, apesar de serem uma família de apenas três pessoas, eu contei quatro portas lá em cima. O quarto de Henrique era amplo e claro, tinha uma janela de vidro gigantesca do chão ao teto, com uma cama gigantesca muito bem arrumada com um jogo de cama branco incrivelmente lindo,

elegante e que eu não faço nem ideia de quantos mil fios egípcios deveriam ter.

— O banheiro é por aqui Marian. — Ele me indicou um porta que ficava na lateral do quarto.

Quando entrei, havia uma banheira branca, como as paredes de todo aquele cômodo, com lugar para duas pessoas e já completamente cheia de água, com velas aromáticas acesas ao redor.

— Mas como? — Fiquei um pouco confusa e ao mesmo tempo envergonhada. Acabei de transar com o cara na sala e tem mais alguém em casa?

— Calma, detetive. — Henrique parece ter lido meus pensamentos. — Não tem mais ninguém, mas você não acha que eu arrumo essa lugar aqui sozinho não é? — Ele deu uma risadinha charmosa. Henrique fazia covinhas nas bochechas quando sorria. — Eu tenho toda uma equipe que me ajuda aqui, como viajo muito, não me sobra muito tempo nem para aproveitar minha casa, quanto mais para cuidar dela. Então pedi que deixassem tudo pronto antes de chegarmos. Na verdade, minha ideia era te fazer relaxar aqui em cima, mas você foi ansiosa e começou tudo lá embaixo.

— Não seja por isso. — Sorri pra ele maliciosa. — Podemos começar tudo de novo, do seu jeito agora.

Entrei na banheira e senti a água quente tocar minha pele, aquilo foi muito bom. Eu estava cansada da tensão do início da manhã, da viagem, já eram três da tarde e ainda não almoçamos, sem falar no sexo incrível de momentos atrás. Ainda bem que eu tinha um bom preparo físico, pensei comigo mesma, porque pelo jeito que começou esse final de semana, eu vou precisar. Henrique entrou na banheira comigo, sentou-se ao meu lado e começou a me massagear com o óleo de banho, senti meu corpo responder novamente e o dele também. Fizemos amor apaixonadamente dentro da banheira e foi uma experiência incrível. Início de relacionamento é melhor coisa que existe, todo esse tesão e mistério de conhecer o outro aos poucos, espero que essa paixão nunca perca a força entre nós dois.

Sexo dá fome

Saímos do banho e fomos para cozinha, aonde tinha um almoço delicioso nos esperando. Ele realmente tinha pensado em tudo. A cozinha era muito ampla e bem planejada, todo o espaço era revestido por mármore escuro, inclusive a bancada onde nos sentamos para o almoço. Havia uma sala de jantar ao lado, com uma enorme mesa de vidro, com lugar para dez pessoas, os banquetes deveriam ser servidos ali. Imaginei quantos eventos a falecida mãe do meu namorado deveria ter realizado ali. Eu vestia apenas um roupão branco que ele me entregou assim que saímos do banho. Aquela situação toda parecia surreal. Mas vou deixar pra pensar nisso depois, no momento eu estou faminta. Montei meu prato do jeitinho que eu amo, o mínimo de salada, um pouco de carne e muito carboidrato.

— Dá pra ver que você está mesmo com fome, hein? – Henrique olhou pro meu prato sorrindo e querendo me encabular. Minutos atrás fizemos coisas que me deixariam muito mais envergonhada do que o meu prato de comida. Sou muito segura de

mim pra me importar com esses detalhes, eu amo comer e não tenho nenhum problema com isso.

— Preciso repor minhas energias, afinal, a começar pela minha manhã de sexta-feira, acho que vou precisar me manter bem alimentada para aguentar o ritmo até no domingo. — Olhei pra ele com um olhar travesso e pretencioso.

A comida estava deliciosa e assim que terminamos o almoço, Henrique me levou até a sala e finalmente me entregou os pacotes de presente que vi no carro hoje de manhã. Eram embrulhos e mais embrulhos com roupas para jantar, para praticar atividade física, pijamas, lingerie, tudo que eu poderia imaginar e precisar durante nossa estadia aqui. Ele acertou meu tamanho perfeitamente!

— Elas são incríveis meu amor! Não sei nem como te agradecer! — Eu o envolvi em meus braços e não queria soltar nunca mais.

— Você já me agradeceu. O seu carinho, seu cuidado comigo, você é o presente Marian! Você é o melhor presente que eu poderia ganhar, em meio ao caos em que esta minha vida. — Ele me deu um beijo casto nos lábios e eu senti que queria cuidar dele pra sempre, faze-lo se sentir inteiro. Eu era a

PERIGOSAS NACIONAIS

metade que faltava na vida dele. – Eu não quero e não vou deixar você escapar amor! Vamos, escolha uma roupa, se arrume e coloque as outras na mala, vamos comemorar esse aniversário!

PERIGOSAS ACHERON

Cidade dos sonhos

Eu saí da sala e subi correndo as escadas em direção ao quarto dele. Levei comigo a nova nécessaire, que eu ganhei, com todos os itens de higiene que eu posso imaginar e um belo kit de maquiagem para viagem. Sequei meus cabelos longos, fiz uma maquiagem leve, porém bonita e iluminada, que refletia a maneira como eu me sentia naquele dia: radiante! Vesti um chemise amarelo queimado, dobrei as mangas até a altura do meus cotovelos, as linhas da costura eram contrastantes na cor branca e uma bota de cano curto, com salto não muito alto e detalhes em pêlos, cor caramelo escura. Em contraste com minha pele bronzeada o efeito ficou ótimo. Desci as escadas e Henrique estava entrando no hall da casa, havia colocado a última mala no carro.

— Então senhor dos mistérios, estou pronta. Aonde vamos? — Ele gostou da minha produção e não disfarçou nem um pouco.

— Uau, você está linda! — Disse ele me avaliando dos pés a cabeça. — Já ouviu falar em Campos do Jordão?

Claro que eu já ouvi. Nunca tive a oportunidade de conhecer, mas sempre tive muita vontade. Pelas minhas pesquisas era um lugar bem parecido e tão bonito quanto Gramado.

— Imaginei que você iria gostar. — Ele falou e sorriu quando viu minha expressão de encantamento.

Eu estava realmente encantada. Com tudo que estava acontecendo, com essa intensidade maluca vivida em tão poucos dias, em como ele me conhecia tão bem e me surpreendia cada dia mais.

Saímos do condomínio e pegamos a estrada em direção a Campos do Jordão. Viajamos pela via Rodoanel Mário Covas, que apesar de estar sempre com muito congestionamento, naquela sexta-feira estava com fluxo normal de veículos. Deve ser a magia do meu aniversário, pensei feliz. O trajeto levou aproximadamente quatro horas. Fizemos uma parada no caminho, para tomar um café, mais ou menos quando estávamos duas horas e meia já na estrada. Não demoramos muito, pois eu estava muito ansiosa para chegar ao nosso destino.

— Agora estamos quase lá Marian. Você fica ainda mais linda ansiosa sabia? — Ele segurou minha mão assim que retornamos a estrada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou mesmo Henrique. Isso tudo me parece muito surreal. Nosso encontro, essa sensação de já conhecer você a tanto tempo, o que parece loucura, se analisarmos que só o conheço a pouco mais de uma semana. Enfim...

— Sinto o mesmo por você. E acredito nesses encontros do destino. Quando te vi na cafeteria naquela manhã, sabia que era você a pessoa certa pra mim. Eu tenho passado por meses difíceis, inclusive fiz sessões de terapia para superar o luto pelos meus pais. Tenho certeza que você é um presente deles pra mim. E eu quero você só pra mim! — Quando ele terminou de falar, meu coração estava completamente derretido.

— Eu sempre sonhei com você, sabia? Do jeitinho que você é, sem nem te conhecer ainda, eu já te amava. — Só me dei conta do que falei, quando as palavras já tinham saído da minha boca. Pronto, estraguei tudo! Ele vai achar que sou maluca e assim que me deixar em casa novamente, nunca mais vai me ligar. O desespero tomou conta de mim.

— Eu também te amo Marian. — Para meu alívio, surpresa e desespero, essa foi a resposta dele. Assim, tudo muito fácil, rápido, intenso e maluco.

PERIGOSAS ACHERON

Preferi sorrir e não falar mais nada.

Chegamos a Campos do Jordão às 8:00 da noite, o clima era gelado, porém delicioso, como era costume na região, ainda mais nessa época do ano, então coloquei o casaco branco, com detalhes em pelos nas mangas e na gola, que ganhei de presente por cima dos meus ombros. Passamos pelo centro de Campos do Jordão, que era muito parecido com minha querida cidade de Gramado. Mas nosso destino ficava um pouco mais à frente. Percorremos mais uns trinta minutos de carro e estacionamos em frente a um luxuoso resort. O Botanique Hotel & SPA era enorme e me lembrava daqueles castelos antigos, onde moravam as famílias reais na Europa no século passado. Sua frente era praticamente toda de vidro, o que dava modernidade a sua estrutura. Olhando as luzes do lado de dentro, pensei que Henrique deveria esmo gostar de uma boa luz natural, já que sua casa também era repleta de vidros no lugar das paredes. Henrique abriu a porta do carro pra mim e fomos de mãos dadas até a recepção. Que de fato era mais um colírio para os olhos. O lugar era gigantesco, com uma arquitetura singular, unindo pedras naturais, as altas paredes de vidro, aço exposto e

vigas de madeira de demolição. Era simplesmente incrível, o cenário era digno de um filmes.

— Boa noite, tenho reservar para duas pessoas em nome de Henrique Monteiro. — Ele se dirigiu a recepcionista, muito elegante e bonita em seu conjunto preto. Me dei conta que ainda não sabia o nome completo de Henrique até aquele momento, erámos tão íntimos e ao mesmo tempo, completos estranhos. Havia muita coisa que eu não sabia a seu respeito, mas eu estava tão extasiada com tudo aquilo, que não me importei, só desejei tempo para desfrutar da sua companhia e conhecer cada segredo que aquele homem guardava.

— Boa noite Sr. Monteiro. Claro, vocês desfrutarão da Vila Suprema até o domingo, correto? — Ela lhe respondeu com firmeza e muito profissionalismo.

— Exato, tenho algumas malas no carro, você pode pedir para que levem pra nós até lá?

— Claro senhor, estarão lá em alguns minutos. As acomodações foram preparadas exatamente da maneira que o senhor solicitou. Aqui estão as suas chaves.

— Muito obrigado.

— Henrique que lugar incrível é esse? Estou

PERIGOSAS NACIONAIS

encantada por cada pedacinho, com certeza é o melhor aniversário da minha vida e você meu melhor presente! – O beijei com toda sinceridade e com todo meu amor.

— Você merece muito mais, muito mais! E se você quiser ser só minha, eu vou fazer de tudo para te ver cada dia mais feliz.

— Eu sou só sua meu amor! – Respondi sincera e inocentemente. Como eu poderia saber que aquelas mesmas palavras tinham significados diferentes para nós dois?

PERIGOSAS ACHERON

A grande surpresa

Chegamos em frente a porta do nosso quarto, eu não cansava de observar e me deleitar com cada pedaço daquele lugar. Era maravilhoso demais. Mas meu coração quase saiu do peito, quando eu entrei pela porta do quarto e me deparei com uma cena que eu jamais me esquecerei: o chão estava coberto de rosas vermelhas, que formavam um caminho até a cama de casal enorme encostada a parede e na sua frente, haviam paredes e uma porta de vidro que davam a acesso a um jardim de inverno e uma piscina privativa cor azul turquesa. As outras paredes do quarto tinham partes em pedras naturais, uma lareira, mas o detalhe mais importante era que em cima da cama, as pétalas de rosas formavam um coração e no centro desse coração havia uma caixinha de joias. Não é possível! Não pode ser possível! Isso é loucura demais pra mim!

— Vamos Marian! Pegue o seu presente. — Senti a mão do Henrique nas minhas costas. Eu não sabia o que dizer, estava paralisada. Então ele pegou a caixinha pequena e vermelha por mim, se ajoelhou

PERIGOSAS NACIONAIS

na minha frente e a abriu.

— Eu sei que parece loucura, entendo que você esta chocada. Mas eu tenho certeza que é você Marian! Eu sei que você também sabe! Quer se casar comigo? Quer ser minha mulher pra sempre?

Eu estava petrificada e não sabia ao certo o que responder. Toda minha vida foi planejada, sempre tive muita cautela com tudo e com todos, hábito adquirido com minha profissão. Mas naquele momento eu não queria mais saber de regras ou de qualquer outra coisa, eu apenas queria saber de ser dele para sempre.

— Sim, meu amor! Eu aceito!

Não pensei, não refleti, não ponderei os prós e contras. Nem imaginei as consequências que aquela decisão teria na minha vida. Eu simplesmente segui meu coração. E quem pode me julgar por isso?

— Isso tudo é uma loucura Henrique, você sabe! Tem certeza do que estamos fazendo? — Abracei ele muito forte e fiz a pergunta olhando fundo em seus olhos.

— Qual certeza temos na vida meu amor? Isso tudo aqui é tão incerto! O certo mesmo, é que só temos o agora e eu quero aproveitá-lo com você. Só com você!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me beijou apaixonadamente e começou a tirar minhas roupas. Meu Deus, eu não me canso desse homem! Quando eu estava apenas de lingerie e ele com sua cueca Calvin Klein preta que o deixava ainda mais sexy, ele me pegou no colo e eu pensei que ele me levaria para cama. Ledo engano! Ele abriu a porta de vidro, nos levando ao lado de fora, para a piscina privativa. O vento gelado tocou minha pele, mas eu não senti frio. Na verdade aquele contato me deixou ainda mais quente, aumentando muito minha excitação. Comigo ainda em seu colo, sentindo todos os músculos daquele corpo lindo colados ao meu, ele desceu os degraus devagar e entramos na água, que para minha surpresa era aquecida e aconchegou perfeitamente os nossos corpos. Fizemos amor ali mesmo, de uma maneira deliciosa.

PERIGOSAS ACHERON

Inacreditável

— Ainda não acredito em tudo isso. — Estávamos deitados na cama, abraçados um ao outro, cansados depois de um dia cheio de emoções e muito sexo. — É surreal demais Henrique.

— Durante essa semana vou encaminhar todos os detalhes que tenho pendente aqui em São Paulo. Eu escolhi um apartamento bem próximo ao Café das Flores, na quarta-feira podemos ir até lá, pra você ver se lhe agrada. Se você gostar, podemos nos mudar no final de semana.

— Como assim? Mas você quer dizer já? Nessa próxima semana? Tão rápido! — Nesse momento senti um leve frio no coração, deixar meu apartamento, amo tanto aquele lugar.

— Não podemos morar no seu apartamento não Marian. Não, que ele seja ruim, mas acho que você percebeu que eu gosto de espaço.

— Sim e janelas enormes de vidro. — Falei rindo e um pouco ressentida por ele ter, de certa forma, desfeito meu apartamento.

— Minha garota! — Ele me apertou sorrindo e eu me aconcheguei ainda mais no seu abraço. Tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

daria certo, às vezes precisamos fazer algumas coisas no calor da emoção. Mas precisamos estar preparados para todas as respostas que ações podem trazer. Eu não fazia ideia de que não estava.

PERIGOSAS ACHERON

Pistas

Apesar de ter sido um dia exaustivo e termos ido dormir tarde, na manhã de sábado eu me acordei sozinha as sete horas da manhã. Henrique dormia profundamente. Resolvi não acordá-lo. Vesti umas das minhas novas roupas de caminhada, coloquei um casaco e um tênis, também novos e sai para explorar um pouco daquele lugar incrível. Talvez mais uns trinta minutos de sono fizessem bem ao homem lindo dormindo na cama. Eu iria caminhar um pouco e na volta tomaríamos café da manhã juntos.

Saí do quarto fazendo o mínimo de barulho possível. Resolvi passear nos jardins. Haviam varandas enormes ao longo de quase todo o Resort, com vistas maravilhosas para infinitas montanhas verdes, envolta naquele clima gelado, porém agradável, o cenário era perfeito. Encontrei uma enorme porta de vidro que dava acesso a um dos jardins, onde haviam vários canteiros de flores, o que chamou minha atenção. Enquanto caminhava repassando os últimos acontecimentos, olhando para o anel em minha mão e admirando as flores,

ouvi uma voz atrás de mim:

— Bom dia madame, essa é pra você. — Um belo jovem alto e loiro, me entregou uma linda rosa branca, colhida provavelmente de um dos canteiros ao nosso lado.

— Nossa, muito obrigada. É linda! Pode me chamar de Marian, muito prazer. — Ele não apertou minha mão, segurou-a com delicadeza e deu leve beijo nos nós dos meus dedos. Por Deus, será que nesse lugar eles fazem até encenação para que nos sentirmos ainda mais dentro de um conto de fadas? Eu me sentia como uma rainha!

— O prazer é todo meu, me chamo Otávio. Vi que você admirava as flores. Sou eu quem cuido delas, trabalho nesses jardins a dois anos. E são poucos os hóspedes que realmente param para admira-las.

— Você faz um excelente trabalho. E eu sou uma grande apaixonada por flores, deu pra notar não é? — Sorri pra ele em agradecimento. — Esse lugar é incrível! Toda essa estrutura, esse cenário, simplesmente encantador.

— É mesmo! Estamos localizados em um lugar privilegiado, em pleno coração da Mantiqueira, no que pode ser chamado de Triângulo das Serras, entre Santo Antônio do Pinhal, São Bento do

Sapucaí e Campos do Jordão, conhecido também como o charmoso Vale dos Mellos.

— Uau! – Exclamei realmente surpresa com as informações e com toda atenção e educação dele comigo. Antes que pudesse responder qualquer coisa, senti uma mão envolver minha cintura.

— Bom dia meu amor, quando acordei e não te vi ao meu lado, fiquei assustado. – Henrique chegou até nós muito rápido, mas falou somente comigo, o que me deixou constrangida.

— Bom dia amor, este é o Otávio, paisagista do Resort.

— Ah, bom dia. Eu sou Henrique, noivo dela. Nos dê licença por favor. – Ele me puxou pelo braço e saímos andando com pressa, nem ousei olhar para trás.

— Por Deus homem! O que aconteceu com você? – perguntei realmente assustada com a reação dele.

— Marian eu já falei pra você que não gosto desses joguinhos! Você estava flertando com o cara descaradamente e ele não parava de secar você com essa roupa super justa. E essa flor?

— Você não pode estar falando sério!

— Eu quero você só pra mim amor, não suporto a ideia de ver outro homem perto de você! Você

poderia ter me avisado quando saiu do quarto.

— Eu não quis acordar você. Pensei em dar uma caminhada e logo voltar para tomarmos café da manhã juntos. Me desculpe se assustei você. — Não entendi ao certo por qual motivo eu estava me desculpando, mas senti que devia isso a ele, afinal eu realmente tinha saído sem avisar.

— Não tem problema, já passou. Mas sempre me avise quando for sair, por favor. Agora você é minha noiva. Minha, somente minha. — Então, meu doce Henrique já estava de volta, foi apenas um mal entendido, falei pra mim mesma. Resolvi deixar a rosa em um vaso próximo e não tocar mais no assunto. Com certeza com a morte recente e repentina dos pais, ele apenas tinha medo de perder novamente alguém que ama.

Olhos fechados

Ao invés de tomar café da manhã no quarto, resolvemos ir até a sala comum aonde serviam todas as refeições do Resort. Preciso deixar bem claro que de comum, aquela sala não tinha nada. Era uma ambiente ao mesmo tempo enorme e aconchegante. Com paredes de vidro que iam do teto ao chão – até aqui nenhuma novidade – e uma lareira artificial magnífica. Mas a vista daquela sala era sem dúvida de tirar o fôlego. Dali podíamos ver perfeitamente o chamado Triângulo das Serras, que Otávio me explicou à pouco. Tomamos um delicioso café, subimos novamente ao quarto para que eu pudesse trocar de roupa e saímos em direção à cidade de Campos do Jordão. Quando passei pela porta, Otávio o paisagista, estava arrumando um arranjo de flores, eu não sei por qual razão, mas algo dentro de mim disse para que eu não olhasse para ele e eu não olhei. Passei com a cabeça baixa e Henrique segurando firmemente meu braço.

Nosso carro, quer dizer o carro do Henrique já estava nos esperando na porta. Eu entrei no carro em silêncio e assim permaneci

durante quase todo o percurso, que levou cerca de trinta minutos.

— Você esta bem meu amor? — Henrique se dirigiu a mim com doçura.

— Estou sim, apenas ainda inquieta com sua reação hoje de manhã. — Respondi sincera e um pouco seca.

— Marian, já passou. Eu só quero te proteger, você é minha noiva agora e logo vai ser minha esposa. Você é minha meu amor! Eu te amo tanto! — Ele colocou a mão no meu rosto com tanta ternura, não parecia a mesma pessoa de hoje de manhã e essas mudanças de humor estavam me deixando maluca. Porém eu estou tão envolvida, tão apaixonada, eu sei que ele é a pessoa certa. Eu nunca fiz nada de maneira impulsiva na minha vida, agora era a minha vez de ser ousada. Decidi que aquele episódio tinha ficado para trás, eu tinha mesmo saído sem avisá-lo e não faria isso novamente. Agora eu vou curtir muito esse final de semana com meu noivo. Saborear essa frase na minha mente era maravilhoso e eu não vejo a hora de falar me voz alta para todo mundo ouvir.

— Tudo bem meu amor! Bobeira minha, já passou! Eu também te amo muito meu noivo, meu homem!

Agora vamos conhecer essa cidade encantadora.

Campos do Jordão era mesmo incrível! Fez eu me sentir em casa, uma sensação muito parecida com o que eu sentia na minha amada cidade de Gramado, as duas eram bem parecidas na verdade. Ambas pareciam um pedacinho da Europa no Brasil, o clima era frio, principalmente nessa época do ano e arquitetura com traços de construção europeia. Meu noivo tinha um excelente gosto e acertou em cheio o destino da nossa viagem de noivado. De repente tive uma sensação surreal, como se aquilo ali tudo fosse um sonho. Era como se nos conhecemos a tanto tempo, mas na verdade pouco nos conhecíamos. Ah deixa de bobagens Marian, me repreendi mentalmente, o príncipe que você sempre pediu a Deus apareceu pra você, aproveite!

Estacionamos o carro bem no centro na cidade. Caminhamos de mãos dadas pelas ruas lindas e muito bem cuidadas, sentindo no rosto aquela brisa gelada e romântica de inverno que eu tanto amava. Visitamos vários pontos turísticos, comprei uma lembrança para presentear Judy e tive muita vontade de comprar uma garrafa de vinho para presentear o Beto também, mas um sentimento

de insegurança com a reação que Henrique poderia ter, me calou. Preferi deixar pra lá e continuar nosso passeio sem nada que pudesse estragar aqueles momentos maravilhosos. Almoçamos em um restaurante maravilhoso e aconchegante, nossa conversa fluía de maneira natural.

— Então, estou sendo um bom guia Marian? É o mínimo que eu posso fazer para retribuir nosso primeiro final de semana em Gramado.

— Você esta sendo maravilhoso meu amor! Não imagino como eu posso te agradecer tantos momentos maravilhosos.

— Você não precisa me agradecer amor. O que eu quero é ter você pra sempre comigo, só pra mim e você concordou, você disse sim. O que mais posso querer? — Ele falou me olhando nos olhos, com uma verdade nas palavras que me deixou estarrecida. Tínhamos acabado de sair do restaurante e caminhamos em direção ao carro.

— Sabe, estou amando tudo isso, você, nós dois e toda essa magia. Mas não deixo de ficar um pouco assustada com toda essa intensidade, tudo tão rápido. Você não sente nenhum pinga de insegurança?

— Minha maior certeza, desde aquele dia no Café

das Flores, é que eu te quero todos os dias comigo! Não consigo mais viver sem você, eu preciso de você amor. Quero te fazer a mulher mais feliz do mundo. – Eu envolvi o pescoço dele com meus braços e beijei a boca dele ali no meio da rua mesmo, como aqueles beijos de cinema.

Diferentes pontos de vista

Continuamos nossa tarde passeando por vários lugares incríveis, entre lojas e pontos turísticos. Ganhei mais presentes, ele quer me mimar cada vez mais e eu estou amando. Sabendo do meu gosto por flores, Henrique me levou até um jardim maravilhoso, que é um dos mais conhecidos na cidade, eu fiquei apaixonada. No final do dia eu estava exausta e resolvemos voltar ao resort.

— Que dia incrível, que final de semana incrível. Pena que amanhã já domingo. Hora de voltar a realidade. — Eu falei, olhando para o diamante que descansava perfeitamente no meu anelar direito, quando passávamos pela porta do nosso quarto.

— Vamos passar muitos dias assim minha delícia. — Senti as mãos dele na minha cintura e sua respiração na minha nuca, enquanto me abraçava pelas costas. — Prometo que vou agilizar tudo para até quarta-feira nosso lar em Gramado estar pronto. Quem sabe depois do casamento você não para de trabalhar naquela delegacia e vem trabalhar comigo? — Naquele momento eu me soltei dos braços dele e me virei bruscamente, olhando no

PERIGOSAS NACIONAIS

fundo de seus olhos.

— Henrique, eu nunca vou deixar meu trabalho! Eu amo o que faço e aquelas pessoas precisam de mim. — Falei exasperada.

— Calma amor, é só uma ideia. Quem sabe depois do casamento você pense melhor. E falar que aquelas pessoas precisam de você é um exagero, não é? Cada um escolhe a situação em que vive.

— Eu não acredito que você disse isso!! Aquelas mulheres não escolhem ser agredidas Henrique! E é meu dever ajuda-las. — Falei incrédula com as palavras que tinha ouvido.

— Esta bem meu amor, não vamos mais falar sobre isso agora, esta bem? Porque não vai tomar um banho e relaxar que eu vou pedir nosso jantar no quarto. Não quero mais ninguém, além de mim apreciando essa obra dos céus.

PERIGOSAS ACHERON

Distrações

Não prestei atenção as palavras dele e não respondi ao elogio, apesar de ter gostado. Virei as costas e fui para o banheiro, estava ansiosa por um bom banho. Liguei o chuveiro, enquanto terminava de tirar minha roupa, quando entrei embaixo do jato de d'água, a temperatura estava bem quente, da maneira que eu amava. Não ouvi a porta se abrir, só senti quando ele já estava às minhas costas, nu, com as duas mãos envolvendo meus seios, pressionando seu corpo contra o meu e me fazendo notar todo o seu desejo. Meu corpo se incendiou de desejo e eu apenas senti. Cada toque, cada carícia, os lábios dele beijando cada parte do meu corpo e me levando ao êxtase total. Fizemos amor no chuveiro duas vezes, antes de ele sair, se secar e ir receber o jantar. Ele não disse nenhuma palavra, eu tão pouco. Eu só pensava no poder que ele tinha sobre mim, que em tão pouco tempo eu estava tão perdidamente apaixonada que já não me imaginava sem ele. Mas ali naquele momento, meu sexto sentido me avisou novamente que eu estava sendo dominada, que independente das palavras que ele

disse ainda pouco, ou da sua atitude no início da manhã, ele sabia como me envolver. Era como uma droga, que ele me dava aos poucos eu já não conseguia viver sem. Eu me avisei, mas não quis me ouvir. Quando eu saí do banheiro, ele estava me esperando com o jantar servido e eu estava faminta.

— O banho estava bom amor? — Ele riu pra mim de maneira maliciosa, eu não conseguia resistir

— Você não pode imaginar o quanto. — Retribui o sorriso cúmplice.

— Acho que tenho uma leve noção. Meu banho também foi incrível. Quero banhos assim todos os dias.

— Então deixa eu me alimentar e recuperar as energias, por favor. — Sorrindo, sentei bem perto dele e nós dois devoramos o jantar.

Logo após o jantar fui direto para cama, eu estava exausta. Henrique apenas atendeu o serviço de quarto e se juntou a mim. Eu me aconcheguei bem juntinho dele, aquele perfume era inebriante.

— Esse lugar é o paraíso. Posso ficar nessa cama com você, com esse jogo de cama maravilhoso par sempre. Não quero ir embora. — Olhei pra ele manhosa fazendo beicinho.

— Seu desejo é uma ordem minha cara. Posso

providenciar isso. Mas você não pode trabalhar daqui não é mesmo?

— Ah Henrique, sério que vamos voltar nesse assunto? — Não queria estragar aquele momento por nada.

— Não meu amor, não vamos. Só queria ver você brava novamente. Você fica ainda mais linda e mais sexy sabia? — Ele me abraçou e sorriu, não queria guerra.

— Então você vai mesmo se mudar para Gramado?

— Claro que sim! Não posso e não quero mais ficar longe de você. Afinal de contas, eu já iria me mudar pra lá de qualquer forma, por conta dos negócios e minha terapeuta me disse que uma mudança me faria bem. Então você apareceu para completar essa nova fase.

— Terapeuta? — Perguntei curiosa.

— Sim. Quando perdi meus pais, precisei de ajuda, de orientação. Me sinto muito mais fortalecido e com a ajuda de um profissional, consegui viver o luto e encontrar um forma de conviver com minha perda.

— Sinto muito meu amor! Você nunca mais vai ficar sozinho, eu vou cuidar de você! — Abracei ele ainda mais forte e tentando entender a sua dor. Um

PERIGOSAS NACIONAIS

homem tão maduro, mas quando se trata de uma perda tão grande e tão drástica, todos nos tornamos crianças inocentes.

— Você é um presente pra mim! Vou construir minha família com você! Sobre a mudança, tenho um imóvel quase certo, quero levar você lá para ver. Pensei em nos casarmos no civil agora e daqui alguns meses, se você quiser fazer uma festa, fizemos uma cerimonia para comemorar. Teremos tempo para organizar tudo, o que acha?

— Mas você quer casar já Henrique? — Eu estava feliz, mas ao mesmo tempo apavorada.

— Você não? Algo que eu percebi com as perdas que eu sofri, é que tempo é algo que não temos, apesar de achar que possuímos todo o tempo do mundo. Pensei em irmos pra Las Vegas, nos casarmos lá. Mas infelizmente não posso me ausentar da empresa agora e quero torna-la minha esposa o quanto antes.

— Você é maluco! — Falei sentindo um frio na barriga. — Mas se vamos fazer isso, que seja logo então.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sexto sentido

Adormecemos abraçados um ao outro e dormimos assim a noite inteira. Era o melhor lugar do mundo. Sonhei com um campo cheio de flores, uma cerimonia estava acontecendo, haviam convidados e Henrique me esperava ao final de um longo corredor iluminado com velas e flores. Era o nosso casamento. Quando cheguei até ele e eu diria o meu sim, uma voz ao longe berrou que eu cometia um erro, que não devia fazer aquilo. Olhei para a outra ponta do corredor e vi o Beto, correndo em minha direção e repetindo que aquele casamento era um erro. Acordei num sobressalto. Henrique que estava abraçado em mim, também se assustou, eram sete da manhã.

— O que aconteceu Marian? — Perguntou assustado.

— Apenas tive um pesadelo meu amor, só isso. Desculpe-me por ter acordado você.

— Vem aqui, deixa eu fazer um carinho em você. E não se desculpe, prefiro que você me acorde. — Eu senti a vontade dele para que eu respondesse ao comentário, que com certeza se referia ao

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecimento da manhã anterior. Mas eu não caí no seu joguinho, ainda era muito cedo. – E acho que foi uma excelente ideia você ter me acordado.

Ele veio pra cima de mim como um leão e levantou minha camisola. Sentir as mãos dele deslizando por entre minhas coxas me despertou totalmente. Eu acredito que sonhos sempre querem nos mostrar algo, trazer uma mensagem, mas naquele momento eu preferi não fazer interpretações e esquecer aquele sonho maluco. Mais uma vez, eu me avisei, mas não me ouvi. Eu só consegui me concentrar no rosto dele entre minhas pernas, fizemos amor novamente de forma incrível.

Quando saímos do quarto para tomar café da manhã, já passavam de nove horas. Deixamos as malas todas prontas, porque após o café, Henrique me levaria diretamente ao aeroporto. Eu estava com uma sensação de melancolia, não queria me afastar dele, mas ao mesmo tempo estava com saudades do meu apartamento, do meu trabalho e não via hora de ligar para minha mãe e contar as novidades. Ela deveria estar muito ansiosa por notícias minhas, afinal eu falei que viajaria, mas não contei detalhes e não mandei notícias o final de semana inteiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mãe ficaria sem ar quando eu contasse pra ela que estava noiva. O pensamento me fez sorrir e amenizou as dúvidas que insistiam em pulsar na minha mente.

PERIGOSAS ACHERON

Excessos

Na saguão do café da manhã, memorizei cada detalhe daquele lugar esplêndido. Cada pedra nas paredes gigantescas, as janelas de vidro, o sol que passava por elas e aquecia minha pele. Nesse momento, uma voz conhecida me tirou do meu devaneio.

— Bom dia Marian! Não vi você por aqui ontem. Conseguiu aproveitar e conhecer nossos jardins? — Era Otávio, que estava parado ao lado da nossa mesa.

— Bom dia. — Respondeu a voz seca de Henrique as nossas costas, ele havia saído para buscar seu celular que esqueceu no quarto. — Ela aproveitou muito, obrigada por se preocupar, agora se nos dá licença, vamos continuar nosso café.

Olhei Otávio se afastando, tão aturdido quanto eu com aquela situação. Não sei distinguir se não tive oportunidade de falar ou se senti medo.

— Por Deus Henrique, eu não sou uma criança indefesa. — Me levantei da cadeira, pronta para ir para o quarto.

— Você não vai mesmo estragar nossa manhã

novamente, vai meu amor? – Ele segurou meu braço, um pouco mais forte do que deveria.

— Eu? Eu estraguei nosso café? Me poupe Henrique!

— Por favor Marian, sente-se. Daqui a pouco as pessoas vão começar a olhar para nós. Eu já falei, você é minha! É minha obrigação cuidar e proteger você. Me desculpe por te amar tanto.

Me sentei devagar, tentando assimilar tudo que aconteceu. Definitivamente essa mudança constante de humor estavam me deixando maluca, mas não quis estragar nosso final de semana quase perfeito. Terminamos o café em silêncio. Eu não estava com vontade de conversar e Henrique ficou resolvendo assunto de trabalho no celular, nem percebendo meu silêncio. Saímos do resort já eram quase meio dia e seguimos diretamente para o aeroporto, optamos por almoçar antes do meu embarque para não correr o risco de perder o voo.

— Marian, vou na quarta-feira a Gramado, tudo bem pra você? – Henrique me perguntou com delicadeza, sem aquele tom autoritário que muitas vezes ele deixava transparecer. Estávamos sentados em uma das mesas do restaurante da área vip do aeroporto. Eram 13:30 da tarde, nossa viagem até

PERIGOSAS NACIONAIS

ali demorou um pouco mais do que o previsto por conta do trânsito de domingo e meu embarque começaria em trinta minutos.

— Sim, tudo bem. Você vai conseguir se organizar em tão pouco tempo?

— Como falei pra você, tenho tudo encaminhado e não quero passar mais tempo longe de você. Além disso vai ser muito bom pra empresa que eu me mude pra lá o quanto antes. Ah, amor, me desculpe por hoje de manhã cedo, não quis me exaltar, mas não consigo pensar em outro homem se aproximando de você.

Novamente as mudanças de humor. Ali estava ele, o homem doce, inteligente e charmoso por quem eu me apaixonei perdidamente em tão pouco tempo, que me dominou completamente.

— Está bem amor, só fico um pouco assustada com essas suas mudanças bruscas de humor. Eu jamais farei qualquer coisa para desrespeita-lo, eu te amo Henrique. Não vejo a hora de ter todos os dias comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Tempo para pensar

Chegou a hora de voltar, nos despedimos e eu entrei no avião. Eram tantos sentimentos ao mesmo tempo que não saberia explicar em palavras. Preciso urgente ligar para minha mãe para contar tudo que tenho sentido nesses últimos dias.

Entre a aterrissagem em Porto Alegre e o caminho de volta até Gramado, eu entrei no meu apartamento quando o sol já havia se posto. Fazia frio, mas a sensação acolhedora de entrar na minha casa aquecia meu coração. Enviei uma mensagem ao Henrique, avisando que já estava em casa. Caso contrário ele poderia colocar a polícia atrás de mim, em seguida disquei o número da minha mãe, que atendeu no segundo toque.

— Minha filha, que saudades!! Onde diabos você se escondeu esses últimos dias? Eu estava preocupada!

— Ah como é bom ouvir sua voz mãe. Senti saudades também! Tenho tantas novidades pra te contar, mas vou começar pela melhor de todas: eu estou noiva mãe! — A linha ficou muda, será que ela desmaiou?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mãe?? Esta me ouvindo? – Perguntei aflita.

— Noiva? Como assim Marian, você vai se casar com quem? Eu nem sabia que você estava namorando filha! – Ela falou completamente perplexa e eu sabia que ela tinha motivos.

— Na verdade é uma longa história, mas que aconteceu em pouco tempo... – Soltei um risinho e contei tudo para ela.

— Ah minha filha, você e esse seu romantismo exagerado. Eu sempre te ensinei à correr devagar, para não se machucar. – Quando eu era pequena, ela sempre me falava isso, para evitar joelhos ralados. – Não era uma lição apenas para suas travessuras, é uma lição pra vida. Tudo na vida tem consequências e quando você age apressadamente, essa mesma consequência chega ainda mais rápido até você.

— Mãe, como eu estou com saudade da sua sabedoria infinita. Eu sei que você tem razão, mas o Henrique é uma pessoa especial e o homem da minha vida, você verá quando conhecê-lo.

— Marian, você não pode saber se ele é pessoa certa em quinze dias meu amor. Vocês mal se conhecem, pense bem minha filha.

— Já decidimos mãe. Ele vem morar comigo essa

PERIGOSAS ACHERON

semana e assim que conseguir mais uma brecha no trabalho, nós vamos visitar vocês. Fique tranquila!

— Ah minha filha, tomara que você tenha razão! Uma coisa eu tenho que concordar com você: ele é lindo! Parece um príncipe mesmo. Maravilhosa a foto de vocês juntos que você me enviou. Mas não se deixe levar pela paixão minha filha. Amor vai muito além disse e na maioria das vezes, quem vê cara, não vê coração. — Minha mãe era propensa a filosofar e algumas frases prontas. Parecia que ela tinha conversado com o Beto e eles se juntaram para me fazer mudar de ideia sobre o Henrique. Pois bem, eu provaria a todos que estavam errados.

Lar doce lar

Depois de uma longa conversa ao telefone com minha mãe por quase duas horas, me despedi e desliguei. Tomei um banho quente delicioso, porém rápido e fui para cama. Não pude evitar a lembrança do meu banho junto com Henrique no sábado a noite. Mandeí uma mensagem de boa noite pra ele e falei que não via hora de tomarmos banho juntos novamente. Eu realmente já estava com saudades dele, mas olhando o meu apartamento e sentindo o calor da minha cama, meu coração ficava apertado em pensar que eu teria que renunciar á esse lugar que eu tanto amo para morar com ele. Mas tudo bem, grandes amores exigem sacrifícios. Cai em um sono profundo sem sonhos.

Acordei um pouco antes do meu relógio, renovada depois de um final de semana maravilhoso e uma ótima noite de sono. Antes de qualquer coisa, olhei meu celular e já havia uma mensagem do Henrique.

“Bom dia amor da minha vida! Queria acordar com você e encher todo esse corpo lindo de beijos.

Ótimo dia de trabalho e por favor, não use saia, quero essas pernas lindas só pra mim.”

Ri em voz alta com o comentário dele sobre minhas saias, até nisso ele queria me proteger? Tudo bem, não me custa agradar meu noivo em algo tão simples. Escolhi uma calça de alfaiataria de cor preta, com uma camisa de botões branca e um blazer preto. Tirei uma foto no espelho e enviei para Henrique.

“Bom dia meu príncipe encantado. Estou bonita com meu look conservador estilo noiva do ano? Tenha um ótimo dia. Te amo!”

Agora eu dirijo

Saí apressadamente do meu apartamento, peguei meu carro na garagem e me dei conta que estava com saudades de dirigir. Durante o final de semana pedi para que Henrique me deixasse pilotar aquele BMW incrível, mas ele disse que era o único quem podia dirigir o carro dele e que achava que mulheres não precisam manejar, devem ter sempre alguém para leva-las aonde quiserem. Eu achei um comentário muito machista da parte dele, às vezes ele me tirava do sério, mas eu não estava com vontade de discutir no momento.

— Bom dia Challi, meu café especial de sempre, por favor. – Cheguei radiante no Café das Flores.

— Ora, ora! Olha só quem esta mais radiante do que nunca hoje. Bom dia Marian!

Quando ela voltou com meu pedido, estendi a mão direita para pegar, exibindo meu anel de noivado. Porém, não pude esperar que ela me perguntasse qualquer coisa e fui logo falando:

— Estou noiva Challi! E quero que você seja minha madrinha!!

— Como assim noiva? Até duas semanas atrás as

PERIGOSAS NACIONAIS

únicas coisas que ocupavam seu tempo eram o trabalho e os livros.

— Você trouxe sorte! Lembra aquele deus grego que esbarrou em mim naquela manhã aqui? Então, meu sonho se realizou!

— Marian você mal conhece rapaz! Tenha cuidado minha menina.

— Ah vocês tem que parar de se preocupar comigo! Eu sei me cuidar e sei o que estou fazendo. Comemore comigo amiga, por favor! — Pedi sorrindo pra ela, eu sabia que estava radiante. Mas parecia que todos estavam mais preocupados em me lembrar que eu estava cometendo uma loucura. O que eu sabia bem, mas não me importava, porque eu sabia que Henrique era o homem da minha vida.

— Parabéns querida! Você sabe o quanto eu gosto de você, não sabe? Eu quero apenas o seu bem! Tenha cuidado por favor. E saiba que pode contar comigo sim, obrigada pelo convite, será um honra ser sua madrinha.

PERIGOSAS ACHERON

Noiva do ano

Cheguei na delegacia e Judy já estava em sua mesa, não consegui nem lhe dizer bom dia.

— Judy, estou noiva!! – Falei feito uma adolescente, estendendo a mão direita para que ela pudesse ver meu anel.

— Meu Deus senhora, não sei nem o que lhe dizer! Parabéns!!

Judy era mesmo especial, foi a única pessoa quem me parabenizou sem questionar ou fazer julgamentos. Claro que no fundo eu sabia que ela jamais faria isso, porque não tínhamos tal intimidade.

— Bom dia Marian! Já estava com saudades. – Ouvi a voz do Beto. – Estamos indo fazer uma visita a sua amiga, aquela senhora, Rita de Cássia. Mais uma denúncia dos vizinhos, parece que dessa vez foi ainda pior. A polícia Militar já esteve lá, mas vamos tomar depoimento e tentar convencê-la a fazer uma queixa. Quer vir?

— Pobre mulher. Vou com você, só preciso de um minuto para colocar minha bolsa na sala.

Não demoramos muito para chegar na

PERIGOSAS NACIONAIS

residência daquela mulher que estava cavando a própria cova, dia após dia. Batemos na porta e ela nos atendeu em menos de um minuto. Acho que já nos esperava.

— O que vocês querem aqui? Seus amigos já vieram e já conversei com eles. — Não consegui disfarçar meu espanto quando olhei pra ela. Seus olhos estavam inchados, começando a ficar roxos, os lábios inchados e o supercílio direito estava cortado. Ela parecia ter saído de uma luta de vale tudo e eu não permitiria que isso ficasse assim.

— Gostaríamos de falar com o seu marido, o responsável por todos esses hematomas que você tem.

— Eu já falei que ele não fez isso, nem sequer está em casa! Vá embora, por favor.

— Podemos entrar só por uns minutos então? Por favor dona Rita, meu parceiro e eu seremos breves, só uns minutos do seu tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Ladrão de almas

Ela me olhou receosa, com o rosto deformado dá surra que levou recentemente, nos seus olhos eu podia ver o pedido silencioso de socorro, aquelas palavras que o orgulho não a deixavam pronunciar, estavam todas escritas ali. Ela abriu mais a porta e fez sinal para que entrássemos. Eu nunca havia entrado na casa dela, as outras vezes em que estivemos ali, ela nunca permitiu que nós entrássemos. A casa dela era impecável, não havia nenhum objeto fora do lugar, nenhum resquício sequer de poeira. Rita nos guiou até uma sala de estar e sentou, eu tive a impressão que ela era um objeto inanimado, podia até fazer parte da decoração. Senti uma físgada no peito ao perceber que tantos anos de agressões e frustração tinha roubado a alma dela.

— Rita — falei com o tom mais calmo que consegui — nós já conversamos anteriormente e a cada vez que nós somos chamados, a sua situação é pior. Por favor, me deixe te ajudar.

— Eu já falei que não preciso de ajuda moça.

— Basta você vir comigo até a delegacia, vou

tomar seu depoimento e colocamos o seu marido atrás das grades, ele não poderá mais machuca-la.

— Meu marido é bom homem moça, ele me ama. As vezes fica nervoso, mas eu também ficaria se trabalhasse tanto pra sustentar essa casa e nossos filhos. Hoje quando ele voltou do trabalho, a comida não estava da maneira que ele gosta. Mas eu prometo que não farei mais isso, vou caprichar mais. — Não podia acreditar que ela, não apenas assumia a culpa pelos atos do crápula, mas ela realmente se sentia culpada. — Isso aqui — ela apontou para o próprio rosto — foi um acidente, eu vou tomar mais cuidado.

— Rita, a culpa não é sua! Você fez tudo certo, você é uma excelente mulher. Eu sei como você se sente...

— Não sabe não! — Ela me interrompeu, falou tão alto que Beto e eu nos assustamos. — Você não tem filhos, não tem uma família pra cuidar e um marido que você ama acima de tudo. Eu simplesmente não posso viver sem ele. Por favor, vão embora.

Beto se levantou do sofá, me olhou derrotado e eu soube que estava na hora de ir. Ela nos acompanhou até a porta, os olhos repletos de água, das quais não permitiu que nenhuma caísse

PERIGOSAS NACIONAIS

na nossa frente. Se não fossem por todos os hematomas, ela seria a dona de casa perfeita, com uma família perfeita, levando as visitas até a porta depois de um café.

— Você sabe que pode contar conosco não é? — Já parado do lado de fora da porta, olhei pra ele e fiz uma última tentativa. — Pegue meu cartão, tem meu número de telefone pessoal, você pode me ligar a qualquer hora! Qualquer hora!

Ela pegou o cartão, mas não me respondeu, simplesmente fechou a porta.

Beto e eu voltamos para o carro em silêncio. Minha semana havia começado muito bem, pensei comigo.

— Beto, você não abriu a boca! Porque não me ajudou a convencê-la a fazer uma denúncia?

— Porque de nada adiantaria bebê. Dona Rita de Cássia, infelizmente é um dos nossos casos perdidos. O amor doentio pelo marido violento ou o orgulho em deixar o casamento e a família “perfeita” ruírem, jamais deixarão com que ela se liberte desse pesadelo. A fantasia de que tudo vai melhorar, de que não acontecerá de novo, é melhor pra ela.

— Não pode ser Beto, não pode ser!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas é, você sabe que é! Acredito que nosso próximo chamado na casa dela, será para colher dados de um homicídio.

— Credo, não fala assim. Vamos manter a esperança, talvez ela me ligue.

— Tomara bebê, mas eu não me apegaria a essas esperanças. Mas agora me conta – ele mudou o tom de voz completamente e eu já sabia sobre o que elealaria – como foi o final de semana com o Sr. Perfeito?

— Primeiro pare de me chamar de bebê. Segundo, minha vida particular não é da sua conta.

— Você sempre gostou quando eu te chamava de bebê. – Ele me olhou malicioso e soltou uma risada safada. Nosso, esse homem é um arraso, ainda bem que agora sou quase uma mulher casada. Se contenha Marian!

— Isso foi antes Beto, agora eu estou noiva! – Falei saboreando cada sílaba.

— Você é o quê? Só pode ser brincadeira.

— Não é! Vou me casar e quero que você respeite minha relação. – Estacionamos em frente a delegacia e ao terminar de falar, saí do carro sem dar tempo para que ele respondesse. Mas claro, Beto não desistiria assim fácil. Ele veio atrás de

PERIGOSAS ACHERON

mim em silêncio, passamos pela Judy, ele entrou comigo na minha sala e fechou a porta.

— Roberto, quero que você saia da minha sala.

— Marian, chega de brincadeiras. Você não pode casar com um homem que você nem conhece! Você acabou de ver o que pode acontecer quando você conhece alguém há anos, imagina com um desconhecido. E eu não tive uma boa impressão desse sujeito Marian.

— Cadê o bebê agora? — Falei debochadamente. — Ele é o homem da minha vida e vou te mostrar isso, inclusive quero que você vá no meu casamento.

— Eu falo sério Marian. Posso brincar com você e tudo mais, mas tenho muito apressado pela nossa amizade e não quero que você se machuque. Eu não confio no Henrique.

— Pois eu agradeço, mas sei me cuidar. Porque você não busca informações dele no nosso sistema? Não vai encontrar nada meu amigo. Eu já fiz isso! Você pode pensar que sou uma ingênua romântica, mas eu não sou. Sei me cuidar! Henrique é um ótimo homem e você vai ver, talvez sejam até amigos.

— O caráter de alguém pode não estar no sistema Marian e para o seu próprio bem, eu espero que

você esteja certa sobre ele.

Beto saiu da minha sala como um cão raivoso. Ele era um homem extraordinário, isso não se pode negar. Mas toda essa cisma com meu noivo, eu não podia admitir, além de achar um exagero.

Incompreensão

Sentei na minha mesa e não sabia por onde começar meu trabalho, apesar de ter ficado fora somente um dia útil, havia uma pilha de documentos acumulados que pareciam ser de meses. Comecei a revisá-los, volta em e meia pensando em como a dona Rita se mantinha naquela situação, quanto tempo mais aguentaria e o que eu poderia fazer para ajuda-la. Não me ocorreu nenhuma solução, mas aceitação pela decisão dela também continuava sendo um mistério pra mim, era simplesmente inaceitável. Pode o orgulho de uma mulher ser maior que a sua dor física? Ou o orgulho ferido pode doer de tal forma que se sobrepõe a quaisquer outras coisas? Entre muito trabalho, algumas mensagens trocadas com meu noivo e um sanduichem de frango no almoço, que a Judy trouxe pra mim, olhei para o relógio e já eram quase três da tarde. Que bom, vou conseguir finalizar mais um relatório antes de ir para casa, apesar de quê, o arquivo aberto em minha frente era longo. Era o relato de uma jovem, sobre os abusos sofridos pelo padrasto, dentro de sua própria casa.

O caso já estava encerrado, mas o julgamento do acusado estava próximo e eu seria umas das relatoras, afinal eu que conduzi as investigações. Comecei a repassar os fatos, começando pelo atual depoimento da vítima, colhido no dia da preparação para o julgamento. Hoje ela tem dezesseis anos, mas na época em que o crime foi descoberto, a cerca de quase dois anos atrás, era uma adolescente de quatorze anos de idade.

“Tudo começou quando eu tinha 9 anos de idade, minha mãe casou com esse monstro que era obsessivo e ciumento com ela, mas ela não enxergava, me dizia que amava e não podia viver sem ele. Meu padrasto começou a me abusar sexualmente quando ficou desempregado e minha mãe saía para trabalhar, ela quem nos sustentava. Eu tinha medo, repulsa, nojo, raiva e não entendia por que aquilo acontecia comigo, me sentia envergonhada, uma criança estranha e muito diferente das outras. Eu queria contar pra ela ou pra qualquer pessoa, pedir ajuda, mas eu me sentia culpada. Por Deus, eu era só uma menina, uma criança inocente e sentia muito medo, achava que aquilo só acontecia comigo. Eu tentei

por diversas vezes contar pra minha mãe, conversar com ela, mas ele me ameaçava, dizendo que mataria minha mãe e eu. Eu não me importava de morrer, na verdade pensei nisso muitas vezes, como uma forma de fugir de todo aquele inferno, eu vivia em uma prisão sem grade, literalmente. Mas eu amo minha mãe, nunca quis que nada de ruim acontecesse com ela, era a pessoa que eu mais a amava no mundo. Quando eu fiz treze anos, eu não suportei mais. Eu precisava contar para alguém, pedir ajuda ou acabar de uma vez com minha vida miserável. E minha amiga contou aos pais dela, que procuraram a escola que eu frequentava. Quando contaram para minha mãe, ela não acreditou. Me acusou de mentirosa, chorou muito e quando ficamos sozinhas, eu levei uma surra dela e dele. Naquela noite, eu decidi acabar com meu sofrimento e não causar mais nenhum desgosto a minha mãe. Tomei um frasco inteiro de comprimidos para dormir. Minha mãe me encontrou no banheiro convulsionando e me levou desesperada ao hospital, aonde eu passei por vários exames, por conta do ocorrido e ao verem os hematomas pelo meu corpo, desconfiaram que algo estava errado e com mais exames,

comprovaram os abusos que eu vinha sofrendo a tanto tempo. Hoje o meu agressor esta preso e eu preciso de acompanhamento psicológico, assim como minha mãe. Eu a perdoei, apesar de tudo. Ela simplesmente não podia ver, estava cega. Eu perdi a minha alma, na verdade ela foi tirada de mim e agora dia após dia, eu tento colar os pedaços que ficaram. Só peço que a justiça seja feita, que esse monstro pague pelo mau que me fez e nunca mais machuque ninguém.” Ketlen Oliveira, dezesseis anos.

Lembro-me como se fosse hoje, as investigações, os depoimentos, a negação do acusado como eles sempre fazem, mas o que mais me chamou atenção na época, foi a culpa da mãe por não ter acreditado na filha quando a criança pediu por ajuda e confiou á mãe o segredo mais sombrio que tinha. Eu estava presente na audiência de instrução deste caso e assisti ao depoimento de Ketlen, assim como de todos os outros, mas o dela foi o mais emocionante e chocante ao mesmo tempo. Ela não chorou, não alterou sua expressão em momento algum e manteve um olhar vazio o tempo todo. Quando ela falou que a alma dela

havia sido roubada, eu acreditei nela. Era possível ler em seus olhos e não importava a sentença á qual o réu fosse submetido, o castigo pior era da vítima. Ketlen, sendo tão nova, tão inocente recebeu a sentença perpétua de conviver com todo aquele trauma sem nunca ter feito mal algum. E aquela mãe que negou ajuda a ela, se recuperaria? Não existe explicação para tal atitude. Como um mulher escolhe acreditar em um homem ao invés de acolher a própria filha?

Meus julgamentos e incompreensões começavam a me consumir novamente, eu precisava me controlar. Olhei para o relógio e a tarde estava no fim, me assustei quando percebi que já havia passado trinta minutos do meu horário de saída. Guardei os papéis, peguei minha bolsa e saí da sala.

— Judy, estou de saída. Aqui estão alguns relatórios finalizados, amanhã pretendo terminar o restante. — Saí sem me despedir, reviver toda aquela situação me abalou. Se eu estivesse no lugar da mãe da Ketlen, meteria uma bala na testa do desgraçado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Mais pista

Cheguei ao meu apartamento passavam das sete da noite, optei por ir direto pra casa e descansar, pediria algo pra comer ou arrumaria algo em casa mesmo. Peguei meu celular em nem olhar o monitor e liguei para o Henrique, que atendeu ao primeiro toque.

— Seu dia foi ocupado pelo visto Marian. – Ele falou em tom seco e eu resolvi não entrar no jogo, afinal de contas esse ciúme dele com meu trabalho deve passar depois que estivermos morando juntos.

— Sim amor, na verdade foi mesmo. Fui atender uma ocorrência na casa de uma senhora que apanha do marido, mas insiste em não denuncia-lo...

— Talvez ela goste de apanhar ou dê motivos a ele.
– Henrique falou de forma tão fria, que eu fiquei sem palavras.

— Henrique isso não é uma brincadeira! Homem nenhum, por motivos nenhum tem direito de bater em qualquer mulher.

— Calma amor, só estou brincando. Você bem que gosta quando eu lhe dou uns tapinhas e puxo esse cabelo escuro. – Ah aquele tom carinhoso e com

PERIGOSAS NACIONAIS

malícia, esse é meu Henrique e disse que preciso agora.

— Mas o que acontece com ela é violência amor, não carinho. Mas enfim, é desse Henrique safado e brincalhão que eu estou morta de saudades. Tenho certeza que quando morarmos juntos e com o tempo, você vai compreender melhor o meu trabalho.

— Ou você pode parar de trabalhar e ficar em casa comigo, o que acha?

— Há há há. Você sabe que eu nunca vou largar meu trabalho.

— Não vamos falar disso agora meu bem. Vamos falar de coisas boas – ele continuou em um tom tão descontraído que não parecia a mesma pessoa – na quarta-feira chego em Gramado. O nosso novo apartamento está pronto pra nos receber, só falta você aprovar.

— Meu Deus amor, mas já? Isso tudo me deixa com frio na barriga que você nem imagina.

— Não quero perder tempo amor! E não mais ficar longe de você.

PERIGOSAS ACHERON

Perseguição

Nós ficamos ao telefone por mais vinte minutos e quando desligamos fui direto para o chuveiro. Enquanto a água quente escorria pelo meu corpo, comecei a pensar o quanto eu gostava do lar que construí pra mim e apesar de ser tudo tão incrível, não sabia se estava pronta pra sair de casa. Que bobeira Marian – repreendi a mim mesma – o homem da sua vida chegou, não desperdice a chance, afinal de contas aqui é só um lugar não é mesmo? Lar é estar com quem amamos e amo o Henrique, Deus sabe o quanto estou enfeitiçada por ele. Será que ele sabe o quanto me afeta e quanto estou vulnerável por conta deste sentimento? Prefiro pensar que não. Ou que ele esteja se sentindo o mesmo que eu.

Depois do banho, fiz um macarrão instantâneo e logo fui para cama, adormeci muito rápido. Acordei as cinco da manhã com o toque do meu telefone, meu coração estava aos pulos.

— Alô?? – Atendi assustada e sonolenta.

— Marian, coloque uma roupa rápido estou chegando em sua casa em dez minutos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como assim Beto, por que? São cinco da manhã!

— Houve um homicídio, preciso de você comigo para analisar a cena do crime.

Pulei da cama e me vesti em cinco minutos. Fazia tempo que eu não saia da cama assim cedo para atender uma ocorrência. A adrenalina em meu corpo era uma sensação incrível, que me fazia sentir viva e eu não entendi muito bem o porquê, mas um pensamento de que eu jamais deixaria o meu trabalho por causa de ninguém me invadiu. Quando cheguei ao térreo, Berto já estava me esperando.

— Bom dia bela adormecida. Trouxe um café pra você, do jeito que você gosta!

— Bom dia Beto! Que surpresa você ainda lembrar dos meus gostos. Muito obrigada! – Respondi sinceramente agradecida, porque eu funciono muito melhor depois de um café e surpresa por ele ter lembrado de como eu gosto do meu café.

— Eu lembro de muitas coisas que você gosta bebê. – Ele falou com um sorriso travesso e cheio de malícia. Meu Deus esse homem é muito charmoso! Mas eu sou quase uma mulher casada, preciso afastar esses pensamentos.

PERIGOSAS ACHERON

— Me conte sobre o caso Beto. — Resolvi fingir que não ouvi o que ele me disse e mudar de assunto, falar do que realmente interessa.

— Tudo bem então — ele falou um pouco decepcionado com minha falta de humor — você já foi mais bem humorada. — Leu meus pensamentos. — Houve um homicídio na Rua Torta.

— Na Rua Torta? Aquele lugar lindo.

— Pois é, talvez o assassino também gostasse de lá e quis usa-lo como palco. Mas o fato de eu precisar de você, é que achamos que foi um feminicídio.

— A vítima já foi identificada?

— Sim. Trata-se de Emília Souza. — Eu conhecia ela, uma jovem de vinte anos, sem nenhuma estrutura familiar, mulher de um famoso traficante de drogas da nossa região que era agredida quase todos os dias. Ela fez uma denúncia a um mês atrás, eu colhi seu depoimento e lhe encaminhei a um abrigo. Ela queria mudar de vida, não aguentava mais aquela situação e eu prometi que a ajudaria.

— Ela deveria estar em um abrigo seguro Beto! Eu a enviei para lá.

— Por isso que quero você trabalhando comigo nesse caso Marian. Você conhece a vítima e tem uma ótima intuição. Ainda não posso provar, mas

tenho certeza que foi o Demian Vale que a matou, em forma de retaliação por ela o ter abandonado.

— Nós vamos pegar esse desgraçado. Você está atrás dele faz tempo não é? Pois agora, ele nos deu um motivo.

Chegamos na cena do crime e eu não pude acreditar. A Rua Torta de Gramado é dos pontos turísticos mais visitados daqui, um lugar muito bonito mesmo e agora um canalha resolveu transformar o lugar na cena de crime. Olhei o corpo da pobre garota caído no chão, tinham várias marcas feitas com um objeto cortante, provavelmente uma faca.

— Por favor, cubram o corpo dela. — Pedi a um dos agentes que estavam periciando a cena do crime.

— Claro detetive, estava apenas aguardando a equipe técnica terminar a análise primária.

Cheguei mais perto, olhei seu rosto enquanto jogavam um lençol branco para escondê-lo. Era o mínimo que ela merecia, um pouco de respeito, já que nós não conseguimos protegê-la. O que será que aconteceu? Como aquele covarde descobriu onde ela estava abrigada? Eu iria descobrir e coloca-lo atrás das grades.

— Nós vamos encontrar o desgraçado Marian.

Você não pode se deixar afetar, você não tem culpa. Sempre faz tudo que está ao seu alcance para defender essas mulheres. — Ouvi a voz de Beto as minhas costas. — Temos alguma prova aqui que possamos ligar o Demian ao crime?

— Ainda não. A arma do crime não está aqui, mas o corpo vai ser levado para que a perícia realize exames e recolha amostras.

— Quero pega-lo antes disso. Tenho certeza que foi ele Beto. Vamos até o abrigo recolher alguns testemunhos. Peça por favor, para nos fornecerem as imagens das câmeras de segurança.

Hora da caçada

Analisei um pouco melhor a cena do crime, mas não havia nada ali que pudesse nos ajudar e nós precisamos agir rápido, antes que nosso assassino escapasse entre nossos dedos. Entrei no carro do Beto e seguimos para o abrigo onde Emília deveria estar abrigada e supostamente longe de qualquer perigo. Quando chegamos ao local, eram quase oito da manhã. Toquei a campainha e uma senhora com rosto muito amável nos atendeu. Ela era a guardiã do local e se chamava Brigitte, uma mulher com uma história de vida incrível, que sobreviveu a um relacionamento abusivo e violento, conseguiu pedir ajuda, se reinventar e ajudar outras tantas mulheres vítimas da mesma situação em que ela viveu durante tantos anos. Eu já havia abrigado algumas mulheres ali, inclusive vítimas de tráfico humano, exploração sexual e entre outras atrocidades cometida contra mulheres e crianças. Brigitte acolheu e cuidou muito bem de todas elas, conseguindo salvar a grande maioria, mas outras infelizmente não.

— Bom dia detetive, está tudo bem? — Ela me

perguntou afável e preocupada ao mesmo tempo.

— Bom dia Brigitte, nos desculpe por ter vindo tão cedo. Mas precisamos fazer algumas perguntas sobre Emília Souza.

— Por favor, entrem vou lhes servir um café. Todas nós nos levantamos muito cedo por aqui, cada uma com seus motivos para ter noites agitadas de sono, então o melhor é ficar acordada. — Mesmo depois de ter vivido tantas coisas, ela sabia ser gentil e dividir sua experiência com tantas outras mulheres necessitadas. Brigitte era admirável e uma das poucas sobreviventes que são fortes o suficiente para refazer uma alma em pedaços.

— Obrigada Brigitte, não queremos tomar muito o seu tempo, só precisamos que nos conte todas as informações que tiver sobre Emília.

— Claro detetive, aquela pobre menina. Ficou comigo muitos dias. Conversamos muitos, ela é jovem tem muito a viver ainda, apenas se envolveu com as pessoas erradas.

— Esse homem esteve aqui? — Mostrei uma foto de Demian, ex-namorado de Emília, para que Brigitte pudesse analisar.

— Sim, esteve aqui á alguns dias, veio conversar com Emília. Implorou para que ela lhe perdoasse,

que nunca a machucaria novamente ou a faria sofrer, coisas que nós todos sabemos ser mentira.

— E ela foi acreditou no que ele disse? A senhora sabe nos dizer se ele esteve com ela na noite de ontem? — Beto, que estava sentado ao meu lado, perguntou impaciente.

— No início acho que não, eu inclusive fiz tudo que pude para alertá-la. Mas vocês sabem como são essas coisas. O abusador é manipulador, inverte a situação para que a vítima se sinta culpada, confusa e uma má pessoa. Emília começou a me falar que estava pronta para ir embora, que queria recomeçar a vida. Eu tentei convencê-la a ficar conosco mais tempo, mas não adiantou. Ela está em apuros?

— Ah Brigitte, essas notícias nunca são fáceis, mas sei que você é forte. Emília foi assassinada e temos fortes motivos para acreditar que Demian é o culpado.

— Meu Deus detetive, eu não poderia imaginar. Ela era apenas uma menina, aquele crápula. Contem comigo para o que precisarem para colocar esse monstro atrás das grades.

— Muito obrigada por enquanto Brigitte, vamos encontrá-lo! — Nos despedimos dela e voltamos para o carro. E agora, já sabemos que eles tinham

voltado a se falar. Se ao menos tivéssemos acesso ao celular dela, mas o assassino o levou junto, talvez para forjar um latrocínio, mas eu tinha certeza com que tipo de crime que estava lidando.

— Marian, acabei de receber uma mensagem da perícia, a facada inicial foi dada nas costas da vítima, o que sugere que ela conhecia o criminoso, ou seja, foi literalmente apunhalada pelas costas.

— Nós temos que encontrar esse sujeito, já solicitei o endereço que Emília nos forneceu quando fez a denúncia contra Demian, na época eles moravam juntos. Vamos até lá para ver o que encontramos.

Preocupação em excesso

Peguei meu celular e digitei no GPS do carro do Beto o endereço. Aproveitei para olhar meus recados e haviam inúmeras mensagens e ligações perdidas do Henrique. Com meu dia começou completamente “bagunçado” esqueci completamente de falar com ele e já estávamos no final da manhã. Digitei rapidamente:

“Desculpe amor, não posso atender no momento.

Saí de casa hoje as cinco horas da manhã para começar uma investigação e pelo visto terei um dia muito longo. Assim que conseguir eu ligo pra você.

Te amo.”

— O seu namorado é muito preocupado, hein Marian? — Beto estava com um olho na estrada e outro no meu celular.

— Sim, ele realmente se preocupa comigo, mas Beto, por favor, não quero discutir esse assunto com você. Cuide da estrada que dos meus assuntos pessoais eu cuido, tudo bem?

— Eu não quis ser rude bebê, apenas me preocupo

com você. Sabe que pode confiar em mim, não sabe?

— Pare de me chamar de bebê. Muito obrigada pela sua atenção, mas eu estou muito feliz e não preciso desse seu papo. — Respondi mais ríspida do que eu gostaria, parecia que ele podia ler minha mente e ver mais do que eu as dúvidas que estavam me atormentando. Preferi deixar esse assunto pra lá, afinal de contas eu não tinha nenhum problema na minha vida pessoal e se tivesse, jamais admitiria ao Beto. No momento, tudo que eu preciso é encontrar o assassino da Emília.

Foragido

Encostamos o carro um pouco antes do endereço informado e fomos caminhando até o portão. Era uma casa simples, localizada em um bairro bem afastado do centro da cidade de Gramado, com muros baixos, as janelas estavam abertas e ao meu lado Beto bateu palmas e chamou por Demian. Logo alguém veio atender a porta, mas definitivamente não era quem procurávamos.

— Bom dia, detetive Roberto, da delegacia de Gramado, estou procurando por Demian Vaz, ele está?

— Não senhor, ele foi embora a alguns dias, não sei pra onde. Simplesmente disse que precisava resolver uns assuntos e que iria trabalhar em outra região. — Nos respondeu desconfiado o rapaz a nossa frente. Ele era baixo e franzino, aparentava ter uns vinte anos.

— Você sabe dizer para onde ele foi ou com quem foi? — Perguntei ansiosa.

— Não senhora.

— Então, podemos dar uma olhada na casa? Ele morou muito tempo aqui com a namorada Emília.

Você a conheceu? – Beto não esperou que ele autorizasse nossa entrada. Quando terminou a frase já estávamos dentro da casa.

— Conheci sim, ela o abandonou por causa das brigas que eles tinham. Estava cansada de viver daquele jeito.

— De que jeito? – Perguntei, como senão soubesse de nada, enquanto olhávamos os cômodos da casa.

— Ah, você sabe. Demian usava drogas, a obrigava a usar também e as vezes se exaltava demais.

— Se exaltava de que maneira?

— Olha senhora, eu não tenho nada a ver com isso, muito menos com as encencas em que aquele moleque se meteu. Os dois foram embora, de que isso importa agora? Se me dão licença eu estou ocupado. – Ele falou impaciente com nossa visita e de qualquer forma, acabamos de conferir que Demian realmente não estava ali, mas o garoto magrelo nos ajudou muito.

— Os dois foram embora, você disse? Então Emília e ele reataram o relacionamento? – Perguntei sem desviar meus olhos do dele.

— Bem, eu acho que sim. A última vez que falei com Demian, ele me contou que eles tinham se

acertado e que ele iria busca-la.

Saímos da casa e assim que chegamos no carro, emitimos um chamado de alerta para todas as rodoviárias e aeroportos próximos de Gramado com o rosto de Demian. Olhei meu celular e não havia nenhuma chamada ou mensagem nova de Henrique, ele visualizou, porém não respondeu a minha mensagem anterior. E aquela situação me deu um leve aperto no peito. Meu telefone tocou, era do departamento:

— Detetive, encontramos DNA no corpo da jovem assassinada e pertence a Demian Vaz.

— Eu sabia que era ele. Muito obrigada pela informação.

— O DNA encontrado no corpo de Emília pertence à Demian. Temos que encontra-lo Beto.

— Nós vamos pega-lo e ele vai nos tirar muitas dúvidas. Fico imaginando o ataque de fúria que ele teve, para agredi-la pelas costas, virar o corpo e continuar golpeando a vítima com tamanha violência.

— Homens como ele são covardes. Se acham invencíveis, muito melhores que as mulheres com quem se relacionam e que na maioria das vezes, não tem a menor chance de defesa. Ele tem o dobro

PERIGOSAS NACIONAIS

do tamanho e da força que ela tinha, jamais conseguiria resistir ao um ataque assim. Ah Beto, que frustrante, depois de ela ter finalmente pedido ajuda, dado um basta naqueles dias de surras e humilhações, para simplesmente achar que tudo mudaria, me poupe.

— Mulheres apaixonadas minha cara. Não somente paixão, mas também a ilusão e principalmente o orgulho em admitir que o relacionamento fracassou. E quanto a você, minha avó costumava dizer o seguinte: Quem cospe pra cima, cai na testa. Então Marian, você deveria julgar menos.

— Quanta filosofia barata meu amigo. Não estou julgando, apenas me frustro por não conseguir ajuda-las de forma definitiva. — Na verdade minha maior frustração e culpa era de fato, não compreender essas atitudes, que ao meu ver eram completamente estúpidas.

— Nossa, estou com fome, já são quase duas da tarde — Beto era o melhor em mudar de assunto rapidamente. A alguns meses atrás, nossas conversas intermináveis, cada um defendendo a sua opinião, terminavam na cama. Bons tempos — Porque você está sorrindo? Que cara de safada bebê.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cala a boca Beto! E não me chama de bebê! — Fiquei muito, mas muito corada. Não percebi que deixei meus pensamentos sobre nós dois transparecerem dessa forma. — Lembrei no final de semana maravilhoso que eu passei em Campos do Jordão. — Me arrependi na mesma hora em que falei, não queria magoar o Beto e senti um gosto amargo, ao perceber que por mais que minha conexão com o Henrique fosse incrível, ele não me causava essa sensação. — Vamos encher essa sua boca de comida, para você não falar mais besteiras.

Ele não teve tempo de me responder, por uma intervenção divina, o telefone do Beto tocou, era da central de polícia. Nosso suspeito estava tentando fugir e foi localizado na rodoviária. Seguimos para lá imediatamente, o silêncio permaneceu durante todo o caminho.

PERIGOSAS ACHERON

Trabalho de risco

Quando chegamos ao local, alguns policiais já haviam iniciado as buscas, Demian era um traficante esperto, acostumado a fugir da polícia. Puxei a arma que estava em meu coldre, Beto fez o mesmo e começamos a procura-lo junto com toda a equipe que já estava ali.

Eu conhecia bem este lugar, afinal quase todos que tem a intenção de fugir, tentam escapar pela rodoviária, afinal o risco de ser interceptado é muito menor do que no aeroporto, então posso dizer que já busquei algumas pessoas ali. Conferimos os guichês, lanchonete, banheiros e nada. O crápula parecia ter evaporado. Então eu me lembrei, que nos fundos da construção existe um pequeno depósito, quase imperceptível.

— Beto, acho que sei aonde ele pode estar. Me dê cobertura.

Passei por dois grandes ônibus estacionados, muito provável que nosso fugitivo queria embarcar em um deles, mas eu não permitiria. Contornamos a lateral da rodoviária e bingo! A pequena porta do depósito estava entre

aberta. Beto fez sinal pra mim, ele entraria primeiro e quando empurrou a porta, um homem pulou encima dele com toda a força. Foi tudo muito rápido! Demian Vaz caiu no chão, por cima do meu parceiro e lhe deu um soco no rosto.

— Parado, polícia de Gramado. Demian, já nos conhecemos não é mesmo? Solte o policial e se levante bem devagar com as mãos pra cima.

Quando Demian olhou pra mim, apontando a arma em sua direção, Beto o acertou com um belo gancho de direita que o fez cair no chão. Meu parceiro se levantou e o algemou imediatamente.

— Você e aquela vagabunda são iguais! Ela mereceu o que ganhou e você merece também! — Demian falou aquilo olhando no fundo dos meus olhos. Beto ferveu de raiva, mas eu o impedi de proferir outro golpe.

— Não vale a pena. Ele vai ter o que merece na prisão.

Junto com o suspeito, encontramos alguns pertences da vítima, incluindo o celular. Na troca de mensagens entre os dois, percebemos que realmente aconteceu o que tínhamos imaginado. Emília o perdoou, depois que ele a convenceu que a culpa de tudo que aconteceu, de todas as agressões

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele cometeu contra ela, tinham sido por culpa dela mesma, acreditando nas promessas de uma nova vida e um recomeço. Mais uma vez meus questionamentos internos não me deixavam em paz. Como alguém pode acreditar em um recomeço voltando ao mesmo lugar? Quando queremos recomeçar, devemos nos mover para frente, caso contrário é um retrocesso. O depoimento do acusado também foi muito esclarecedor. Ele e a vítima haviam passado o final de semana em um hotel e quando ela disse que não usaria mais drogas, eles começaram uma discussão e ele a atacou pelas costas, depois virou o corpo, para que pudesse descarregar toda sua raiva, olhando para ela, como ele mesmo repetiu várias vezes, porque ela era a culpada de tudo.

PERIGOSAS ACHERON

Um bom trabalho ocupa tempo

Encerramos o expediente na delegacia eram quase oito da noite. Eu estava extremamente feliz e orgulhosa por termos encontrado o culpado pelo assassinato de Emília. Nada a traria de volta, mas ele pagaria pelo que fez e eu tinha contribuído para isso. O dia havia sido longo, mas eu estava faminta e Beto também, então resolvemos sair para jantar. Mas antes eu precisava ligar para o Henrique.

— Alô, amor? — Ele atendeu no primeiro toque.

— Finalmente Marian. Você tem um tempinho pra mim agora? Você deveria saber que não sou homem de restos — Ele estava aborrecido, eu devia imaginar. Mas era o meu trabalho, poxa. Ele poderia ser mais compreensivo. — Está em casa?

— Na verdade ainda não. Saímos agora da delegacia e vamos jantar, não comi o dia inteiro. Você não sabe como foi meu dia amor. Trabalhei muito, mas no final conseguimos capturar um criminoso.

— Você vai jantar com quem?

Sério Henrique? Pensei comigo mesma, depois de tudo que eu contei, eu gostaria de ouvir

PERIGOSAS NACIONAIS

um parabéns amor, você foi muito competente.

— Você ouviu tudo que eu disse? Falei que capturei um criminoso. — Falei exasperada.

— Que poderia ter matado você! Isso não é trabalho pra você meu amor. Eu me preocupo, você sabe o quanto tenho medo de te perder. E também posso adivinhar com quem você pretende jantar.

— Amor, eu amo meu trabalho e sou muito boa no que eu faço, gostaria que você me apoiasse mais.

— Marian, estamos noivos agora! Gostaria que você fosse pra casa, por favor. Amanha estarei aí para cuidarmos das mudanças, estou me esforçando muito para ficar perto de você e ficaria muito feliz em sentir que você também me quer por perto. No mínimo, espero que minha mulher esteja disposta para me receber.

Será que eu estou sendo egoísta? Todo meu sentimento de dever cumprido foi embora naquele momento. Eu recebi tudo que pedi a Deus quando conheci o Henrique e não estava valorizando.

— Não queria te chatear amor, estou com muitas saudades, não vejo a hora de te ver amanhã. Eu vou para casa sim! Eu te amo Henrique.

Assim que desliguei o telefone, Beto já estava ao meu lado novamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos Marian, amanhã finalizamos essa papelada. Estou faminto! Obrigado pela parceria de hoje, você é mesmo uma detetive incrível, estava com saudade de trabalhar com você, formamos uma ótima dupla. Parabéns pelo seu palpite certo! Pegamos o cara, vamos comemorar!

Era exatamente isso que eu queria ouvir, mas preferia que fosse da boca do Henrique. Enfim, eu estava mesmo exausta e precisava descansar, no fim das contas Henrique tinha razão, eu deveria ir para casa.

— Ah Beto, na verdade acho que vou para casa. Estou exausta, peço um lanche no caminho mesmo. Nós dois fomos excelentes hoje, então eu divido o mérito com você. — Olhei para ele com risinho leve no rosto, mas o Beto me conhecia.

— Tudo bem então, se você prefere assim. Espero que essa nova fase da sua vida, não interfira em quem você é. Boa noite Marian.

Ele se afastou sem me dar tempo para responder e eu ainda tive que pedir um táxi, já que foi ele quem me buscou em casa de manhã. Aquilo me deixou furiosa, mas o sentimento de submissão que tomava conta do meu peito ardia ainda mais. Será que eu estava tomando a atitude certa ou

PERIGOSAS NACIONAIS

estava me precipitando?

PERIGOSAS ACHERON

Medo da verdade

Quando cheguei em casa, comi algo que achei na geladeira, tomei um banho rápido, mandei uma mensagem de boa noite para Henrique e o avisei que estava em casa. Logo depois deitei na minha cama. Como eu amava minha cama, todo lar que construí ali e cai em sono profundo. Mas não tive uma boa noite. Tive pesadelos horríveis e imaginei que fosse por conta de todas as cenas que presenciei no dia anterior, apesar de nunca ter me afetado por isso.

— Bom dia Marian! Quantos dias que não conversamos minha querida, você chegou mais cedo hoje. — Challi veio servir o meu café pessoalmente. Realmente faziam alguns dias que eu não consegui mais passar por ali.

— Bom dia minha amiga. Não tive uma boa noite de sono, então resolvi vir aqui e tomar um bom café com calma. Na verdade uma boa refeição também me fará bem. — Sorri pra minha amiga e ela me retribuiu, como sempre fazia.

Tomei meu café e devorei literalmente o sanduiche delicioso que Challi fez pra mim. Nossa como eu

PERIGOSAS NACIONAIS

estava com saudade dessa comida e com muita fome!!

— Bom dia amor da minha vida! — Aquela voz, como eu estava com saudades.

— Amor, que saudades! Como sabia que eu estava aqui? — Henrique estava tão lindo, com um jeans desbotado, tênis e uma camisa preta.

— Fui no seu apartamento e como não estava lá, deduzi que já estava no Café das Flores.

— Que surpresa maravilhosa, vem tomar café comigo!

— Quem vem comigo é você! — Ele me olhou com suspense no olhar. — Vamos visitar nossa nova casa.

PERIGOSAS ACHERON

A torre mais alta do castelo

Quando estacionamos em frente ao prédio, eu quase não acreditei. Era um dos condomínios mais luxuosos de Gramado. Mas depois de tudo que vi e vivi no último final de semana, eu poderia ter imaginado. Lugares assim nunca me chamaram a atenção, na verdade. Ficava um pouco longe da minha rota diária, percebi imediatamente. O apartamento que Henrique escolheu, era na verdade a cobertura de um prédio que tinha no total vinte andares. Senti que ele me analisava, mas eu não conseguia dizer nada. O elevador que dava acesso à cobertura era privativo, então ele digitou uma senha para que a porta se abrisse e quando elas se abriram pela segunda vez, já estávamos dentro do apartamento. Minha nossa, aquele lugar era gigantesco! A sala era enorme, com uma decoração muito moderna, em tons de branco e preto, me lembrou bastante a casa da família do Henrique em São Paulo.

— Então amor, gostou? — Ele me olhava com expectativa.

— É lindo Henrique, tem bastante espaço aqui. — E

realmente tinha espaço demais, não me senti em casa, como eu me sentia no meu apartamento, mas não tive coragem de falar pra ele como eu estava me sentindo realmente, na verdade não consegui falar. — Como você conseguiu arrumar tudo tão depressa?

— Tudo para ficar perto de você o mais breve possível, mas é claro que os contatos certos e dinheiro também ajudam.

Sorri junto com ele e continue observando aquele lugar, será que eu poderia e queria mesmo viver ali? Eu tinha uma sensação estranha, dúvidas se amontoavam nos meus pensamentos.

— O lugar é bem parecido com a casa da sua família em São Paulo, não é? — Perguntei olhando a cozinha e indo em direção aos quartos.

— Você tem razão, também achei que ficou perfeito! Minha mãe teria aprovado, pena que ela não esteja aqui. — Então percebi o que eu estava sentindo. Aquele lugar realmente não foi feito pra mim, mas sim para a mãe do Henrique. Olhei pra ele, que ficou com um olhar sombrio e triste. Jamais comentaria isso com ele, afinal ele ainda estava sofrendo e precisava de mim. Como posso ser tão egoísta? Depois que eu trouxer minhas coisas

para cá, tudo terá mais a minha cara também.

— Ficou lindo amor, ela com certeza adoraria! — Eu parei em sua frente, colocando a mão no seu rosto. — E não fique assim, agora eu estou aqui para cuidar de você!

Ele olhou pra mim como se fosse um animal! Me apertou contra o seu corpo com muita força, descendo as duas mãos para meu bumbum e apertando mais forte ainda. Eu estava usando um chemise de seda, com scarpins de salto alto, quando senti o corpo dele no meu, aquele fogo se inflamou dentro de mim.

— Meu Deus Marian, como senti a sua falta.

Eu não consegui responder, apenas senti o as mãos dele no meu corpo e o momento em que ele me colocou em cima da mesa da cozinha, fazendo com que minha roupa subisse até a cintura, deixando minhas pernas a mostra. Ele arrancou a minha calcinha e fizemos amor ali mesmo.

— Fico feliz que você gostou do lugar amor, assim pode vir pra cá hoje mesmo. — Já estávamos de volta no carro, depois de toda aquela cena erótica lá em cima.

— Bem que eu gostaria amor, mas não terei tempo durante o dia. Estou com muito serviço atrasado na

delegacia.

— Não se preocupe, eu sei que você está ocupada, mas logo vai ter bastante tempo pra cuidar de mim e da nossa casa. Agora vamos, vou te levar para trocar de roupa e te deixo na delegacia.

Fingi que nem ouvi a parte em eu ele sugeriu novamente que eu largasse o meu emprego, isso passaria com o tempo. Sobre minha roupa, ele insistiu pra que eu não usasse mais essas roupas no trabalho, como saias e vestidos e eu resolvi não arrumar um briga por isso, afinal ele estava fazendo tanto por nós, eu tenho que fazer a minha parte.

Sorte ou loucura?

Henrique me deixou na delegacia com cinco minutos de atraso, ainda teve que voltar ao meu apartamento por esqueceu o celular lá. Como eu não tenho chave extra, deixei a minha com ele e combinamos que ele me buscaria no fim do dia. Logo que coloquei os pés na porta, Judy me recebeu com uma pilha de folhas.

— Bom dia senhora. Temos muito serviço pra hoje, esses relatórios estão muito atrasados e precisam da revisão da senhora, fiz tudo o que podia para adiantar a sua parte.

— Bom dia Judy. Vou fazer minha parte, tenho certeza que você fez a sua com perfeição. — Sorri pra minha assistente e entrei na minha sala, lembrando do início da manhã no dia de hoje e quanta sorte eu tinha de ter encontrado tudo que eu sempre sonhei. Henrique era um homem maravilhoso, eu não posso desaponta-lo.

Como eu estava agitada com a chegada do Henrique e ansiosa com tudo que eu precisava arrumar para a mudança — essa palavra e o sentimento de perda do meu apartamento ainda me

davam náuseas – eu pensei que o dia demoraria à passar, ledô engano. Entre finalização de relatórios, almoço, ligação para minha mãe para contar todas as novidades, umas conversas curtas com o Beto e mais relatórios, a hora passou muito rápido. Algo incomum no meu dia, foi o fato do Henrique não ter me enviado sequer uma mensagem, deveria estar ocupado. Porém quando faltavam quinze minutos para as seis da tarde, Judy me avisou que ele estava me esperando. Peguei minha bolsa, organizei meus papéis e fui encontrar meu noivo.

— Ora, ora quem veio nos ver! – Beto chegou primeiro do que eu na sala. – Tudo bem com você... Ah, como é mesmo o seu nome?

— Não vim te ver! Sou o noivo da Marian e é só o que você precisa saber. – Henrique respondeu com o olhar inflado de raiva.

— Rapazes, por favor! Era só o que me faltava. – Falei tentando amenizar o clima e puxando Henrique pelo braço. – Boa noite Judy, até amanhã. – Para o Beto nem falei nada.

Quando entramos no carro eu não sabia ao certo o que falar, mas aquela situação era insustentável. Beto é meu parceiro de trabalho e ambos precisam se respeitar, pelo bem de todos

nós, principalmente o meu.

— Me desculpe por essa situação amor, prometo conversar com o Roberto, mas procure ter mais calma. — Não entendi ao certo porque eu comecei a frase me desculpando, afinal das contas eu não fiz nada de errado. Comecei a perceber que estava me moldando, para que o meu comportamento não irritasse Henrique, mesmo que isso não me fizesse sentir muito bem.

— Vamos esquecer o que aconteceu Marian! Hoje começamos uma nova etapa em nossas vidas e quero muito que você pense no que realmente é importante pra você. — Será que ele queria que eu escolhesse entre minha profissão e o nosso relacionamento?

— Não vai mais acontecer amor! Agora quero aproveitar que você está aqui comigo, o que vamos fazer? Quero ir pra casa primeiro tomar um banho e depois talvez possamos sair pra jantar, o que acha?

— Tenho uma surpresa pra você! Nós vamos pra nossa casa!

Henrique pegou a direção do apartamento que vístamos hoje cedo, devido a minha profissão, se tem algo que eu não esqueço são endereços. Entramos diretamente na garagem e pegamos o

elevador da cobertura, Henrique estava ansioso feito uma criança. Quando a porta se abriu eu quase caí para trás. O chão estava coberto de pétalas de rosas vermelhas, a mesa estava posta com um lindo jantar a luz de velas. Mas o que mais me chamou a atenção, foram alguns dos meus porta retratos, sob o balcão de mármore da sala.

— Henrique, meu Deus, o que significa tudo isso? Aqueles são os meus objetos?

— Sim amor! Fiz tudo pra você! A equipe de mudanças na verdade. Já esta tudo resolvido, devolvi as chaves do seu apartamento, suas roupas estão no armário e tem algumas bugigangas que talvez você deva doar para alguém.

Sem palavras

Eu não conseguia mais falar, estava perplexa demais! Como ele fez tudo isso sem a minha autorização? Eram minhas coisas, meu apartamento! A sensação de perda, por não voltar para o aconchego do meu lar tomou conta de mim!

— Como você pode fazer isso sem me consultar? Henrique você não tem o direito! — A raiva tomou conta de mim.

— Meu amor eu só quis ajudar você, trazer você pra perto de mim o quanto antes. Escolhi essa cobertura para que você se sentisse como a princesa que você é, essa é a sua torre e você é minha! Não quis te magoar, você está sendo ingrata.

Ele se afastou de mim e eu fiquei imóvel ainda perto da porta! O que eu estava fazendo? É o homem que eu amo, fez isso tudo por mim e eu continuava sendo egoísta! Ele me deu o mundo e eu estou preocupada com coisas tão supérfluas. Ah Marian, você tem muito que aprender.

— Me desculpe amor, você tem razão. — Mais uma vez quem se desculpa sou eu. — Eu não quis te magoar, obrigada por ter feito tudo isso por mim,

você é o melhor! Vem, vamos aproveitar nosso jantar.

Nossa primeira noite no apartamento novo terminou bem. Jantamos, conversamos muito e Henrique me fez esquecer das minhas preocupações, sobre os acontecimentos do dia, essa mudança repentina e com o feitiço que ele exercia sobre mim cada vez que me tocava. Sentir o corpo dele no meu era incrível, o melhor sexo da minha vida.

Início do fim

As duas primeiras semanas na casa nova foram um verdadeiro conto de fadas. Tomamos café da manhã, almoçamos e jantamos juntos todos os dias. Ele me levava e me buscava todos os dias na delegacia. Nosso apartamento tinha uma academia também, que segundo o Henrique, era para que não precisasse sair do conforto do nosso lar para nada. Quando estamos em casa, ele está o tempo todo comigo, quase não falei com minha mãe nesses dias e apesar de eu não admitir a mim mesma, estava começando a me sentir sufocada. Eu moldava o meu comportamento com medo de contrariá-lo, tentava ser perfeita o tempo inteiro e isso era exaustivo. E mesmo com todo o meu esforço, nossa primeira briga, aconteceu em uma noite depois do jantar, quando meu celular tocou.

— Boa noite Beto, está tudo bem? — Eu estava no banheiro quando recebi a chamada.

— Marian, preciso saber onde está o arquivo do caso Georgia Hills — Era uma adolescente que havia sido morta pelo companheiro da mãe. — Como você vem e volta escoltada e saí da delegacia

pontualmente todos os dias, não consegui te perguntar pessoalmente.

— Está na minha segunda gaveta Beto. Precisa de mais alguma coisa? — Não dei brecha para as insinuações que ele fez. Beto tentava puxar conversa todos os dias, insistindo que eu estava diferente, sugerindo até que eu marcasse um horário com a psicóloga que atua na nossa delegacia. Eu fiquei indignada, claro. Eu sabia lidar com meus sentimentos, apenas passei por muitas mudanças ao mesmo tempo.

— Sim, quero minha amiga e parceira de trabalho de volta. Você esta se excluindo cada dia mais Marian, parece uma prisioneira.

— Por Deus, quanto exagero. Só porque não saio mais para beber, não quer dizer que eu seja uma prisioneira Beto, eu sou uma mulher casada agora. E se era só isso, até amanhã.

— Você não é casada Marian e mesmo que fosse, relacionamentos saudáveis não te colocam dentro de uma bolha.

Eu desliguei o telefone sem responder ou me despedir. Quando abri a porta do banheiro, Henrique estava em pé me esperando.

— Precisa se esconder para falar ao telefone

PERIGOSAS NACIONAIS

Marian? – O tom dele era acusatório e seu olhar estava muito sombrio, até então eu nunca tinha visto ele me olhar dessa maneira.

— Me esconder? Por favor Henrique! Eu estava aqui quando o Beto ligou e eu apenas atendi, assuntos do trabalho, só isso.

— Você acha que eu sou algum idiota? – Ele me segurou pelo braço com tanta força que eu achei que fosse quebrar algum osso. – Você é minha mulher! Minha!

— Henrique me solta! Agora! Você esta me machucando!

— Me desculpe meu amor, me desculpe. – Ele mudou completamente o tom de voz e sua expressão também. Voltou a ser o homem por quem me apaixonei em menos de dois minutos. – É que eu te amo tanto! Tenho tanto medo de te perder meu amor, me perdoa.

Henrique se ajoelhou aos meus pés, abraçando as minhas pernas e chorando feito uma criança. Podre coitado, ele sofreu uma perda enorme em tão pouco tempo e eu não conseguia ajudar o homem que eu amo, estava me sentindo péssima e muito culpada, mesmo sem saber o motivo.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem amor, eu prometo que não vou mais irritar você. — Me abaixei e fiquei com o rosto bem próximo ao do meu noivo. — Eu também te amo tanto, sou só sua meu amor, só sua.

— Então porque não deixa o seu trabalho amor? Podemos viver muito bem, só nós dois! Podemos até morar fora do país se você quiser.

— Henrique você sabe que eu amo o meu trabalho, mas isso não me faz amar menos você! Por favor, tenta me entender.

— Eu não entendo Marian! Eu quero você só pra mim. Minha mãe sempre viveu pra mim e para o pai, cuidando da nossa casa, do nosso lar e...

— Eu não sou sua mãe Henrique!

Eu não sei dizer como aconteceu, apenas senti a mão dele no meu rosto com tanta força e em seguida o gosto do sangue dentro da minha boca. Caí de lado no chão do banheiro e me enrosquei em mim mesma, como se pudesse sumir dali ou fingir que aquele momento nunca aconteceu. Henrique não disse nada, simplesmente se levantou e saiu, me deixando deitada no chão gelado. Não sei dizer por quanto tempo fiquei ali, com meus pensamentos, as lágrimas saiam mesmo que eu tentasse impedi-las e a única coisa que eu pensava

era que eu, a toda poderosa detetive, inatingível e dona de toda razão, acabara de apanhar do companheiro.

Eu senti as mãos dele no meu corpo, me erguendo do chão e me levando para fora do banheiro, olhei para o relógio do nosso quarto e os ponteiros marcavam quatro da manhã. Henrique me colocou na nossa cama, se deitou ao meu lado com o rosto de frente para o meu e encostou sua testa na minha.

— Me perdoa meu amor. Por favor, me perdoa! Isso jamais vai acontecer, você sabe que eu te amo, não sabe?

— Eu não sei que dizer Henrique, eu...

— Não diz nada. Não agora. — Ele me interrompeu, eu fiquei em silêncio, não sei se por falta de palavras ou por medo. — Você me conhece, sabe que eu jamais te machucaria, mas quando você falou da minha mãe, eu não me consegui controlar, por favor, me perdoa.

Será que eu conheço? Meu subconsciente me perguntou, bem baixinho, mas eu não pude deixar de ouvir. Eu não falei nada, simplesmente tentei assimilar o que ele me falava e tentar achar uma forma de compreendê-lo. Afinal

relacionamentos são feitos de altos e baixos não é mesmo? Eu estava completamente apaixonada por este homem e ele por mim, só precisamos encontrar uma forma de nos entendermos. Eu tenho que fazer a minha parte, afinal de contas ele me deu tudo isso, construiu para nós dois o castelo que eu tanto sonhei e eu só sabia ser mal agradecida, não deveria ter falado da mãe dele, não faria isso novamente.

— Eu te perdoo meu amor, vamos esquecer tudo isso. Só precisamos superar e seguir em frente, não vou mais falar da sua mãe, me desculpe também, eu te amo muito.

O primeiro perdão

Custei para adormecer, com muitos pensamentos dominando a minha mente e quando finalmente adormeci, tive pesadelos terríveis. Finalmente meu despertador tocou às sete da manhã e eu acordei sozinha na cama. Levantei-me, fui até o banheiro e levei um susto quando me olhei no espelho. Eu tinha marcas roxas no braço, no local aonde Henrique me segurou e minha boca estava inchada, devido ao tapa que ele me deu na última noite. Minhas lágrimas voltaram a cair e o pensamento de como aquilo podia estar acontecendo comigo, voltaram a me assombrar, então resolvi tomar um banho gelado. Quando terminei, estava me sentindo melhor, era só uma fase de adaptação, eu havia tomado a decisão certa em mudar para cá, Henrique era o homem certo, era o meu homem. Vesti minha roupa sem minha empolgação de costume, optei por um jeans escuro e uma camiseta mais larga. Coloquei um blazer de manga comprida por cima, tampando as manchas no meu braço e me maquiei, conseguindo disfarçar o inchaço no meu lábio.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia meu amor. — Quando cheguei a cozinha, Henrique havia preparado um café da manhã incrível, com um lindo arranjo de azaléias e hortênsias em cima da mesa. Esse era o homem que eu escolhi pra mim, foi apenas uma noite ruim, eu tentei convencer a mim mesma.

— Que mesa linda Henrique, as minhas flores prediletas.

— Você merece meu amor! Você merece muito mais! Olha só o seu rosto, esse rosto lindo, o que eu fiz? Me perdoa amor. Por favor, vamos esquecer o que aconteceu ontem, me perdoa?

— O que aconteceu ontem? Eu não me lembro mais. — Resolvi colocar uma pedra sobre o assunto.

Henrique saiu antes de mim para ir ao escritório, disse que eu deveria ir para a delegacia com o meu carro, que de agora em diante ele controlaria a sua insegurança e confiaria mais em mim. Uma parte de mim, sentiu como se minha liberdade, ou parte dela, fosse um prêmio de consolação, um presente para me fazer esquecer a noite passada. Tentei afastar esse sentimento. Busquei uma nova esperança dentro de mim, quis acreditar que tudo daria certo, nós ficaríamos bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

As mesmas desculpas

Cheguei na delegacia um pouco insegura, com medo que as pessoas notassem algo diferente no meu rosto. Quando olhei pra Judy, acho que ela notou, mas discreta como sempre, não perguntou nada.

— Bom dia senhora, deixei alguns papéis urgentes na sua mesa. E ontem tivemos mais um chamado na casa da dona Rita de Cássia, as coisas por lá andam piorando muito rápido. Dessa vez ela quase aceitou fazer uma denúncia, mas desistiu no último minuto. O marido dessa vez está escondido, até a poeira baixar. O detetive Roberto tem mais informações, posso pedir pra ele ir na sua sala.

— Obrigada Judy, mas não é necessário – queria evitar o Beto a todo custo hoje, sei que por ele não passa nenhum detalhe despercebido. — Infelizmente, tudo que eu poderia fazer pela dona Rita, eu fiz. Inclusive deixei meu cartão com meu número de telefone pessoal, caso ele precise de ajuda.

— Tudo bem senhora, qualquer novidade eu lhe aviso. Posso ajudar em mais alguma coisa? – Senti

PERIGOSAS NACIONAIS

um tom mais profundo do que o de costume, mas fingi não ouvi, eu tenho tudo sob controle.

— Pode sim Judy, me arrume uma garrafa de café.

— Sim senhora.

Entrei na minha sala e me afundei na papelada em cima da mesa, havia muito a ser feito. Pobre dona Rita! Como posso ajuda-la e protege-la, inclusive dela mesma? Que situação horrível, se sentir presa a uma situação ou alguém. Nesse momento, senti uma leve semelhança entre nós duas, mas tratei logo de tirar aquilo da cabeça. O marido dela era um monstro, o meu Henrique não era assim, nossa história é diferente, nosso amor é real. Não temos nada em comum, nada!

A única interrupção que tive, foi Judy trazendo o meu café e quase ao meio dia, Beto entrou na minha sala sem bater na porta.

— Soube da dona Rita? Ontem fomos lá novamente. Não quis chamar você porque... — Ele parou de falar repentinamente e se aproximou de mim. — O que é isso no seu rosto? Marian, foi aquele filho da puta não foi?

— Calma Beto, não é nada do que você esta pensando. Eu, eu apenas usei um produto novo e acabei tendo uma reação alérgica, só isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Por favor Marian, não pra cima de mim, está bem? Não me venha com essas desculpas. Eu vou acabar com aquele filho da mãe.

— Não são desculpas, é a verdade. Não fale assim do meu noivo Beto! Eu não admito que você o insulte ou se intrometa na nossa vida. Eu sei me cuidar e está tudo bem!

— Lembra Marian, como você sempre se perguntou como as mulheres podem se sujeitar a situações de abuso constante? Talvez você esteja vivendo a resposta que tanto buscava.

Ele saiu da sala batendo a porta, suas palavras me deixaram perturbada, como ele se atreve a comparar o meu noivo com os criminosos com o qual lidamos todos os dias? Isso é tão absurdo, Henrique é um cavalheiro, não tem nenhuma semelhança com nenhum desses crápulas, apenas está passando por um momento difícil, que eu vou ajudar a superar. Apesar de ter certeza absoluta sobre a índole do meu companheiro, não consegui me concentrar pelo resto do dia. Cheguei em casa às seis da tarde em ponto, evitava fazer qualquer coisa que pudesse chatear o Henrique e era o primeiro dia em que ele me deixou ir para a delegacia com meu próprio carro, então não

poderia decepciona-lo. Não que eu precisasse da permissão dele para dirigir meu próprio carro, mas naquele momento eu sentia que sim e esse sentimento me incomodou.

— Oi amor, como foi seu dia? Estou com tantas saudades de você.

Eu não tive tempo de responder, ele me pegou no colo e me levou ao banheiro do nosso quarto, onde havia deixado a banheira pronta para um banho relaxante, do jeito que eu amava. Ele beijou com cuidado minha boca inchada, beijou os hematomas no meu braço e cada parte do meu corpo, fizemos um sexo incrível, como sempre. Resolvi apagar da memória o acontecido da noite passada, Henrique era o homem da minha vida.

Quando estávamos deitados, quase prontos para dormir, minha mãe ligou e olhei para meu noivo, mostrei a ele o visor de chamadas, como se eu sentisse necessidade de mostrar que era minha mãe quem estava ligando. Cada uma dessas atitudes que eu havia adotado nos últimos dias, me rebaixava um pouco mais, eu sentia que estava perdendo minha dignidade, mas não entendia o porquê. Fui até a sacada para atender:

— Oi minha filha, finalmente, que saudades de

você.

— Oi mãe, eu também tenho muitas saudades. — Ouvir a voz dela fez minhas emoções aflorarem e as lágrimas voltaram, mas eu disfarcei o máximo que pude.

— Seu amigo Beto me ligou, disse que esta preocupado com você meu amor, esta tudo bem entre você e o Henrique? Foi tudo tão rápido e depois que você foi morar com ele quase não nos falamos mais.

— Ah mãe, não dê atenção para Beto, ele é exagerado, esta tudo muito bem sim, só estou trabalhando demais mesmo, mas Henrique e eu estamos muito bem. Me conte sobre vocês, papai e o meu irmão, como estão todos? — Sempre fui ótima em mudar de assunto. Beto não tem o direito de preocupar a minha mãe desse jeito, ainda mais sem motivo.

— Tudo bem filha, mas você sabe que pode contar comigo, com seu pai e seu irmão não sabe? E queremos conhecer logo o Henrique pessoalmente. O Beto é um ótimo homem e grande amigo Marian, só se preocupa com você, não vá brigar com ele. — Era incrível como ele podia ler a minha mente.

Conversamos por mais ou menos uma hora

PERIGOSAS NACIONAIS

e me fez muito bem ouvir a sua voz, no final das contas precisaria agradecer ao Beto por ter feito a ligação.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo se torna motivo

Durante toda aquela semana, minha rotina com o Henrique voltou ao normal, foi como se nada tivesse acontecido e eu estava muito feliz, até acontecer de novo.

— Meu dia hoje foi péssimo, não consegui concluir a compra daquele terreno, para construção do edifício próximo ao Lago Negro.

— Calma meu amor, você vai encontrar outro. — Eu estava recolhendo a louça do jantar.

— Para você é fácil falar. Fica o dia inteiro sentada ouvindo as queixas daquelas mulheres fracas, que só o que sabem fazer é dar trabalho para os seus maridos.

— Henrique não fale assim, elas são vítimas! E diminuir meu trabalho não vai fazer você se sentir melhor, estou apenas querendo ajuda-lo.

— Me ajudar? Você nunca esta aqui Marian. Eu te dei tudo isso e você nunca esta aqui pra mim.

— Você não tem o direito de falar isso! Eu faço tudo por você Henrique!

— Eu tenho o direito de fazer o que eu quiser, você é minha Marian!

Ele veio para cima de mim e me segurou pelo pescoço com tanta força que eu achei que fosse desmaiar. Depois aconteceu igual a última vez: vários pedidos de desculpas, os presentes, o perdão, até que tudo isso virou nossa rotina. Eu fazia de tudo para esconder meus hematomas, para entender o que estava acontecendo com ele e perdoá-lo, não podia admitir que eu tinha errado tanto. Enquanto eu tentava me moldar para nunca fazer nada que pudesse deixá-lo irritado, reprimia minhas opiniões e sentimentos, ele achava motivos para poder me machucar. Ele me rebaixava, humilhava e provocava, sem eu nunca ter coragem de revidá-lo. Eu tinha uma arma dentro da minha bolsa, mas nunca pensava em usá-la, porque no final de cada agressão, eu sempre me convencia de que a culpa era minha. Henrique tinha o cuidado de não me bater novamente no rosto, para que ninguém pudesse ver minhas marcas. No momento em que ele percebeu que meu orgulho era maior que minha dor e que eu não o denunciaria, ele não me pedia mais desculpas, simplesmente colocava a culpa nos meus ombros e me falava que eu tinha merecido aquilo.

— Bom dia Challi. — Depois de muito tempo, fui

PERIGOSAS NACIONAIS

certa manhã ao café das flores.

— Minha menina, quanto tempo! Ah você esta bem? Aquele brilho nos seus olhos, não esta mais ali. O que aconteceu Marian? — Minha velha amiga me conhecia como ninguém.

— Tenho passado dias difíceis Challi, muito serviço, muitos casos de violência extrema, enfim, preciso do seu café.

— E da minha comida, você emagreceu! Henrique esta te tratando bem menina? — Eu senti a preocupação na voz dela, eu sabia que tinha emagrecido e que minha alma tinha um buraco tão fundo que era visível aos olhos.

— Ele esta sim minha amiga, Henrique é maravilhoso, só estou estressada mesmo. — Eu jamais admitiria que meu noivo não era quem eu pensava. Na verdade ele era, eu apenas o deixava nervoso, mas nós iremos superar essa fase. Fazem apenas dois meses que moramos juntos, só precisamos nos adaptar.

PERIGOSAS ACHERON

Negação e orgulho

Tomei meu café e fui pra a delegacia, rever Challi me fez bem, me lembrou da minha rotina antes de toda essa turbulência começar e como eu sentia falta da minha vida de antes. Mas eu havia escolhido essa mudança, então agora precisaria lidar com ela sozinha.

— Bom dia Judy, ainda teremos aquela reunião com o tenente hoje?

— Sim senhora, na verdade eles a estão esperando na sala de reuniões.

— Nossa, já chegaram?

— Sim, pediram para que eu avisasse a senhora assim que chegasse, para ir até lá.

Apenas entrei na minha sala para guardar minha bolsa e fui encontra-los. Estavam me aguardando o Beto e o tenente da nossa delegacia, Senhor Rodrigues, um homem na casa dos cinquenta anos de idade, com um curriculum invejável e com quem eu sempre mantive um ótimo relacionamento, ele era um grande mentor e quase um segundo pai para mim.

— Bom dia Tenente, bom dia Beto, desculpe

deixa-os esperando, mas não sabia que chegariam mais cedo.

— Tudo bem Marian, eu quis conversar com Beto primeiro. — O tenente me respondeu, com um tom mais sério do que eu esperava e Beto permaneceu em silêncio.

— Hum, tudo bem. Mas sobre o que se trata essa reunião?

— Marian, você sabe que eu sempre elogiei muito o seu trabalho e confio muito na sua competência. Mas nos últimos quarenta dias o seu desempenho tem caído consideravelmente e o episódio no caso da semana passada, me deixaram bem preocupados.

— Senhor eu peço desculpas, o que aconteceu semana passada, nunca havia acontecido antes e lhe garanto que não voltara a acontecer.

Atendemos um caso de agressão contra mulher na semana passada, prendemos o suspeito em flagrante. Ele espancou a companheira até machucar completamente o rosto dela e quando chegamos, ele só repetia que a culpa era da vítima, que ela quem tinha obrigado ele a fazer isso. Aquela coitada, estava caída no chão desmaiada, que foi salva graças ao chamado dos vizinhos. Eu não consegui me conter e avancei no suspeito

esmurrando a sua cara com toda minha força. Deixei meus sentimentos me dominarem e toda raiva que eu não conseguia canalizar aos ataques do Henrique, eu quis descontar naquele maldito na minha frente. Foi Beto quem me conteve, a situação só serviu para o Beto ficar ainda mais preocupado comigo, mas eu tinha todos os meus problemas sobre controle, foi apenas um momento de fraqueza, aquilo não podia apagar tantos casos bem sucedidos na minha carreira.

— Marian, eu conversei com o Tenente e ele concordou que eu auxilie seus casos, desde que você aceite aquela consulta com a psicóloga daqui, que eu lhe sugeri. — Aquele filho da mãe do Beto, está insistindo nisso todos os dias, mas eu já lhe disse que não preciso de ajuda, muito menos de uma psicóloga.

— Tenente, eu tenho passado por muitas mudanças recentemente, posso dar conta disso, por favor confie em mim. Eu agradeço todo cuidado do Beto, mas acho que é um pouco exagerado

— Eu confio Marian, mas esses últimos dias não me deixam alternativa. Até você se adaptar a essas mudanças, como você mesma disse, você faz apenas trabalho burocrático aqui na delegacia e

você faz as consultas com a psicóloga ou serei obrigado a abrir um inquérito.

— Tudo bem Tenente, como o senhor preferir. — Respondi derrotada e pedi para voltar a minha sala.

Como minha vida poderia ter chego a tal ponto? Eu estava vivendo em uma prisão sem grades, da qual eu não sabia como sair ou não queria sair. O castelo que tanto desejei, virou meu calabouço e o príncipe, o meu carrasco. Ei ficava apreensiva sempre que estávamos juntos, com medo de falar ou fazer qualquer coisa errada. Com medo das suas mudanças de humor. Já não fazíamos amor com frequência e eu comecei a sentir uma espécie de repulsa, cada vez que ele tocava em mim. Mas eu ainda amava o Henrique, tinha esperança em nós e sinto que não sei viver mais sem ele. Talvez ele tenha razão, se eu deixar meu trabalho o nosso relacionamento pode melhorar, talvez ele não fique mais irritado com tanta facilidade e as crises parem. Talvez eu não esteja me esforçando o suficiente.

— Marian, me desculpe mas foi a única opção de evitar que o tenente abrisse um inquérito sobre você. Não suportaria ver sua vida exposta.

— Ah Beto, por favor. Você vem insistindo nessa

droga de terapia faz tempo. Também não há nada na minha pessoal que eu me envergonhe.

— Tem certeza? — Ele me olhou e a pena que vi em seus olhos me doeram mais do que a dificuldade em respirar com minha costela trincada, resultado do último ataque de raiva do Henrique por eu ter trocado a agenda dele de lugar.

— Tenho certeza Beto. Mas de qualquer forma, vou fazer isso, se faz você se sentir melhor.

— Eu só quero o seu bem. Sua primeira sessão é hoje, logo após o expediente.

— Depois do horário? — Perguntei exaltada. Eu nunca chegava atrasada, porque Henrique e eu sempre jantamos juntos.

— Algum problema?

— Não Beto, nenhum. — Acho que um dia apenas não teria problema, eu o avisaria.

Insegurança

Meu dia foi terrível, eu fiquei o dia inteiro preenchendo papéis e fazendo o trabalho burocrático de todo o nosso departamento. Eu decidi fazer essa terapia logo, para voltar o quanto antes á trabalhar nos meus casos, não vou suportar fazer essa papelada por muito tempo. Deixei vários recados para o Henrique avisando que eu me atrasaria a noite, tentei ligar também mas ele não me atendeu e nem me retornou. Quando o final da tarde chegou, eu era uma Marian inquieta esperando do lado de fora do consultório da Doutora Helena Navarro. Que nome era esse? Descendência mexicana, talvez? Antes que eu pudesse pensar mais sobre o assunto, ela abriu a porta. Era uma mulher tão alta quanto eu, parecia estar na casa dos trinta anos e era muito bonita. Ela tem cabelos longos e escuros, com leves mechas que iluminavam o seu rosto e que definitivamente, me passava uma sensação de segurança.

— Olá Marian, finalmente nos conhecemos pessoalmente! Entre por favor. — Ela abriu mais a porta e fez sinal para que eu entrasse, eu obedeci

mas não disse uma palavra, então ela prosseguiu. — Você quer se sentar?

— Olha, eu não quero tomar o seu tempo, eu nem deveria estar aqui na verdade. Isso tudo não passa de um exagero do Beto. — Ela se sentou em uma das poltronas que havia na sala e não disse nada, apenas continuou me olhando, então resolvi me sentar também.

— Não se preocupe com o tempo, o seu atendimento é o último do dia de hoje, então não tenho pressa. Vamos começar falando sobre o Roberto então? Ele está tentando agendar uma consulta pra você há algum tempo, mas você nunca retornou as minhas ligações. Ele te fez mudar de ideia?

— Na verdade ele me obrigou — sorri um pouco amarga — ele resolveu ter uma conversa com o tenente e o convenceu de que eu preciso estar aqui, então, aqui estou eu.

— Você e o Roberto são parceiros no trabalho?

— Trabalhamos em departamentos diferentes, mas nos ajudamos em alguns casos. Somos amigos também.

— Você gosta do seu trabalho Marian?

— Eu amo o meu trabalho! Estar aqui pra mim é

PERIGOSAS NACIONAIS

uma grande conquista, não sei fazer outra coisa. Poder ajudar essas mulheres faz minha vida ter sentido.

— E além do pedido do tenente, para que você viesse me ver, você realmente acredita que não tem motivo para você estar aqui?

— Você deve estar falando do pequeno incidente da última semana, em que eu agredi um suspeito, que deixou a namorada inconsciente de tanto bater nela, isso? Foi a única vez que minhas emoções me dominaram, estou em momento de grandes mudanças e prometo que isso não vai mais se repetir.

— E você pode prometer algo que talvez não esteja sob controle?

— Sim doutora, eu já estou mais habituada com as novas mudanças na minha vida.

— E você pode me falar quais são essas mudanças?

— São assuntos pessoais.

— Tudo bem, quando você se sentir pronta, vou estar aqui para ouvi-la. Vamos falar sobre trabalho então, me conte mais sobre essas mulheres que você ajuda. Elas veem até você?

— Sim. Na maioria das vezes demoram muito até

PERIGOSAS ACHERON

virem pedir ajuda. Até pouco tempo atrás eu não as compreendia de verdade. – Acabei falando em voz alta, um pensamento que já ressoava em minha mente há algum tempo.

— E agora você compreende? – A doutora não deixou escapar a minha deixa. Naquele momento, percebi que a situação estava invertida, ela estava desempenhando o meu papel e eu era a vítima da história.

— Ah doutora, na verdade eu preciso mesmo ir embora. – Olhei pro relógio e senti uma angústia quando percebi que já eram quase sete horas da noite.

– Tudo bem, podemos continuar na próxima sessão – ela falou com calma e prosseguiu com muita segurança – Você sabia Marian, que na maioria das vezes nós nos achamos inatingíveis? Pensamos que podemos resolver os problemas de todo mundo ou que as próprias pessoas podem resolve-los e simplesmente não o fazem por falta de vontade. Mas a realidade é que quando somos nós quem precisamos de ajuda, passamos a perceber o quão difícil é aceitar essa nova realidade e que tudo aquilo que antes nos parecia simples, pode ser na verdade um grande problema quando vivido na

nossa própria pele. Todo peso dividido fica muito mais fácil de ser carregado. Você é uma ótima pessoa e uma excelente profissional, não deixe ninguém fazer você acreditar no contrário.

– Obrigada doutora, de verdade. Eu sei me cuidar.

Mas a verdade, era que ultimamente eu não sabia. Estava vivendo em uma situação de humilhação diária e simplesmente não sabia como sair dela. Eu ouvia tantas vezes que não valia nada, que eu começava a acreditar que era realmente verdade. Eu não queria acreditar, eu não podia acreditar que aquele homem lindo e charmoso por quem eu me apaixonei só existia na minha cabeça. Não, eu me recuso acreditar. Eu preciso ser melhor para ele, preciso parar de fazer as coisas erradas, de incomoda-lo tanto, porque eu sei que tudo isso é culpa minha e eu vou resgatar meu relacionamento.

Peguei meu carro no estacionamento eu fui para casa o mais depressa possível, Henrique ainda não tinha respondido minhas mensagens ou me ligado, comecei a pensar que pudesse ter acontecido alguma coisa.

O fundo do poço

Quando entrei no apartamento todas as luzes estavam apagadas, comecei a ficar apavorada. Será que alguém havia assaltado nosso apartamento? Ou pior, feito algum mal para o Henrique? Somente a claridade da rua que entrava pelas enorme janelas daquele lugar, iluminavam o seu interior. Chamei meu noivo três vezes e não obtive respostas, então quando abri minha bolsa para pegar minha arma, eu senti um golpe com toda força, atingir meu olho esquerdo. Realmente havia alguém ali. Eu caí no chão desorientada, então senti um chute nas minha barriga e logo depois outro. E então uma voz:

— Sua vagabunda! Você pensa mesmo que vai me enganar? Trabalhar até mais tarde, você acha mesmo que eu vou acreditar nisso Marian?

Eu não pude acreditar, era o Henrique, o meu próprio noivo havia preparado uma tocaia pra mim, dentro da nossa casa. Eu quis falar, eu tentei encontrar palavras, mas ele me puxou pelos cabelos e me arrastou pelo chão da sala, eu tive a sensação de que ele me mataria.

— Vamos Marian, você não é tão valente? Cadê a sua arma? Quando você pensou que podia me fazer de otário? Eu deveria imaginar, isso que você chama de trabalho, nunca foi lugar para uma mulher descente. Eu fiz tudo por você, tudo! E é assim que você me retribui?

Meu celular tocou dentro da minha bolsa nesse momento, Henrique parecia estar possuído e eu estava apavorada. Como deixei isso acontecer? Mais do que o medo, eu estava tomada pela vergonha. Meu Deus, como eu pude me enganar tanto? Que ironia do destino morrer dessa forma, logo eu que luto exatamente contra essas situações todos os dias. Logo eu que sempre me achei tão superior as mulheres que passam por isso. Por mais que eu tenha tentado me convencer durante esses meses, que eu era diferente, que o Henrique era realmente aquele príncipe que eu crie na minha imaginação, eu era exatamente como cada uma das vítimas que eu atendi todos esses anos e o Henrique não tinha nada de especial, era igual a todos os covardes que eu desprezei a minha vida inteira.

— Número desconhecido! — Ele estava com meu celular na mão. — Aprendeu a camuflar as suas traições meu amor? — A ironia e ódio presentes na

PERIGOSAS NACIONAIS

voz dele, me fizeram ficar com medo de tentar qualquer forma de defesa. – Pois você nunca mais vai usar esse telefone! Esse maldito telefone que fui eu quem pagou. – Henrique jogou o aparelho contra a parede com tanta força, que voaram estilhaços para todos os lados.

Era o Iphone de última geração, que ele havia me dado de presente assim que nos mudamos pra cá. Eu não falei nada, não tentei reagir e nem alcançar minha arma, simplesmente fiquei ali recebendo os golpes e me sentindo imprestável. Deixei que ele descarregasse toda a sua loucura e o seu ciúme infundado em cima de mim, afinal eu merecia, porque os sinais estavam ali, eu que não quis enxergar. Mas foi ali deitada no chão, como se aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa e eu fosse apenas alguém observando de longe, que eu pude enxergar claramente tudo o que aconteceu nesses últimos meses. Toda carência, ilusão, inocência e prometi que se eu saísse viva daquele apartamento, seria a última vez que Henrique tocaria em mim e esse foi o meu último pensamento antes de perder os sentidos. Quando recobrei a consciência, estava com o corpo inteiro dolorido, provavelmente algumas costelas

PERIGOSAS ACHERON

quebradas e sentia um forte gosto de sangue na boca. Levantei-me devagar, queria acreditar que tudo aquilo não passou de um pesadelo, mas meu estado físico não me permitia nem sequer pensar na possibilidade. Sentindo um dos meus olhos inchados, aquele em qual eu levei o golpe inicial, caminhei com dificuldade em direção a porta e vi Henrique dormindo no sofá da sala, com uma garrafa de vodka vazia ao seu lado. Naquele momento eu poderia pegar minha arma e acabar com ele, apenas um tiro lavaria minha alma, mas eu sabia que jamais teria coragem. Alcancei a minha bolsa devagar e caminhei até o elevador, só havia um lugar para aonde eu poderia ir.

Para minha sorte, sempre deixo um moletom dentro do meu carro e naquela noite ele foi a minha salvação, vesti a peça de roupa por cima do minha blusa suja de sangue e coloquei o capuz para que o policial que estivesse de plantão na delegacia não visse meu rosto. Meu plano funcionou, entrei pela porta lateral do prédio com meu cartão de acesso, fui em direção a minha sala de cabeça baixa e por sorte não encontrei ninguém no caminho. Às 5:00 horas da manhã eu estava dentro do meu escritório, sentada na minha cadeira,

PERIGOSAS NACIONAIS

de costas para a porta de entrada e olhando fixamente para a parede.

PERIGOSAS ACHERON

Pela última vez

Não tinha ideia do que eu faria dali em diante, mas eu tinha certeza que não poderia continuar como estava, mas que caminho tomar? Eu deveria saber de cor quais os procedimentos nessa situação, mas estando do outro lado da mesa, no lugar da vítima, fica muito difícil decidir.

Fiquei exatamente na mesma posição – sem ver a hora passar – passando por momentos violentos de choro e reflexão, até que Beto entrou na minha sala sem bater.

— Bom dia Marian! Te liguei várias vezes hoje cedo, mas seu celular só cai na caixa postal. Judy me falou que o porteiro disse que você chegou de madrugada.

— Sim, precisava pensar um pouco. Para o que você precisa de mim Beto? – Respondi fazendo a voz mais natural que consegui, sem me virar para ele.

— O que aconteceu? Você está estranha Marian – como me mantive em silêncio, ele prosseguiu – Acho que não é um bom momento e eu não trago boas notícias, mas preciso lhe informar.

— O que aconteceu? — Perguntei sem rodeios, afinal de contas o que mais poderia me afetar?

— A dona Rita de Cássia, ela se suicidou. — Ele fez uma pausa e como eu não falei nada, ele apenas continuou. — E o último número para quem ela ligou foi o seu.

Então eu não pude mais me conter. A represa de lágrimas, sentimentos e dor que já transbordava dentro de mim, se rompeu de uma só vez, comecei a chorar e soluçar copiosamente.

— Não se sinta culpada bebê, você fez tudo o que podia e não havia mais nada que você pudesse fazer... — Beto parou de falar assim que terminou de contornar a minha mesa e olhou para o meu rosto. — Meu Deus Marian, o que, o que aconteceu com você? Foi aquele desgraçado não foi? Ah meu Deus!

Eu não ouvi suas palavras, apenas me atirei nele e abracei com muita força. Eu precisava me apoiar em alguém, sentir que eu podia encontrar uma saída para o problema em que eu mergulhei e que havia sim uma âncora que me traria de volta a superfície, caso contrário meu destino seria o mesmo que o da senhora Rita De Cássia. Eu me ofereci para ser a âncora dela, eu lhe prometi

diversas vezes que a ajudaria e quando ela finalmente veio até mim, eu estava sendo espancada na minha própria casa, vivendo a mesma situação que ela viveu por muito tempo e tantas vezes eu a condenei mentalmente por não dar um basta em tudo aquilo. Eu falhei. Falhei naquilo que eu mais amava fazer, falhei com ela, falhei comigo mesma. Quando alguém caí em buraco muito fundo e escuro, ele consegue sair de lá? Porque eu estava no fundo do poço e não via nenhuma corda em que eu pudesse me agarrar para sair de lá.

— Obrigada por estar aqui Beto. — Depois de algum tempo, eu finalmente consegui me acalmar e encarar o meu amigo. E olhando naqueles olhos cheios de ternura, percebi que ele era minha corda e que se eu não a segurasse com todas as minhas forças, talvez nunca mais eu conseguiria sair da escuridão que me envolvia. — Eu preciso da sua ajuda.

— Eu estou aqui pra você bebê. — Ele me respondeu com a voz firme e eu nunca me senti tão segura. Conteí a ele tudo que estava acontecendo, sobre às vezes em que Henrique me agrediu e como fui incapaz de me defender ou impedir aquela situação. Lhe pedi desculpas, por ter sido tão

soberba, iludida e não ter ouvido os seus avisos.

— Você sabe que não tem culpa, não é Marian?

— Um pouco eu tenho sim Beto. Eu poderia ter evitado, deveria ter ouvido, dado a devida atenção aos detalhes. Eu Beto, logo eu...

— Não Marian, não se atreva a transferir pra você a culpa pelos atos daquele covarde. Nada justifica isso Marian, nada! Olha o que ele fez com você, aquele desgraçado. Você sabe o que deve fazer não é mesmo?

— Sim Beto, eu sei. Vamos tomar todas as providências legais, vou prestar uma queixa formal, mas neste momento, quero voltar pro meu apartamento. — Ele me olhou com olhar de pavor, com se eu estivesse louca. — Calma, eu só preciso olhar nos olhos dele e mostrar o que ele fez desta vez. Além disso, quero pegar algumas roupas, jogar estas no lixo e o restante das minhas coisas eu busco quando Henrique não estiver em casa, não posso ficar lá mais nenhum dia. Vou ficar em um hotel aqui perto até encontrar outro lugar.

— Eu vou com você até lá e hotel coisa nenhuma! Você vai ficar na minha casa, além de ser de graça, é mais seguro também.

— Eu não quero te atrapalhar Beto e não mereço

PERIGOSAS NACIONAIS

toda essa atenção vinda de você. Não depois da forma como te tratei. — Todos nós erramos bebê e você não é perfeita, ninguém é. Não se cobre tanto, me deixe te ajudar, por favor.

PERIGOSAS ACHERON

Coragem

Eu aceitei a ajuda dele, eu precisava de ajuda e agora eu conseguia ver isso. Eu também poderia estar morta a essa hora no dia de hoje, mas estou viva e não vou desperdiçar essa chance. Preciso ir ao hospital, também sei disso, mas posso esperar mais um pouco. Neste momento, a única coisa que quero é olhar para o Henrique sem medo, sem me senti inferior ou submissa, quero que ele veja a mulher que eu sou, mesmo depois de tudo que ele me fez.

Fomos com o carro do Beto até o prédio onde eu moro com o Henrique, não conversamos durante o caminho, o que para mim foi um alívio. Quando chegamos pedi que ele ficasse no carro, eu precisava fazer isso sozinha e depois de discutirmos muito, ele concordou, mas caso eu não voltasse em vinte minutos, ele deveria subir. Anotei a senha do elevador privativo no celular dele. Como Henrique tinha certeza do poder que tinha sobre mim, cheguei a pensar na possibilidade de que ele nem estivesse em casa, deve ter ido trabalhar como em um dia normal e quando voltar a noite, pensa que

estarei em casa esperando-o como fiz das outras vezes, fingindo que nada tinha acontecido. Mas dessa vez não! Aquela seria a última vez que ele encostava as mãos em mim.

Senti um nó no estomago quando as portas do elevador se abriram e eu estava novamente dentro daquele lugar. Eu nunca pertenci aquele lugar, quis apenas me ajustar aos desejos do Henrique, abrindo mão da minha própria vontade, da minha própria identidade, em uma tentativa frustrada de fazer a nossa história dar certo. História essa que só existia na minha cabeça e ele alimentou de maneira cruel, me aprisionando ali na tentativa de me transformar em um dos seus troféus. Ou pior ainda, uma réplica da sua mãe, de quem eu acho que ele nunca vai superar a perda. Mas eu não tenho como saber, porque na verdade eu não conheço o homem com quem eu moro e refletindo sobre isso, me dei conta da minha irresponsabilidade e total ilusão.

— Meu amor! Você quase me matou de preocupação, aonde você estava?? — Ele entrou correndo na sala, assim que ouviu o barulho das portas do elevador. Olhar para ele me fez sentir um medo horrível e fez meu corpo se encolher

instintivamente, numa tentativa ingênua de defesa. Reuni todas as minhas forças e o que me restou de coragem, dei um passo para frente, saindo de dentro do elevador e ficando de frente para Henrique.

— Meu Deus Marian, o que foi que você me obrigou á fazer? Olha só pra você meu amor. Eu não quis fazer isso! Foi você quem me provocou, eu não queria...

— Cala essa boca Henrique! E não se aproxime de mim! — Minhas lágrimas caíam pelo meu rosto inchado, sem que eu pudesse impedi-las. — Você nunca mais vai tocar um dedo em mim. E não ouse me chamar de amor, você não sabe o que essa palavra significa. Isso não é amor Henrique, é posse, é loucura!

— Não meu amor, não fala assim! Por favor! Eu prometo Marian, eu te prometo que vou mudar. Vou no médico se você quiser, faço o que você quiser. Talvez nós possamos fazer uma terapia de casal, afinal de contas, nós dois precisamos mudar.

Eu olhava pra ele, aquele rosto tão lindo, aquele corpo que eu tanto amei e comecei a pensar que talvez a louca fosse eu. Não era possível que existissem duas personalidades tão diferentes

dentro de um corpo só. Será que eu estava mesmo ouvindo ele falar aquelas atrocidades? Minha culpa? Eu precisava mudar? Então, em meio às lágrimas, eu comecei a gargalhar de forma histérica, mas não conseguia me controlar.

— Eu preciso mudar? Eu preciso mudar, seu covarde? Eu fiz tudo por você! Eu abri mão da minha personalidade, da minha liberdade, quase joguei minha carreira fora por sua culpa!

— Marian não fala assim, nós podemos resolver isso juntos! Eu faço o que você quiser!

— Eu quero que você saia da minha frente Henrique! Agora! Eu só vim buscar roupas para os próximos dias. O restante eu venho buscar junto com uma medida protetiva, em um horário em que você não estiver em casa. Você nunca mais vai encostar um dedo em mim!

Suspirei fundo, novamente reunindo o que me restava de coragem e dignidade, comecei a caminhar em direção ao nosso quarto. Passei pelos estilhaços do meu celular que ainda estavam no chão e contornei o sofá para não passar perto de Henrique. Mas ele veio até mim. Em um movimento muito rápido, ele passou por cima do sofá e me segurou pelos cabelos.

— Você é minha Marian! Você não vai a lugar nenhum, achei que você estava aprendendo a se comportar! Você me disse que era minha, só minha! Você disse! — Ele me arremessou no chão com toda força e a dor causada pelas minhas costelas trincadas me fez perder o ar. — Eu estava disposto a perdoar esse seu sumiço, mas você insiste em não fazer o que eu mando, mas você vai aprender. Você é minha Marian!

Eu senti as mãos dele em volta do meu pescoço, apertando cada vez mais, impedindo que o ar chegasse até meus pulmões. A última coisa que eu me lembro de ouvir, foi o barulho das portas do elevador se abrindo e bem distante de mim, a voz do Beto.

Epílogo

Fazem exatamente noventa dias desde que eu nasci de novo, de corpo, alma e hoje eu sou outra mulher. Estou afastada da delegacia para me recuperar do que aconteceu comigo, ganhei uma espécie de férias forçadas. Naquela manhã dentro do apartamento, se o Beto não tivesse chego no momento certo, provavelmente hoje eu não estaria aqui compartilhando a minha história. Ele imobilizou o Henrique e enquanto aguardava por reforços policiais e atendimento médico, fez todo o procedimento de primeiro socorros em mim. Eu cheguei no hospital desacordada e com parada respiratória, mas apesar de tudo, hoje posso dizer que sou uma das sobreviventes.

Henrique ficou detido por apenas vinte dias. Com toda sua influência, poder aquisitivo e bons advogados, ele conseguiu sair da cadeia em pouco tempo e responder o processo em liberdade. Logo após a sua soltura eu vim me recuperar na casa dos meus pais, esperei até que meus ferimentos estivessem amenizados para não assusta-los tanto, mas eu sabia que para me

recuperar totalmente, eu teria que estar no meu porto seguro verdadeiro: a minha família.

Antes de voltar para casa, Beto foi comigo ao túmulo da dona Rita de Cássia. Levei rosas para ela e lhe pedi perdão por ter falhado com ela, por ter falhado com nós duas. Na noite em que o Henrique me agrediu, o número desconhecido que viu no visor do meu celular e o deixou ainda mais furioso, era o número dela. Talvez se eu tivesse atendido, como prometi que faria, ela ainda estivesse conosco. Eu lhe prometi ajuda, quando não conseguia cuidar nem de mim mesma. Eu lhe prometi ajuda e quando ela finalmente teve coragem de aceitar, eu falhei terrivelmente. Me emocionei, ao ver agora o quanto somos parecidas, eu finalmente admiti que agora eu entendo como o orgulho e esperança na mudança do outro, podem ser muito maiores do que a dor física que nos é imposta.

Os dois primeiros meses foram muito difíceis. Eu tinha medo de tudo, tremia involuntariamente e ficava sempre na defensiva, como se alguém fosse me dar um soco a qualquer momento. Agora já me sinto mais forte graças ao apoio da minha família e acompanhamento

psicológico. Estou fazendo terapia e acompanhando o processo contra o Henrique de perto, nunca nos falamos ou nos vimos depois daquele dia, na verdade só de pensar em olhar para ele sinto um pavor horrível. Descobri que ele já tinha um histórico de violência desde o ensino médio, incluindo agressão física contra uma ex-namorada, mas todas as denúncias foram retiradas e apagadas dos registros policiais com ajuda dos pais dele, na época. O que me fez perceber ainda mais o tamanho do risco que eu assumi ao me envolver com uma pessoa que eu não conhecia realmente. Claro que não me culpo pelo aconteceu comigo, na verdade minha terapeuta – agora vejo a doutora Helena uma vez por semana, sem falta, por vídeo conferência até eu voltar á Gramado – esta me ajudando a realmente me convencer disso. Hoje vejo o quanto me iludi com as viagens, os presentes, o fato de ele alimentar toda minha fantasia dos contos de fadas e o sexo. Eu permiti que ele me dominasse pela paixão física que existiu entre nós dois e me deixei levar. Hoje aprendi que não importa se o corpo tem um sexo incrível, quando não existe o sentimento de que o relacionamento precisa. E apesar de eu admitir o

quanto me deixei iludir, que não ouvi os avisos do meu amigo ou da minha família, eu sei que nada justifica a violência com que fui tratada.

E assim como eu, existem tantas mulheres nesse exato momento vivendo a mesma situação, sofrendo abusos, todos os tipos de tortura e ainda culpando-se por isso. Eu sei bem disso, afinal lidava com esses casos diariamente e não me canso de ver a ironia em toda essa situação, logo eu que me considerava uma mulher forte, independente e que costumava colocar na cadeia esses criminosos, acabou indo morar com um e se tornando igual as vítimas com as quais lidava todos os dias.

Acredito que tudo na vida acontece por um motivo e sei que essa experiência que tive com o Henrique, serviu para que eu realmente entendesse o sofrimento das pessoas que eu tento ajudar. Para que eu percebesse que a culpa nunca é da vítima e eliminasse todos os meus julgamentos secretos. Aprendi que todas podemos no tornar uma vítima, não importa a educação que recebemos, o cargo que ocupamos ou todas as opiniões prontas e crenças que temos sobre o assunto, a verdade é que pode acontecer com qualquer uma de nós. Aprendi que sororidade entre as mulheres não é sentir pena

PERIGOSAS NACIONAIS

da outra ou lhe dizer que ela poderia ter evitado, mas sim apoiar-nos incondicionalmente, sem julgamentos, críticas ou “conselhos sábios”. Ninguém pode opinar sobre uma situação pela qual nunca passou e hoje eu sei disso, aprendi da maneira mais difícil.

Não deixei de acreditar no amor, na verdade conheci um amor ainda melhor: o amor próprio. Aprendi que eu não preciso de ninguém que me complete, mas que eu quero alguém que me transborde. Desistir de amar? Jamais! Apenas desisti de procurar amor aonde não existe. Aprendi que ninguém se apaixona por um agressor. Nós nos apaixonamos por homens carinhosos, na maioria das vezes inteligentes, mas que vão se revelando pouco a pouco, ao mesmo passo em que tentam mudar nossa personalidade. São gestos modestos como pedir para trocarmos de roupas, no meu caso para que eu não usasse mais saias; monitorar nossos celulares; nos afastar aos poucos dos nossos amigos e nossa família; pedir para não usarmos redes sociais e isso não tem nada a ver com cuidado ou ciúmes inocentes, mas sim com posse. Aprendi a não romantizar situações que não tem nada a ver com amor. Aprendi que não preciso ser salva por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nenhum príncipe encantado, porque eu sou forte o suficiente para ser a guardiã da torre, derrotar os meus demônios e ser dona de mim mesma.

Fui presenteada com uma segunda chance, que não vou desperdiçar. Pretendo voltar ao trabalho o quanto antes, porque amo a profissão que escolhi e nunca mais permitirei que ninguém tente me convencer do contrário. Quando encontrar Henrique no tribunal, quero que ele veja que cada marca que ele deixou em mim, serviu para me fortalecer e que apesar de tudo ele não conseguiu machucar a minha alma, aliás o meu espírito esta ainda mais livre.

Recomeçar nunca é fácil, mas é um privilégio. Hoje eu estou ainda mais forte, preparada e com conhecimento da causa em que eu atuo. Volto mais humilde, sem preconceitos ou julgamentos, não apenas uma detetive, mas também uma vítima da violência contra a mulher. Mais do que isso, eu sou uma sobrevivente e com minha experiência ajudarei ainda mais mulheres, que assim como eu, precisam saber que elas têm voz, força e principalmente, que elas não têm culpa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nota da autora

Todos os personagens e depoimentos dessa história são fictícios, oriundos apenas da imaginação da autora. Mas crimes como estes apresentados aqui, acontecem diariamente na vida real. Tráfico de mulheres, violência doméstica, importunação sexual, discriminação, preconceito, escravidão, agressão contra crianças e adolescentes são situações que fazem parte da realidade de muitas pessoas. Apesar de todos os movimentos e campanhas para combater a violência contra mulheres, crianças e adolescentes, as estatísticas de agressão e feminicídio crescem diariamente no Brasil e no mundo. Nós podemos mudar essa realidade.

Não se cale.

Denuncie.

A sua voz pode fazer a diferença.

Juntas somos mais fortes!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sobre a autora



Ale Vilamoski vive em Brusque, uma linda cidade no estado de Santa Catarina, sul do Brasil, com seu marido, dois filhos, gatos e cachorros. Formada em Administração, ela trabalhou por quase vinte anos no mercado da moda e atualmente, gerencia junto com o marido, a empresa da família, mas sua verdadeira paixão é a escrita. Este é seu primeiro livro.

Instagram: @alevilamoski

Email: alexandra@crossfitbrusque.com.br